

MARCIO BRASIL

**O GRUPO ESCOLAR VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO
E A ESCOLARIZAÇÃO DE VILA MACUCO
DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA**



SANTOS – SP
2008

MARCIO BRASIL

**O GRUPO ESCOLAR VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO
E A ESCOLARIZAÇÃO DE VILA MACUCO
DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada ao Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Aparecida Franco Pereira.

SANTOS – SP
2008

Dados Internacionais de Catalogação.
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos – UNISANTOS
SiBiU

B822g Brasil, Marcio
 O Grupo Escolar de Visconde de São Leopoldo e a
 escolarização de Vila Macuco durante a Primeira República / Marcio
 Brasil - Santos: [s.n.] 2008.
 145 f.; 30 cm (Dissertação de Mestrado – Universidade Católica
 de Santos, Programa em Educação)

I. Brasil, Marcio. II Título.

CDU – 37(043.3)

MARCIO BRASIL

**O GRUPO ESCOLAR VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO
E A ESCOLARIZAÇÃO DE VILA MACUCO
DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada ao Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Aparecida Franco Pereira.

Data de aprovação: 24 / 04 / 2008.

Banca Examinadora:

Dra. Diana Gonçalves Vidal, USP.

Dra. Wilma Therezinha Fernandes de Andrade, UNISANTOS.

Dra. Maria Aparecida Franco Pereira, UNISANTOS.

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos,
a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou
eletrônicos.

Santos, 24 / 04 / 2008

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Ednilce Ereira Gonçalves Brasil,
Minha esposa,

Nilson Brasil,
Expedito Gonçalves de Oliveira,
Nossos pais,

Maria das Dores Cordeiro Brasil e
Iria Ereira Gonçalves,
Nossas mães.

AGRADECIMENTOS

Maria Helena de Almeida Lambert,

Reitora da Universidade Católica de Santos,

Elizabeth Gonçalves Marques,

Diretora da Escola Estadual *Visconde de São Leopoldo*,

Diana Gonçalves Vidal,

Coordenadora no Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas em História da Educação da Universidade de São
Paulo,

Wilma Therezinha Fernandes de Andrade,

Coordenadora do Centro de Documentação da Baixada
Santista da Universidade Católica de Santos,

Maria Aparecida Franco Pereira,

Melissa Mendes Serrão Caputo e

Eliane Guimarães de Campos Prates

Coordenadora e Pesquisadoras do Laboratório de
Informação, Arquivo e Memória da Educação da
Universidade Católica de Santos.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi a busca e a análise de documentos do cotidiano do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo no período de gestão de seu primeiro Diretor, José Olivar da Silva (1915-1935), visando contribuir para a compreensão da escolarização da infância em Vila Macuco, bairro operário da cidade de Santos/SP, durante a Primeira República. Apesar de seu reconhecido valor histórico-cultural, a história do terceiro Grupo Escolar Estadual da cidade se reduzia a poucas notas na literatura especializada, que não esclareciam sobre o papel que ele desempenhou na escolarização do bairro e de suas crianças. O encontro de documentos do cotidiano do Grupo Escolar, tais como ofícios, livros, relatórios, projetos e fotografias, permitiu a análise de sua cultura frente aos demais elementos da cultura urbana de Vila Macuco. Como resultado, a narrativa histórica buscou analisar o Grupo Escolar como um elemento da rede organizada de instituições formais responsáveis pelo ensino elementar e como uma forma de socialização e de transmissão de conhecimentos, práticas e comportamentos.

DESCRITORES:

História das Instituições Escolares – Escolarização – Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo – Santos/SP – Primeira República.

ABSTRACT

The intent of this research was the search and analysis of documents of daily School Group Visconde de Sao Leopoldo Elementary School during the management of its first Director, Mr. Jose Olivar da Silva (1915-1935), aiming to contribute to the comprehension of children's education in Vila Macuco, worker district in the city of Santos/SP, in the time of Brazilian's First Republic. Despite its recognized historical and cultural value, the history of the Third School Group under the State control of the city was reduced to a few notes in literature, which hasn't enlighten about the role he played in education for the neighborhood and their children. The discovery of the school documents about its quotidian, such as letters, books, reports, projects and photos, allowed us to analyze their culture against the other elements of the urban culture of Vila Macuco. As a result, the historical narrative sought to analyze the School Group as an element of an organized network of formal institutions responsible for elementary education and as a way of socialization and transmission of knowledge, practices and behaviors.

KEYWORDS:

History of School Institutions – Schooling Process – School Group Visconde de Sao Leopoldo – Santos/SP – Brazilian's First Republic.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

1. Planta de localização dos Grupos Escolares em Santos (1916)	16
2. Postal do Grupo Escolar <i>Dr. Cesário Bastos</i> , Vila Mathias e Vila Belmiro (1920)	17
3. Fotografia do Grupo Escolar <i>Barnabé</i> (1902)	18
4. Fotografia do Grupo Escolar <i>Visconde de São Leopoldo</i> (1929)	19
5. Mapa de Santos, da Comissão Hidráulica (1881)	28
6. Plano de Loteamento de Vila Macuco (1887)	29
7. Planta de Santos, da Comissão de Saneamento (1903)	30
8. Fotografia de José André do Sacramento Macuco	33
9. Fotografia dos Outeirinhos (1902)	38
10. Fotografia do Hospital de Isolamento do Macuco	39
11. Projeto para Santos, da Comissão de Saneamento (1910)	41
12. O crescimento de Vila Macuco (início do século XX)	42
13. Fotografia da equipe do Hespânia Futebol Clube	45
14. Fotografia do Cine Teatro D. Pedro II	47
15. Fotografia da Associação Protetora da Criança Desvalida	48
16. Detalhe da Planta de Santos, Avenida Parque da Barra (1910)	56
17. Panorama da Escolarização de Santos (1916)	58
18. Fotografia de uma Escola Isolada Municipal (1934)	62
19. Fotografia do Grupo Escolar <i>Visconde de São Leopoldo</i> (1929)	66
20. Planta do Grupo Escolar <i>Visconde de São Leopoldo</i> (1916)	67

21. Fotografia de uma sala de aula do Grupo Escolar <i>Visconde de São Leopoldo</i> (1956)	68
22. Fotografia da festa de encerramento do ano letivo do Grupo Escolar <i>Visconde de São Leopoldo</i> , no Teatro Coliseu (1929)	78
23. Fotografia de uma classe masculina do 1º ano médio (1925)	81
24. Fotografia de uma classe feminina (1931)	82
25. Fotografia da Prof. Rosalina Alves Rodrigues e alunos, em festa comemorativa (1924)	Capa, 84
26. Fotografia da Prof. Zeny de Sá Goulart na Associação Feminina Santista (1944)	87
27. Fotografia do Prof. Antonio Eberle dos Santos, em missa de formatura de professoras normalistas (1948)	88
28. Fotografia do retrato do Visconde de São Leopoldo, situado no corredor principal do Grupo Escolar	91
29. Fotografia do primeiro diretor, José Olivar da Silva, situado no corredor principal do Grupo Escolar	92
30. Ofício do Instituto de Pesca Marítima, em resposta à correspondência enviada por aluno do Grupo Escolar (1934)	94
31. Certificado de Habilitação do Grupo Escolar (1933)	98

ÍNDICE DE TABELAS

1. Distribuição dos professores, por classe (1915-1925)	141
2. Matrículas, classes abertas e aprovações, em números absolutos (1915-1925)	142
3. Matrículas, classes abertas e aprovações, em números percentuais (1915-1925)	143
4. Número de alunos aprovados (1915-1924)	144
5. Decomposição do número de matrículas realizadas no ano letivo de 1931 por seção, por naturalidade e residência dos alunos, pela nacionalidade e emprego dos pais	144

SUMÁRIO

Introdução	11
A escolarização de Vila Macuco	25
Aspectos das culturas pré-sanitaristas	26
Aspectos da cultura sanitarista	35
A organização local das culturas	43
A organização governamental da cultura escolar	51
O Grupo Escolar Visconde de Vila Macuco	60
A construção do espaço escolar republicano	60
A organização do tempo escolar	72
Os sujeitos históricos e suas práticas	80
O corpo discente	80
O corpo docente	85
O Patrono, o Diretor, o Inspetor e outras personagens: práticas e conteúdos de ensino	90
Considerações finais	100
Fontes	107
Referências bibliográficas	117
Apêndice I – Professores	122
Apêndice II – Alunos	129
Apêndice III – Tabelas	140

INTRODUÇÃO

O objetivo fundamental desta pesquisa foi a busca e análise de documentos do cotidiano do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo no período de gestão de seu primeiro Diretor, José Olivar da Silva (1915-1935), visando contribuir para a compreensão da escolarização da infância em Vila Macuco, bairro operário da cidade de Santos, durante a Primeira República.

O interesse nesta instituição foi despertado durante os estudos de História e Historiografia da Educação Brasileira, desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos. A história do terceiro Grupo Escolar Estadual da cidade se reduzia a não mais que algumas notas na literatura especializada. Apesar de seu reconhecido valor histórico-cultural, nada se sabia sobre o papel que desempenhou na sociedade santista além de ter participado na formação de alguns de seus sujeitos mais notáveis.

O período da Primeira República no Brasil (1889–1930) é marcado por profundas mudanças socioeconômicas, como a imigração, a urbanização e a industrialização, conseqüências da política desenvolvida pelo grupo agro-exportador de café que ascende ao governo federal.

Estimulados pela forte demanda proporcionada pela lavoura de café, entraram no país cerca de 3,8 milhões de estrangeiros no período; no Estado

de São Paulo, 52,4% deste total estabeleceram residência, graças às facilidades concedidas (passagens e alojamentos) e pelas oportunidades abertas por uma economia em expansão¹. Em Santos, de acordo com as estatísticas, os portugueses formavam o principal grupo étnico no período de 1854 a 1940, representando 45% da população urbana e 54% da população masculina em 1913. A cidade se constituía, no período, por grande número de imigrantes².

A urbanização foi outro fenômeno característico, destacando-se o crescimento da cidade de São Paulo, elo entre a produção cafeeira e o porto de Santos, centro de distribuição dos produtos importados, sede dos maiores bancos e dos principais empregos burocráticos³.

O crescimento populacional de Santos, no entanto, se iniciou pouco antes, quando as construções da estrada de ferro (inaugurada em 1867) e do porto organizado (com o primeiro trecho inaugurado em 1892) favoreceram o estabelecimento de trabalhadores provenientes do interior (escravos ou libertos) e do exterior (imigrantes). Entretanto, as taxas eram menores que as da Capital, principalmente em função das epidemias de febre amarela, impaludismo, peste bubônica, varíola e tuberculose⁴.

A industrialização paulista, fenômeno tipicamente urbano, também teve bases no setor cafeeiro: ao promover a imigração, construir estradas de ferro e desenvolver o comércio, o mercado e o sistema de distribuição de produtos manufaturados foram criados, ampliados ou integrados. Tornou-se moeda de troca, o café pagava as máquinas industriais importadas, diversificando as atividades produtivas do fazendeiro e permitindo a ascensão econômica dos imigrantes, que aparecem como operários ou proprietários⁵.

A São Paulo Railway Company Limited, a Companhia de Melhoramentos da Cidade de Santos, a Companhia Docas de Santos, a Companhia Santista de Tecelagem, a Companhia Leoneza de Derivados de Banana, a Estrada de

¹ FAUSTO; 2007; 275-81.

² FRUTUOSO in PEREIRA (org.); 1995; 43.

³ FAUSTO; 2007; 284.

⁴ ANDRADE in PEREIRA (org.); 1995; 92.

⁵ FAUSTO; 2007; 207.

Ferro Santos-Juquiá, a City of Santos Improvements Co Ltd. e a Companhia Construtora de Santos aparecem como as principais empregadoras do operariado santista, caracterizando as atividades ligadas à construção civil, à circulação e ao comércio de mercadorias.

O período também se caracterizou pelo compartilhamento de idéias entre movimentos político-sociais que originaram novas formações culturais. No interior desses movimentos, surge um otimismo pela educação escolar, marcado pela crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, seria possível incorporar grandes camadas da população no progresso nacional. Nesta forma, a escolarização foi interpretada como um decisivo instrumento de aceleração histórica, e se apresentou no papel insubstituível de reformar a sociedade através da reforma do homem⁶.

Na forma de Grupos Escolares, a instrução pública produziu seu melhor modelo de ensino primário preliminar. Mas, outros tipos escolares são encontrados, como as Escolas Preliminares, as Escolas Intermédias, as Escolas Provisórias, as Escolas Ambulantes e as Escolas Noturnas⁷.

Regidas por professores normalistas em cada localidade onde houvesse de 20 a 40 alunos matriculáveis de cada sexo, as Escolas Preliminares eram instaladas em casas capazes de permitir uma sala apropriada para a realização de trabalhos manuais e uso dos demais equipamentos do mobiliário escolar, facilitando a vigilância do professor, a responsabilidade dos alunos e o atendimento às normas de higiene. Também deviam permitir as atividades físicas e de recreação, além de uma biblioteca de uso e instrução do professor. O curso acontecia por quatro anos, todos os dias (exceto nos domingos e feriados) por cinco horas, destinando-se meia hora de intervalo no meio do período. O ensino era obrigatório para alunos dos sete aos quinze anos, e visava o desenvolvimento da faculdade de observação pelo emprego de processos intuitivos, abrangendo as seguintes matérias: Leitura e gramática; Escrita e caligrafia; Cálculo aritmético; Geometria prática; Sistema métrico e decimal; Desenho à mão livre; Moral prática; Educação cívica; Geografia

⁶ NAGLE; 2001; 132-4.

⁷ REIS FILHO; 1995; 135-40.

geral e do Brasil; Cosmografia; História Natural; História do Brasil; Música e Canto; Ginástica; e Trabalhos Manuais. Em 1º de dezembro de cada ano, os alunos eram submetidos ao exame final por uma banca formada pelo Inspetor de Distrito e por dois professores nomeados por ele, que examinavam as provas escritas de cada matéria e aplicavam a prova oral, declarando em ata os alunos aprovados para a próxima série ou fornecendo o atestado de habilitação aos alunos de quarto ano⁸.

As Escolas Intermédias diferenciavam-se das Escolas Preliminares pela formação docente, pois suas aulas eram regidas por professores não-normalistas, mas habilitados em exames realizados no Palácio do Governo, perante uma comissão formada pelo Presidente da Província e pelo Inspetor Geral da Instrução Pública. Recebiam menores salários e não eram obrigados a ensinar as matérias nas quais não haviam prestado exames⁹.

As Escolas Provisórias eram regidas por professores interinos (não diplomados) que executam um plano de estudo reduzido: Leitura, Escrita, Cálculo, Geografia geral e do Brasil, Princípios das Constituições da República e do Estado¹⁰.

As Escolas Ambulantes baseavam-se na regência do professor em diversos locais, cada qual com um número inferior a vinte alunos de ambos os sexos¹¹.

As Escolas Noturnas eram regidas por professores das escolas preliminares, funcionavam das 18 às 21 horas e atendiam classes de frequência de trinta alunos do sexo masculino. Foram destinadas à educação de adultos da classe operária, e o estudo da Geometria era ampliado, enfatizando-se os processos de desenho empregados nos diversos ofícios¹².

⁸ REIS FILHO; 1995; 135-7.

⁹ Ibidem; 139.

¹⁰ Ibidem; 139.

¹¹ Ibidem; 135-9.

¹² Ibidem; 140.

Associadas à forma imperial de instrução primária, estas escolas vinculavam-se à população por laços de solidariedade e de confiança, em ambientes pouco adaptados ao funcionamento de uma escola de qualidade¹³:

O crescente movimento em defesa da instrução como via de integração do povo à nação e ao mercado de trabalho assalariado, que se viu sobremaneira fortalecido com a proclamação da República e com a abolição do trabalho escravo, significou também um momento crucial de produção da necessidade de refundar a escola pública, uma vez que aquela que existia era identificada como atrasada e desorganizada.

A educação escolar foi assumindo as características de luta do *Governo do Estado* contra o *Governo da Casa*, ou seja, os republicanos procuram afastar a escola do ambiente e das tradições culturais nas quais o espaço doméstico se organizava¹⁴.

Assim, os Grupos Escolares surgiram no Estado de São Paulo para reunir em um só prédio de quatro a dez escolas isoladas, separando os alunos por sexo, por idade e por nível semelhante de aprendizagem, refletindo uma teoria educacional fundada no ensino graduado¹⁵. Este modelo ofereceu maior organicidade e homogeneidade à escolarização, substituindo classes de alunos em diferentes níveis de aprendizagem (do 1º ao 4º ano) e de idade (a franja escolar, que era dos 5 aos 16 anos no Império, passava a ser dos 7 aos 12 anos). Mas não efetivou por completo a hegemonia pretendida no território nacional, seja pelos altos custos de implantação e manutenção de seus edifícios, seja pelas resistências oferecidas por um modelo que afastava as crianças do lar e do trabalho produtivo¹⁶.

¹³ FARIA FILHO; 2000; 29-30.

¹⁴ VIDAL; FARIA FILHO; 2005; 51.

¹⁵ REIS FILHO; 1995; 138.

¹⁶ VIDAL; 2006; 8.

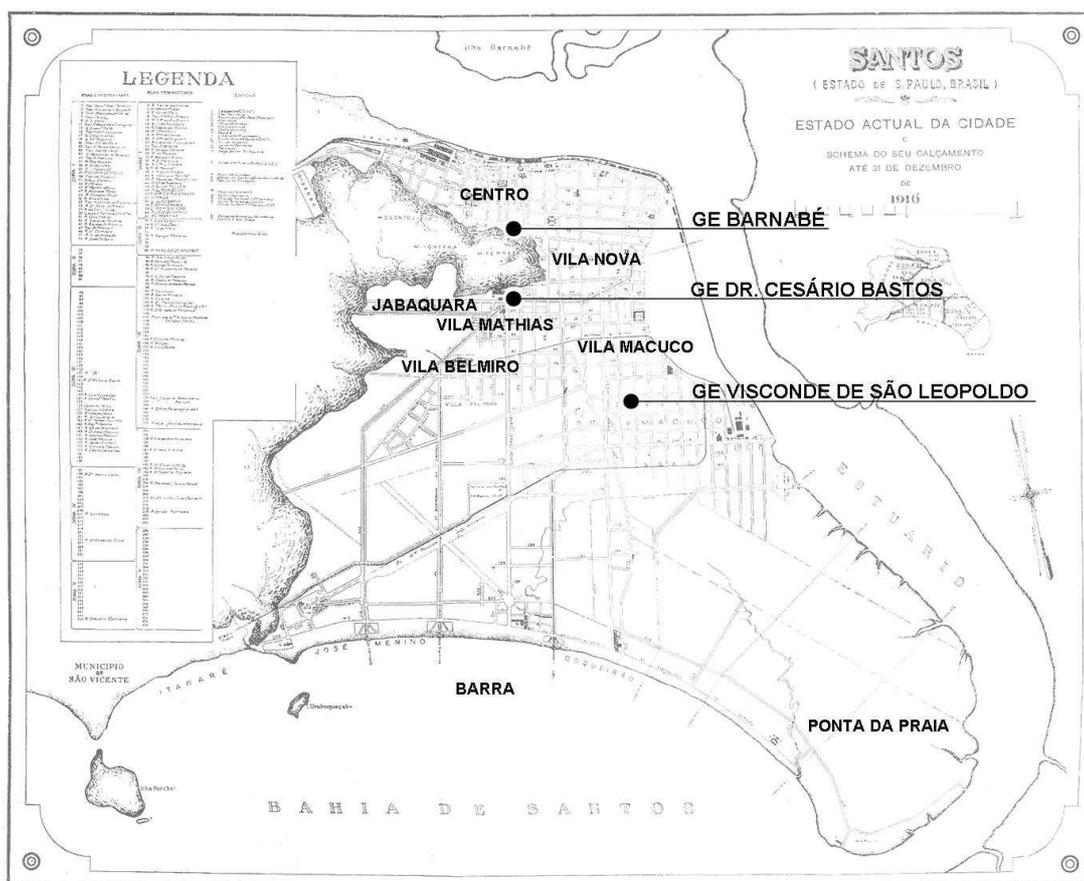


Ilustração 1: Planta de Santos, Comissão de Saneamento, 1916.

Composição a partir da planta de situação da cidade de Santos, definido o centro (urbano), e os núcleos suburbanos (Jabaquara, Barra, Ponta da Praia, Vila Mathias, Vila Belmiro, Vila Nova e Vila Macuco). O Grupo Escolar *Dr. Cesário Bastos* (1900) muda-se da Vila Nova para a Vila Mathias (1916); os Grupos Escolares *Barnabé* e *Visconde de São Leopoldo* são instalados em prédios definitivos no Centro (1902) e na Vila Macuco (1915), respectivamente.

Em Santos, a ideologia do progresso, compartilhada por intelectuais ligados a grupos liberais, cientificistas ou religiosos, promovia na cidade uma rede de instituições escolares que visava à melhoria da qualidade de vida e à inclusão social de operários e de imigrantes¹⁷.

¹⁷ PEREIRA; 1996; 28.



Ilustração 2: Cartão Postal, meados da década de 20.

Vista do Grupo Escolar *Dr. Cesário Bastos*, em primeiro plano. Em diagonal, a Avenida Dona Ana Costa separa a Vila Mathias (à esquerda) da Vila Belmiro (à direita) e liga os bairros à Barra de Santos. Defronte ao Grupo Escolar, o primeiro canal de drenagem (construído pela Comissão de Saneamento) e a garagem dos bondes elétricos (canto inferior direito) davam os ares da modernidade que chegava à cidade.

O Grupo Escolar *Dr. Cesário Bastos* (1900), instalado em residência alugada pela Câmara Municipal de Santos no bairro de Vila Nova, se constituiu na primeira reunião de escolas isoladas promovida pelo Estado, e esperou dezesseis anos pela inauguração de sua sede própria, no bairro de Vila Mathias. Situação diferente do Grupo Escolar *Barnabé* (1902), construído no centro urbano pela doação de Barnabé Vaz de Carvalhaes, importante comerciante da cidade, que destinou em testamento os recursos para sua construção¹⁸.

¹⁸ PEREIRA; 1996; 112-4.



Ilustração 3: Fotografia publicada no Jornal do Brasil, janeiro de 1902.

Vista do Grupo Escolar *Barnabé*. Ao fundo, a paisagem do centro urbano ainda é formada por edificações baixas, de aspectos coloniais.

Contrariando o que acontecia na maioria dos municípios paulistas, Santos já possuía dois Grupos Escolares no início do século XX, demonstrando o valor que a cidade representava para o governo paulista¹⁹. Contudo, concebido como reunião de escolas, o primeiro Grupo Escolar santista não foi instalado em edifício especialmente construído para esse fim e, como típica escola urbana, o segundo Grupo Escolar foi de iniciativa particular, demonstrando a força do comércio santista.

¹⁹ SOUZA;1998; 100.



Ilustração 4: Fotografia de divulgação do Grupo Escolar, 1929.

Entrada do Grupo Escolar *Visconde de São Leopoldo*, contendo o repertório empregado pelas edificações escolares da época: porão e janelas verticais, entradas separadas de crianças (laterais, uma para cada sexo) e de adultos (no centro).

O que se pode dizer do Grupo Escolar *Visconde de São Leopoldo* (1915), uma típica escola urbana instalada no ambiente suburbano? O foco numa história sociocultural da educação tem valorizado os processos de escolarização, as relações entre práticas e discursos e a escola como objeto historiográfico. A busca por pistas que caracterizem a vida escolar possibilitou a exploração de uma documentação antes ignorada em arquivos e escolas públicas²⁰.

A cultura escolar compreende, necessariamente, pensar em outras culturas institucionais, como aquelas relacionadas com a família, as religiões, o mundo fabril e o ambiente urbano; neste sentido, um dos desafios emergentes é o de estabelecer nexos entre estas instituições, o compartilhamento e a apropriação de

²⁰ VIDAL; 2006; 23.

códigos que fazem com que elas convivam, interpenetrem, dialoguem e se reforcem mutuamente²¹. Desde que²²:

Um modelo é uma metáfora do processo histórico, indicando suas partes significativas, a forma pela qual estão inter-relacionadas e a forma pela qual mudam.

Era preciso investigar a realidade, analisando o Grupo Escolar em combinação com os demais elementos culturais de Vila Macuco, considerando-o como elemento do subsistema cultural e identificando seu papel no sentido de adequar a sociedade às mudanças que se processavam²³.

Apesar da História da Escolarização da Infância se constituir em um modelo construído ao longo do tempo, a apreensão particular de um dos seus elementos permite o resgate de evidências antes descartadas na sua composição, uma disputa entre modelo e realidade que cria uma tensão criadora no processo cognitivo e que, dialeticamente, provoca o crescimento intelectual²⁴.

Assim, buscou-se o levantamento de dados originais e mais precisos possíveis da formação cultural de Vila Macuco e de seu Grupo Escolar. Os arquivos públicos ou particulares, como aqueles mantidos pela Fundação Arquivo e Memória de Santos, pelo Centro de Documentação da Baixada Santista e pela Escola Estadual *Visconde de São Leopoldo*, constituíram-se nos principais lugares de coleta.

Na Fundação Arquivo e Memória de Santos, a pesquisa no *Fundo Câmara Municipal de Santos* permitiu o encontro com processos administrativos que revelaram aspectos da relação entre bairro e cidade, de reivindicações de obras e serviços públicos promovidas pela municipalidade ao poder executivo. No *Fundo Costa e Silva Sobrinho*, as anotações deixadas pelo notório historiador santista permitiram recompor boa parte do cotidiano da cidade. Na *Hemeroteca Roldão Mendes Rosa*, a pesquisa no periódico *A Tribuna* de 1915-6 teceu relações dos Grupos Escolares com a cidade.

²¹ VIDAL; 2006; 41.

²² THOMPSON; 2001; 155.

²³ NAGLE; 2001; 134.

²⁴ THOMPSON; 2001; 156-7.

Boa parte da pesquisa se realizou no Centro de Documentação da Baixada Santista, espaço mantido pela Universidade Católica de Santos que se destaca pelo acervo de documentos coletados junto à população. Além da consulta a anuários, foi encontrado o *Fundo Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo*, contendo documentos da escola de 1928 e 1957. Nestes documentos, os ofícios encaminhados ao Diretor do Grupo Escolar permitiram tecer relações do estabelecimento com as diversas instituições da cidade; através dos mapas estatísticos, foi possível identificar professores, suas formações e as classes em que lecionaram no estabelecimento.

No arquivo da Escola Estadual *Visconde de São Leopoldo*, o cotidiano escolar estava registrado em fotografias, livros de ponto e de matrículas. Nesta cultura material, os sujeitos históricos e suas práticas se tornaram presentes, e um panorama deste cotidiano pode ser consultado nos apêndices (relações de alunos e professores, tabelas de composição de classes sociais na escola e na cidade).

Na primeira parte deste trabalho, estes dados foram reunidos segundo categorias de análise identificadas, de um lado, com as culturas sanitaristas que intervieram no território no sentido de conter as epidemias que dizimavam a população e, de outro lado, com as demais culturas locais que, estabelecidas em Vila Macuco, organizavam suas vidas de acordo com a ordem estabelecida.

Vinculadas ao primeiro grupo, se destaca a ação intervencionista do Estado no Município. Através da Comissão Sanitária, o Estado demoliu boa parte do centro urbano, expulsando a população dos cortiços em que se alojavam; ao mesmo tempo, a Comissão de Saneamento, outra autarquia estatal, organizava e disciplinava a ocupação do território através de obras e serviços públicos.

Neste contexto, a Vila Macuco se expandiu como espaço predileto de ocupação da população expulsa do centro urbano e local de grandes áreas livres e de importantes empregadores de mão-de-obra local (além da Companhia Docas de Santos, que contratava homens para o trabalho de construção

do porto de Outeirinhos, a Companhia Santista de Tecelagem vai se destacar pela contratação de mulheres e crianças).

Diante das culturas sanitaristas (de aspectos urbanos e industriais), as culturas locais já estabelecidas (de aspectos agrários e comerciais) se submeteram a uma nova ordem, de uma base econômica local que se caracterizava pela exploração da natureza (representada pelo pasto da família Macuco, pela caieira de Xavier Pinheiro ou pela agricultura de proprietários menores junto aos Outeirinhos) para a exploração do trabalhador (representada pelas companhias que promovem o controle da produção e da reprodução da força de trabalho).

Sinal significativo das mudanças que se processavam, o Hotel América, antro de prostituição que deslocava trabalhadores do núcleo urbano para a Vila Macuco e se destacava no comércio dominado pela venda de produtos e serviços para as moradias e para as obras que são realizadas na cidade, desaparece entre bares, botequins e restaurantes que vão se tornar em opções de lazer para os trabalhadores locais. Além dos primeiros carnavais, também o futebol vai se constituindo em prática de lazer organizado, e a Vila Macuco torna-se berço dos grandes times santistas.

Possivelmente, isso ainda pode ser tomado como uma alteração na *base*. Porém, mudanças involuntárias dessa ordem jamais reestruturam ou reorganizam um modo de produção assim, espontaneamente. Talvez introduzam novas forças e modifiquem a correlação de poder e riqueza entre classes sociais diversas. Mas a consequência da reestruturação das relações de poder, das formas de dominação e da organização social tem sempre sido um desdobramento do conflito. A transformação da vida material determina as condições dessa luta e parte de seu caráter, mas o resultado específico é determinado apenas pela luta em si mesma. Isso significa que a transformação histórica acontece não por uma dada *base* ter dado vida a uma *superestrutura* correspondente, mas pelo fato de as alterações nas relações produtivas serem *vivenciadas* na vida social e cultural, de repercutirem nas idéias e valores humanos e de serem questionadas nas ações, escolhas e crenças humanas.

Na perspectiva histórica de Thompson²⁵, as mudanças involuntárias na vida material também alteram o equilíbrio das relações produtivas. Desde que a divisão teórica da historiografia marxista, de uma *base econômica* que organiza a *superestrutura cultural*, reduz todos os problemas a um *determinismo*

²⁵ THOMPSON; 2001; 227-63.

econômico vulgar, desprezando dados por pura impossibilidade de classificação, o autor descarta as atuais noções de econômico, retornando à plena acepção que Karl Marx atribuiu ao modo de produção, determinado pelas culturas e determinante da história, reproduzidor da vida e de seus meios materiais.

De caráter contraditório, as mudanças percebidas no primeiro período republicano em Vila Macuco demonstram o conflito no modo de vida local, onde as comunidades foram se conformando à sociedade envolvente. Uma mudança, de caráter convergente, se destaca: o surgimento de escolas no bairro, se configurando como uma rede organizada de instituições formais responsáveis pelo ensino elementar da leitura, da escrita, do cálculo, da moral e da religião²⁶.

Em contraposição à forma domiciliar de ensino, a primeira escola do núcleo, de iniciativa privada, vai se destacar pelo auxílio à infância desvalida, vítima das grandes epidemias que assolavam o território. Até 1915, uma rede escolar composta de escolas públicas e particulares vai se constituir em Vila Macuco, culminando com a inauguração do Grupo Escolar *Visconde de São Leopoldo*.

Na segunda parte, a escolarização da infância foi compreendida como um processo de produção de referências sociais, que tem, na forma escolar de socialização e transmissão de conhecimentos, o eixo articulador de sentidos e significados. Nesse caso, os Grupos Escolares vão introduzir no meio social uma cultura tipicamente escolar, incorporando conhecimentos, práticas e comportamentos nos sujeitos através de normas que definem quais conhecimentos e condutas deverão ser ensinados ou inculcados²⁷. Os dados coletados para análise foram organizados segundo as categorias espaço, tempo, sujeitos, práticas e conhecimentos escolares.

O espaço escolar cumpre uma função educativa essencial, dispondo e diferenciando sujeitos e objetos nos diversos compartimentos internos,

²⁶ FARIA FILHO in LOPES; MACEDO (org.); 2002; 16-9.

²⁷ Ibidem; 16-9.

projetando-se física e simbolicamente para o exterior e distinguindo-se no ambiente urbano de outras instituições, como a familiar e a religiosa²⁸.

O tempo escolar também exerce sua força educativa, na medida em que busca delimitar e controlar os tempos pessoais e institucionais, construindo e reforçando ou destruindo e desautorizando relações sociais, criando uma ordem social e escolar²⁹.

Encontrar os sujeitos escolares permite compreender as práticas desenvolvidas no terreno delimitado por outros, desenvolvendo práticas de apropriação e de sobrevivência que colocam em funcionamento a instituição escolar e a constroem, construindo a si mesmos como sujeitos sociais³⁰.

Os conhecimentos estiveram intimamente relacionados às transformações da escola e do seu entorno. As materialidades e formalidades das práticas pedagógicas escolares permitem perceber posições de poder, modos de fazer e de instituir identidades³¹.

Enfim, uma parte da história do Grupo Escolar *Visconde de São Leopoldo* foi construída, de acordo com os documentos que foram encontrados. Nas considerações finais, buscou-se compor uma síntese do conhecimento, definindo novas abordagens para a pesquisa.

²⁸ FARIA FILHO in LOPES; MACEDO (org.); 2002; 17-8.

²⁹ Ibidem; 17.

³⁰ Ibidem; 18.

³¹ Ibidem; 19.

CAPÍTULO I

A escolarização de Vila Macuco

José Severino, personagem de *Navios Iluminados*, partiu do sertão nordestino para Santos, buscando melhores condições de vida. Trocou a roça pelo cortiço (instalado em um dos inúmeros chalés de madeira na Rua Conselheiro João Alfredo), pelo trabalho portuário (trabalhou na mortona³², nos batelões e nos porões dos navios que chegavam para o embarque ou desembarque de mercadorias) e pela diversão no Gaiato de Lisboa (um boteco no percurso da casa ao trabalho). Porém, morreu pobre e resignado, na ala de tuberculosos da Santa Casa, com a doença contraída pelas precárias condições de vida.

O olhar de Ranulpho Prata³³ sobre o morador do Macuco contrasta com a vida de Plínio Marcos, o maior embaixador do bairro. Depois de abandonar a escola e a estiva, Marcos escreveu livros que vendia em praças públicas, retratando o cotidiano marginal da sociedade, do porto e do seu bairro. No teatro, sua obra lhe rendeu destaque nacional.

³² A mortona era o setor da Companhia Docas de Santos que realizava reparos nos navios atracados no porto. Situada no final da Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, abrigava peças usadas de reposição, aparentando ser um ferro-velho.

³³ PRATA; 1996. O sergipano Ranulpho Prata foi médico, clinicando por mais de quinze anos em Santos, desde 1926. Em 1937, publicou o romance *Navios Iluminados*, que narra o cotidiano dos trabalhadores portuários de Vila Macuco. Seu filho, Paulo Prata, nascido em Mirassol em 18 de janeiro de 1921, residente à Avenida Conselheiro Nébias 460, foi matriculado no 1º ano primário B do Grupo Escolar “Visconde de São Leopoldo” em 31 de janeiro de 1931.

A literatura científica, por outro lado, enfatiza os movimentos operários que paravam o porto e a cidade. O operário portuário não é retratado por sua resignação, mas pela suas lutas sindicais, em títulos como *O polvo e o porto*³⁴, *O porto vermelho*³⁵, *Operários em luta*³⁶, *Lutas e sonhos*³⁷, *Pátria vermelha*³⁸, *Operários sem patrões*³⁹ e *A moscouzinha brasileira*⁴⁰.

Enfim, parece que o maior bairro operário da cidade ofereceu, durante a Primeira República, um ambiente que foi além da cultura portuária e sindicalista. Assim, foi a partir do encontro com os demais aspectos culturais do bairro é que se buscou evidenciar a formação de uma rede escolar local, onde foi inserido o Grupo Escolar *Visconde de São Leopoldo* a partir de 1915.

1. Aspectos das culturas pré-sanitarista

A formação de Vila Macuco está relacionada às ações da família Macuco no território santista. No início do século XIX, Francisco Manoel do Sacramento, “pardo ou mulato”, transferiu-se para Santos, onde constituiu moradia e açougue na casa 20 na Rua Meridional, bairro dos Quartéis⁴¹.

Em 12 de outubro de 1822, sua presença na cidade já é percebida, quando participa da aclamação ao Império de D. Pedro I⁴², e sua riqueza se constituía pelos rendimentos obtidos pelo comércio de carne e pela exploração de seis escravos e um pasto, junto ao Caminho da Barra⁴³. Foi a caça de macucos, neste pasto para venda no açougue e para consumo próprio, que valeu o apelido de Sacramento, adotado como nome⁴⁴.

³⁴ HONORATO; 1996.

³⁵ SARTI; 1981. TAVARES; 2001.

³⁶ ARAÚJO; 1985.

³⁷ GONÇALVES; 1995.

³⁸ FONSECA; 2002.

³⁹ SILVA; 2003.

⁴⁰ TAVARES; 2007.

⁴¹ RODRIGUES; 1976.

⁴² SANTOS; 1986; 165; v. I.

⁴³ RODRIGUES; 1976.

⁴⁴ SANTOS; 1986; 330; v. II.

Assim, o nome que passou da ave ao homem, como cognome ou apelido, passou a uma família inteira, e desta passou à terra, ao chão que lhe pertencera, primeiro como “Pasto do Macuco” e “Chácara do Macuco”; depois como “Campo do Macuco”, “Macuco” e “bairro do Macuco”, os dois últimos ainda hoje correntes.

Até 22 de julho de 1820, a gleba de Outeirinhos se constituía em rossio municipal, terras doadas pelo Capitão-Mor Jorge Ferreira à Câmara Municipal desde 20 de julho de 1556, para uso extrativista da população. Mas, o retorno de José Bonifácio de Andrada e Silva, e com ele a idéia de constituir uma chácara empregando as modernas concepções que trazia da Europa, como o trabalho assalariado, promoveu a doação das terras pela Câmara Municipal ao Patriarca da Independência⁴⁵. Contudo, sua atuação política impediu de realizar o projeto, declarando já em 1825 que desejava mesmo era terminar seus dias nesta chácara⁴⁶.

Em 23 de outubro de 1838, a viúva de Francisco Manoel do Sacramento Macuco, Manuela Urcesina da Silva, adquiria a gleba do espólio de José Bonifácio por R\$ 300\$000. A chácara de Outeirinhos possuía 1.100 metros de frente para a praia do canal da Barra Grande, e 1.760 metros de frente para o Caminho Velho da Barra⁴⁷.

De acordo com o mapa de José Luiz de Mattos do início do século XIX, o antigo caminho da Barra era a divisa entre o pasto dos Macucos e o pasto das Vigárias, pontos de referência do que virão a ser os bairros de Vila Macuco e de Vila Mathias⁴⁸.

Outro mapa, realizado pela Comissão Hidráulica em 1881, grafa o Rio dos Soldados como Rio dos Macucos, definindo o limite da gleba ao norte. Desta forma, a gleba de Outeirinhos se estendia ao sul até proximidades da Avenida Conselheiro Rodrigues Alves.

⁴⁵ ANDRADE; 1989; 50-51.

⁴⁶ SANTOS; 1986; 237.

⁴⁷ ANDRADE; 1989; 51.

⁴⁸ A reprodução deste mapa, realizada por Benedito Calixto em 1922, encontra-se no Arquivo Histórico Municipal de Cubatão.

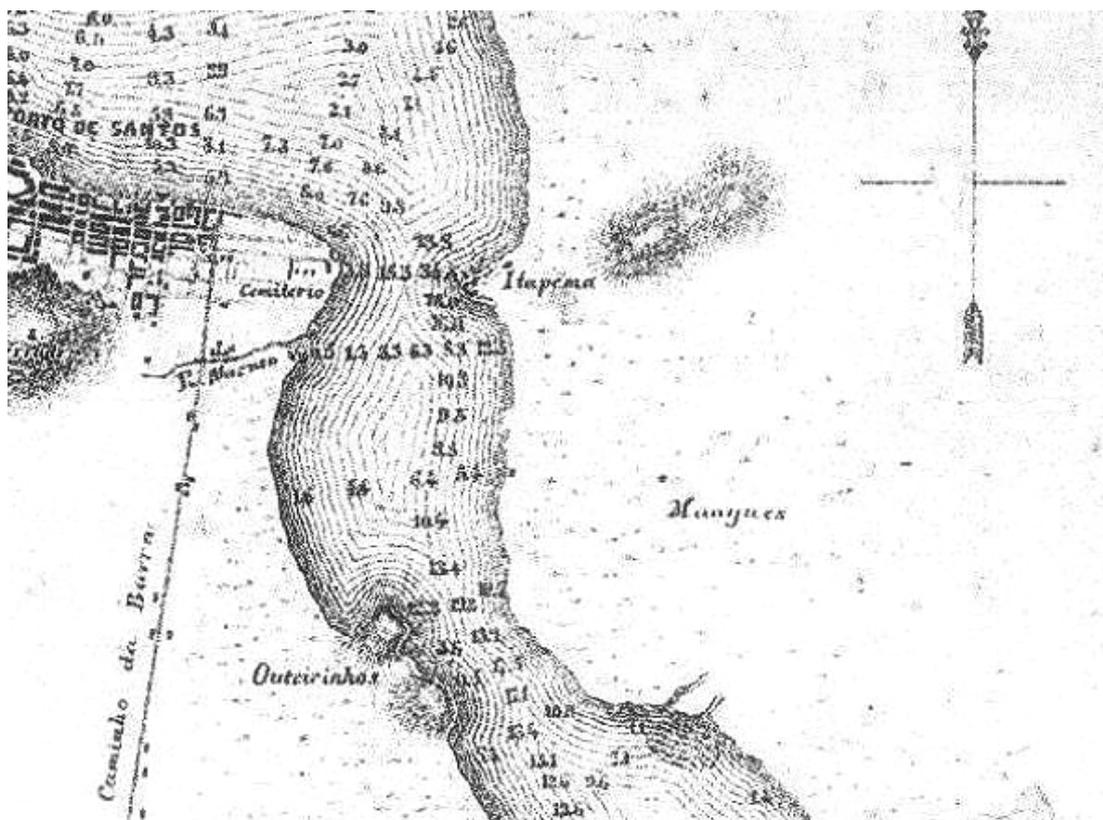


Ilustração 5: Mapa da Comissão Hidráulica, 1881.

O Rio dos Soldados, identificado neste detalhe do mapa como Rio dos Macucos, se constituiu no limite natural ao norte da gleba da família de Sacramento Macuco. Uma linha imaginária dos Outeirinhos ao Caminho da Barra definia o limite da gleba ao sul.

O projeto mais antigo de Vila Macuco data de 1887 e encontra-se no Cadastro Técnico da Prefeitura Municipal de Santos. Trata-se de uma implantação ordenada cartesianamente, definindo seus limites da Rua Xavier Pinheiro à Rua Luiz Gama, e da Avenida Conselheiro Nébias à Rua 28 de Setembro.

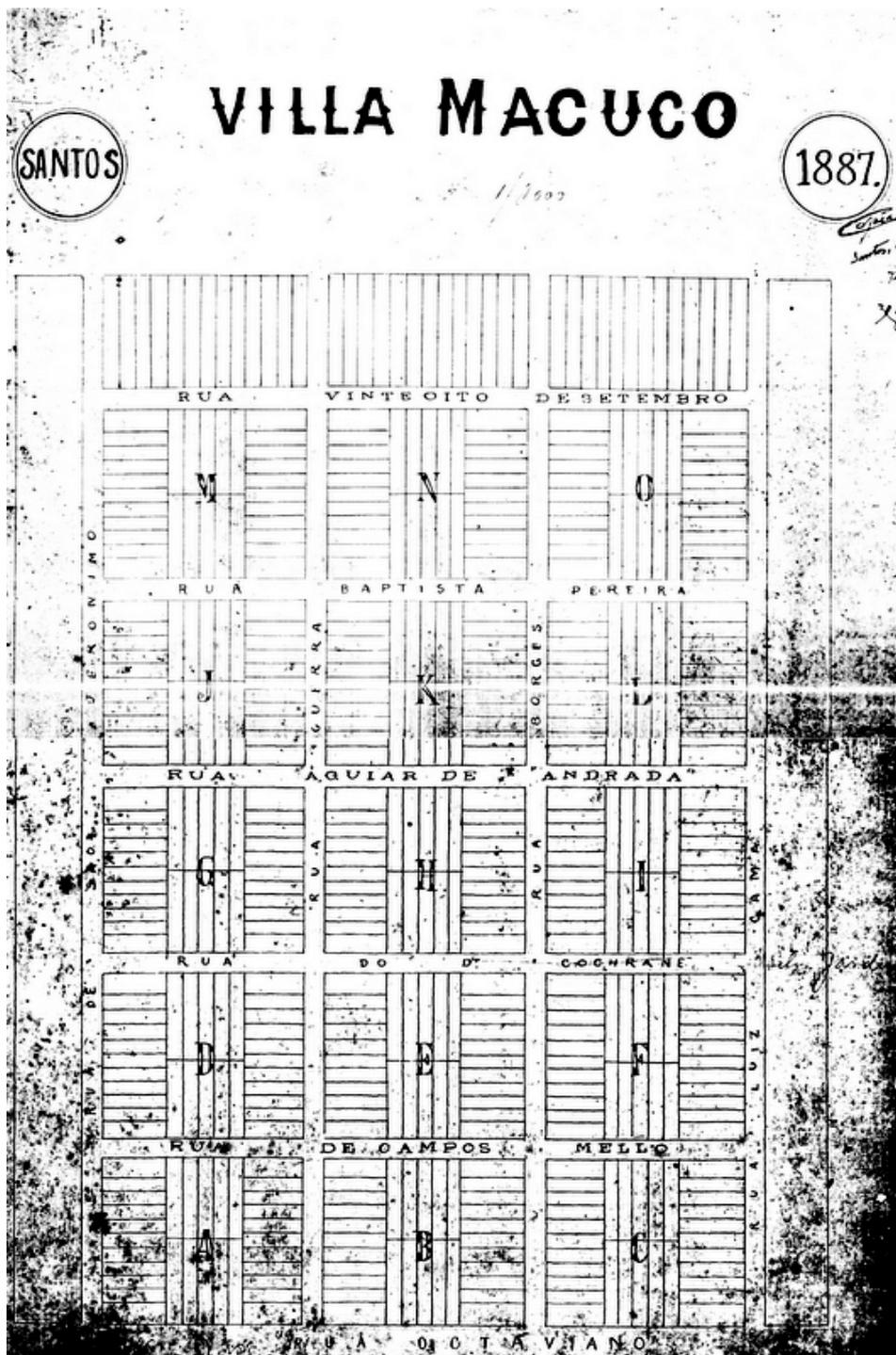


Ilustração 6: Loteamento de Vila Macuco do Cadastro Técnico da Prefeitura Municipal de Santos, 1887.

Formada pelas ruas Vinte Oito de Setembro, Baptista Pereira, Aguiar de Andrada (atual Manoel Tourinho), Dr. Cochrane (Silva Jardim), Campos Mello, Octaviano (Avenida Conselheiro Nébias), São Jerônimo (Xavier Pinheiro), Guerra (João Guerra), Borges e Luiz Gama, a Vila Macuco se constituía originalmente por quinze quadras urbanas e ocupava a porção sul da gleba.

De acordo com o levantamento planialtimétrico da cidade de Santos de 1903, realizado pelo Engenheiro José Pereira Rebouças, da Comissão de Saneamento, a Vila Macuco estava implantada em posição estratégica para o crescimento da cidade, no meio do principal eixo de ligação do centro urbano à praia.

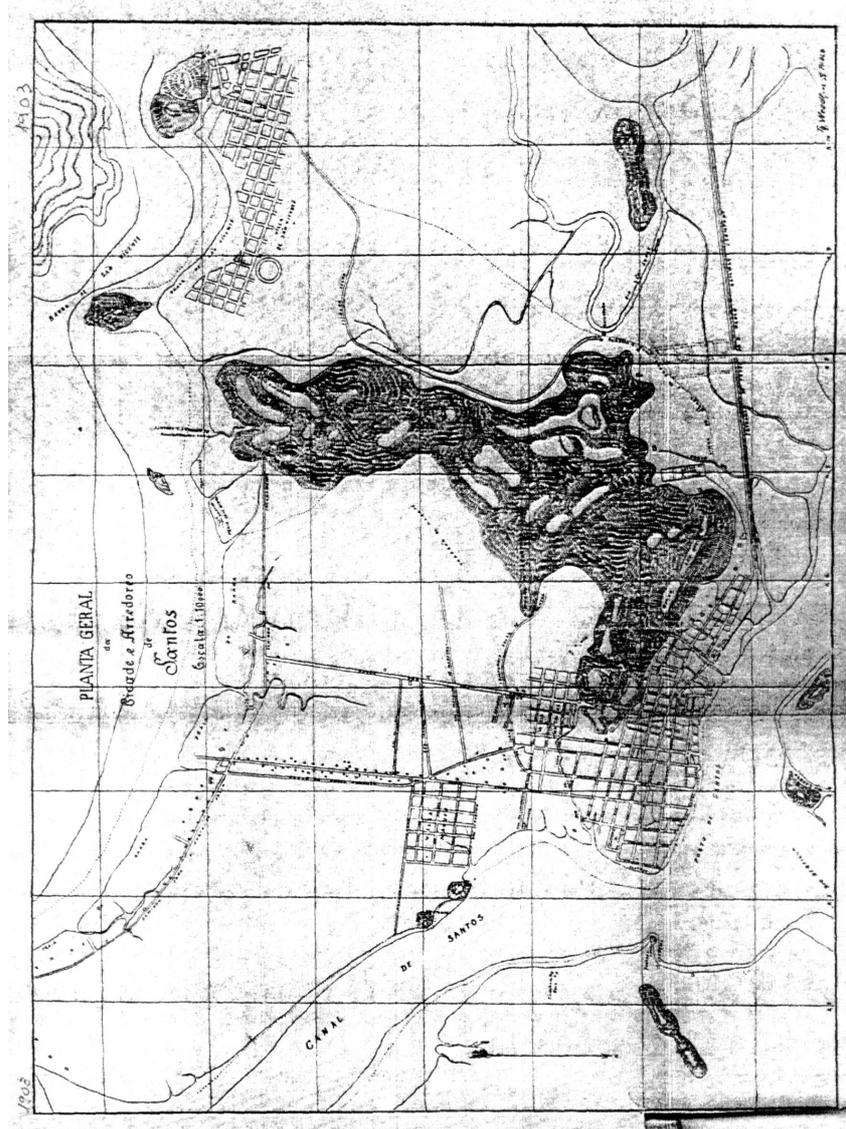


Ilustração 7: Planta da Comissão de Saneamento, 1903.

Esta reprodução realizada na Capital a partir do levantamento de Rebouças demonstra que, no início do século, apenas a Vila Macuco se constituía em núcleo isolado do centro urbano, que já se integrava à Vila Mathias e à Vila Nova.

Atribui-se o parcelamento da gleba a Luiza Maria do Sacramento Macuco, filha de Francisco Manoel do Sacramento e Manuela Urcesina da Silva. Casada com o Tenente José Apolinário da Silva, Dona Luiza Macuco desponta na sociedade como representante da tradicional família, servindo de nota à ação meritória publicada em dois de março de 1880, no Diário de Santos⁴⁹:

Dona Luiza Macuco deu liberdade à sua escrava Francisca, de 38 anos de idade. Atos desses não se comentam: basta trazê-los a público para que todos apreciem devidamente quem os pratica.

Seu falecimento, em 22 de novembro de 1885, também foi digno de destaque⁵⁰. O projeto de 1887, portanto, trata do parcelamento de parte das terras destinadas aos dotes de suas filhas, representados pelas ruas Borges e Guerra, dos casamentos de Ângela Macuco com João Borges Vieira e de Rita Macuco com Antonio de Souza Guerra.

De fato, as denominações das ruas representam o domínio que a família Macuco exercia na gleba: Luiza Macuco, Anna Macuco, Antonio Macuco⁵¹, João Macuco⁵², Ângela Macuco e Joaquim Macuco são as atuais ruas Dona Luiza Macuco, Padre Anchieta, Senador Dantas, Conselheiro João Alfredo, Rodrigo Silva e Eusébio de Queiroz, respectivamente⁵³.

Entre a Rua 28 de Setembro e o Outeirinho Leste, o parcelamento desordenado das terras definia chácaras ocupadas antes de 1887, pelos herdeiros dos irmãos de Luiza Macuco⁵⁴, inclusive. Até 1897, quando estas chácaras são desapropriadas pelo Estado, são relacionadas as propriedades de cidadãos portugueses em grande parte, como João Martins Franco, Luiz Alves de Amorim

⁴⁹ RODRIGUES; 1973; 407.

⁵⁰ LIMA; CARVALHO; 1887; 39.

⁵¹ Antonio Carlos do Sacramento Macuco, filho de Luiza Macuco, é eleitor do 11º Quarteirão e mantém um açougue à Rua General Câmara, 119. Em 25 de outubro de 1885, assina com outros açougueiros uma escritura, obrigando-se a manter o preço da carne verde em 400 réis o quilo, sob pena de multa de 500\$000 (Ibidem; 36, 229).

⁵² João Francisco do Sacramento Macuco, filho de Luiza Macuco, é eleitor do 20º Quarteirão (Ibidem; 234). Em 1884, tem seu nome envolvido em ação judicial promovida pela empresa Arruda & Viegas, que tratava de furto de 4.700 sacos para café por escravo da empresa. Nos autos, João Macuco declarou-se caixeiro comercial, empregado da empresa e alfabetizado, além de reconhecer a falsificação de sua assinatura na transação ilícita (ROSEMBERG; 2006; 159-168).

⁵³ RODRIGUES; 1973.

⁵⁴ Além de Luiza, Francisco e Manuela geraram Francisco e Maria.

Coelho, Maria Joaquina dos Prazeres Machado, Rita Guerra, Carolina Macuco, Brazilio Monteiro da Silva, Gervásio de Andrade, Francisco Vaz de Carvalhaes Sobrinho e Antonio Iglezias da Silva Taylor⁵⁵.

Ainda por volta de 1880, ao norte da Vila Macuco, entre as ruas Dona Luiza Macuco e Xavier Pinheiro, a exploração de terras na forma de pastagem, promovida pela família Macuco, preservava o território para o crescimento urbano, enquanto a exploração de caieira junto ao Outeirinho Oeste, promovida pela Fábrica de Cal São Benedito do Paquetá, tratava de desmontar o pequeno monte. Na Rua 28 de Setembro, desenvolvia-se o comércio, com atividades relacionadas às moradias e ao lazer dos trabalhadores⁵⁶. No fundo, é nas ações de Joaquim Xavier Pinheiro e de José André do Sacramento Macuco que se poderá compreender a economia local.

Joaquim Xavier Pinheiro foi delegado de polícia, vereador, provedor da Irmandade da Santa Casa Misericórdia e abolicionista (fundador da Sociedade Emancipadora 27 de Fevereiro), funções que lhe deram destaque na sociedade local. Proprietário da Fábrica São Benedito do Paquetá, enriqueceu-se através da extração de cal de sambaquis, que vendia para as novas construções⁵⁷. A localização da fábrica junto ao Outeirinho Oeste⁵⁸ permite afirmar que, além de ter iniciado seu desmonte, constituiu ali ocupação de trabalhadores livres ou escravos.

José André do Sacramento Macuco foi o vulto social mais influente da família. Atuou como segundo vigário da Sociedade Fraternidade (maçonaria), procurador da Irmandade do Senhor dos Passos e escrivão da Irmandade de Nossa Senhora do Terço⁵⁹.

⁵⁵ ROSSI; 2004; Anexo B.

⁵⁶ LIMA; CARVALHO; 1887.

⁵⁷ RODRIGUES; 1973; 641-2.

⁵⁸ LIMA; CARVALHO; 1887.

⁵⁹ Em oito de setembro de 1886, ele é sorteado festeiro de Nossa Senhora do Monte Serrate.

Politicamente, o bacharel em Direito formado pela Universidade de Pensilvânia⁶⁰ foi eleitor do 17º Quarteirão, delegado de polícia⁶¹, promotor, vereador⁶² e intendente municipal⁶³. Em 1878, fundou O Raio, primeiro órgão santista de propaganda republicana⁶⁴ e de 1881 a 1888, participou da Bohêmia Abolicionista, uma agremiação formada pela juventude santista destinada a divulgar as idéias abolicionistas através do *panfletarismo violento* e da organização de espetáculos artísticos⁶⁵ e literários⁶⁶.



Ilustração 8: Fotografia de Sacramento Macuco publicada em A Tribuna, 26 de janeiro de 1939.

A fotografia de José André do Sacramento Macuco ilustrou a edição comemorativa do primeiro centenário da cidade de Santos, no caderno dedicado aos poetas, prosadores e jornalistas que se destacaram na imprensa local.

⁶⁰ RODRIGUES; 1973; 354.

⁶¹ Como delegado de polícia, proibiu a entrada de menores em hotéis em dois de dezembro de 1885; em nove de fevereiro de 1886, entregou 50\$000, remetido por anônimo, ao procurador da Santa Casa de Misericórdia de Santos; dois dias depois, fechou uma casa de jogos na Rua 28 de Setembro, em Vila Macuco (LIMA; CARVALHO; 1887).

⁶² Colabora na elaboração da Constituição Municipal de 15 de novembro de 1894 (RODRIGUES; 1973; 354)

⁶³ Renunciou em sete de março de 1895, após dar posse ao vereador eleito Quintino de Lacerda, líder do Quilombo do Jabaquara (SANTOS; 1986; v. II; 261).

⁶⁴ Ibidem; 244-5.

⁶⁵ Em 1894, Sacramento Macuco doava 350 mil réis à escrava Bárbara para compra de sua liberdade (ROSEMBERG; 2006; 191). Consta também a estréia no Teatro Guarani de sua peça intitulada *A sombra da cabana*, marcada por delirante ovação quando, ao seu final, converteu-se a renda do espetáculo para compra da liberdade de um escravo que recebeu a carta em plena cena (SANTOS; 1986; 224; v. II).

⁶⁶ Além das peças *A Sombra da Cabana*, *A Carta*, *A Viscondessa*, *Capitão do Mato*, *Carlota*, *Celeste*, *Crime de Mãe*, *Estrela da Tarde*, *Moços Distintos* e *Ser Pensante*, Sacramento Macuco também escreveu *José Maurício*, *O 15 de Novembro* e *O Município de Iguape* (COUTINHO; SOUSA; 2001).

Juntos, Xavier Pinheiro e Sacramento Macuco recebiam destaque da crônica local pelos atos que realizavam no centro urbano; mas, no subúrbio, mantinham uma relação de exploração da força de trabalho liberta. Ao mesmo tempo em que emprestavam dinheiro aos escravos para compra de suas cartas de alforrias, os benfeitores criavam a dependência econômica do liberto que, sem outras condições para prover sua existência, se submetiam aos trabalhos oferecidos por eles até a quitação da dívida⁶⁷.

Por outro lado, o uso dos libertos como massa de manobra promovia a desvalorização de terras ocupadas por eles, valorizando outras do mesmo proprietário⁶⁸; ou seja, a ocupação de Vila Macuco valorizava as terras do pasto, da caieira e das chácaras. Simbolicamente, a Rua 28 de Setembro, principal eixo do comércio local, se refere à data de promulgação da Lei do Ventre Livre (1871) e da Lei dos Sexagenários (1885), assim como a Rua de São Jerônimo, hoje Xavier Pinheiro, se refere tanto ao doutor da Igreja Católica quanto a Xangô no sincretismo religioso da cultura européia com a africana.

Além de bilhares, lotérica, taverna, charutaria, lojas de calçados e de secos e molhados, os hotéis de Prosper Duprat e o América caracterizam o comércio nos chalés⁶⁹ da Rua 28 de Setembro.

O Hotel América, situado na Rua 28 de Setembro 25, foi o principal local de afluência dos trabalhadores urbanos e de ocorrências policiais⁷⁰. O

⁶⁷ Em 1882, na ação promovida por Marcellina, “preta liberta”, contra João Francisco do Sacramento Macuco, é denunciada a existência de um contrato firmado entre as partes, na qual a analfabeta, se prontifica a prestar serviços até a quitação da dívida, que nunca acontece (ROSEMBERG; 2006; 229). No mesmo ano, Joanna Evangelista da Silva, representada pelo advogado José André do Sacramento Macuco, cobrava a dívida de 520\$000 da ex-escrava Sebastiana, em espécie ou em serviços (Ibidem; 220-1).

⁶⁸ Não são poucos os exemplos relacionados por Rosenberg (2006) sobre esta prática na Vila Mathias. No inventário de Quintino de Lacerda (1898) constavam diversos imóveis no Jabaquara, na Vila Mathias e na Vila Macuco, dentre eles uma casinha de madeira na Rua Guerra e de dois terrenos com chalés na Rua Campos Melo (LANNA; 1996; 252).

⁶⁹ Na virada do século XX, os chalés significaram tanto um tipo de edificações rurais de madeira ou urbanas de alvenaria, quanto aos locais de jogos, loterias, bares e botequins (ANDRADE; 1989; 217-9).

⁷⁰ Em 1881, durante inquérito relativo ao roubo de uma casa comercial na cidade, os suspeitos partiam do trabalho para o bilhar de José Ferreira Remião, depois para o Hotel Madrid e, finalmente, terminam sua noite no Hotel América. O depoimento de Manoel Pereira Alves Bastos, dono do América, afirma que um dos envolvidos costumava frequentar o quarto de Segunda Vidal, mulher que ele ignorava se era prostituta (ROSEMBERG; 2006; 71-2).

ponto de prostituição, freqüentado por todas as classes⁷¹, foi tolerado pela vizinhança⁷² e pela polícia, representada pelos delegados Xavier Pinheiro e Sacramento Macuco.

2. Aspectos da cultura sanitarista

As inaugurações da Estação Ferroviária da São Paulo Railway Co. Ltd. (1867) e do primeiro trecho do cais do porto (1892), no centro urbano, são determinantes para se compreender o crescimento populacional de Santos e, concomitantemente, a intervenção saneadora do espaço urbano promovida pelo Estado.

Quando a exportação de café suplanta a de açúcar em 1851, inicia-se um ciclo marcado pelo investimento na infra-estrutura capaz de intensificar o escoamento da mercadoria para o mercado mundial e de promover a expansão da cultura cafeeira no interior paulista. Percorrendo as fazendas de café, a estrada de ferro permitiu a fuga de escravos, tornando Santos o ponto final dessa migração.

Construída no Valongo, a inauguração da estação da estrada de ferro desqualificou o bairro ocupado pela elite comercial da cidade, provocando duas medidas: a criação do Quilombo do Jabaquara e a migração dos mais abastados para os novos núcleos urbanos de Paquetá e Vila Nova.

A fundação, em São Paulo, da Sociedade Promotora da Imigração (1886) promove a entrada de colonos europeus⁷³. O exemplo das fazendas européias, que se caracterizava pelo uso racional da força de trabalho, é implantado pelos agricultores paulistas que, incapazes de conter a fuga de sua mão-de-obra escrava, a substituem pela assalariada.

Impulsionado pela necessidade e pela esperança de melhores dias, o colono europeu partia para a América. Financiados pela Sociedade Promotora

⁷¹ LANNA; 1996; 143.

⁷² Dos processos envolvendo o Hotel América entre 1881 e 1889, somente um, de 1882, envolve os moradores da Rua 28 de Setembro.

⁷³ FRUTUOSO In: PEREIRA (org.); 1995; 42.

da Imigração, chegavam aqui pelo porto, sendo encaminhados para as fazendas de café ou se fixando nas cidades, em atividades da construção civil, principalmente.

Em Santos, a construção do porto oferece um amplo mercado de trabalho. Contudo, a falta de moradias promove o adensamento populacional, tornando em cortiços as residências abandonadas.

Os problemas de adensamento populacional e de infraestrutura urbana da cidade já eram visíveis. A abertura da Avenida Conselheiro Nébias (1867) e a instalação dos bondes a muares neste eixo viário, cinco anos depois⁷⁴, permitem afirmar que, pouco antes, já havia a preocupação em desafogar o centro, facilitando não só o acesso dos núcleos suburbanos ao centro mas, principalmente, o escoamento da população do centro para estes núcleos.

Quando ocorreu a primeira grande epidemia de febre amarela (1873), a cidade não contava com remoção de lixo nem água canalizada; os esgotos eram lançados diretamente nos ribeirões e os cortiços se proliferavam, assim como as cocheiras⁷⁵. O Governo Imperial, apesar do pedido de socorro da Câmara Municipal, nada fez.

O Código Municipal de Posturas de 1886 permitiu construções no alinhamento do passeio público, buscando esconder o que acontecia no interior do lote. Por consequência, cortiços e cocheiras eram construídos em madeira nos fundos das edificações.

A queda do Império destinou a defesa sanitária aos municípios, e Santos apresentou seu plano de saneamento: organização do serviço sanitário municipal; construção do hospital de isolamento; condenação e substituição dos cortiços por habitações salubres (familistérios); construção de hospedaria para imigrantes; limpeza das praias e da cidade; nomeação de médicos para realizarem o policiamento sanitário.

⁷⁴ SANTOS; 1987; 14.

⁷⁵ ÁLVARO; 1919.

Evidenciando a posição estratégica da Vila Macuco para a cidade, a Câmara Municipal sofria pressões para a realização de benfeitorias públicas naquele local durante a década de 1880. Na Câmara Municipal, o edil Constantino Xavier propõe abertura de valas ao longo da Avenida Conselheiro Nébias⁷⁶, enquanto o Prefeito Municipal tornava sem efeito a desapropriação de terras na gleba dos Macucos, destinadas para a construção de um cemitério público, por conta de manifestações dos moradores⁷⁷.

Os serviços de drenagem da Vila Macuco para o mar através da Vala Grande⁷⁸, em 1886, transformaram o núcleo na área mais salubre na cidade. Enquanto um novo surto de epidemias interditava o porto em 1889⁷⁹, a Câmara Municipal instalava um cemitério no Saboó; na gleba dos Macucos, construía um barracão que servia de Hospital de Isolamento⁸⁰ e instalava uma enfermaria⁸¹.

A inauguração do primeiro trecho de cais (1892) valeu nova concessão para a Companhia Docas de Santos para estender as obras ao Paquetá e aos Outeirinhos. O trecho entre Paquetá e Outeirinhos constituiu-se em obra técnica de grandes proporções, que aterrou uma baía formada no interior da ilha com material proveniente de pedreiras instaladas no Jabaquara, junto ao morro, cujo transporte era realizado por uma estrada de ferro que cortava a cidade.

Até 1900, algumas benfeitorias são realizadas no Macuco: a abertura de valas na Avenida Conselheiro Nébias (1895) permite escoar as águas servidas das lavadeiras negras residentes nas cabanas⁸²; as escavações promovidas pelas Docas (1896) viram notícia de jornal, quando gases eram liberados do solo, criando o mito do vulcão do Macuco⁸³. São realizados diversos arruamentos⁸⁴ em

⁷⁶ Fundo Câmara Municipal de Santos, Caixa 24.

⁷⁷ Ibidem.

⁷⁸ ALVARO, 1919. A Vala Grande ocupava o traçado do canal 4, no trecho entre Estuário e Praça Palmares.

⁷⁹ ANDRADE; 1989; 92.

⁸⁰ Na esquina das ruas Dona Luiza Macuco e Silva Jardim.

⁸¹ A enfermaria *Almeida de Moraes* funcionou na esquina das ruas Braz Cubas e Rangel Pestana, no Solar dos Macucos.

⁸² BERNARDINI; 2006; 134.

⁸³ COSTA E SILVA SOBRINHO; 1953; 217-24.

⁸⁴ ALVARO; 1919.

1897, e, no ano seguinte, estão instaladas as oficinas e o escritório central das Docas⁸⁵. Em 1899, a população de Outeirinhos chegava a cinco mil habitantes⁸⁶.



Ilustração 9: Fotografia dos Outeirinhos, de Marc Ferrez, 1902.

Registro do cotidiano de Outeirinhos, na virada do século. No canal da Barra, o pescador português; em terra firme, crianças e adultos coletando água da fonte natural ou conversando. Atrás do Outeiro, o Estuário e a Ponta da Praia ainda se mostram em mata virgem. Abaixo, alguns detalhes desta fotografia.



⁸⁵ GITAHY; 1992; 32.

⁸⁶ ANDRADE; 1989; 190.

Outro fator permite justificar o crescimento de Vila Macuco. A intervenção estatal de 1893 constituiu na cidade a primeira Comissão Sanitária, que se instalou no Hospital de Isolamento do Macuco⁸⁷. No ano seguinte, o Estado aprovava o Código Sanitário Estadual que, aliado ao novo Código Municipal de Posturas de 1897, permitiram remodelar a cidade⁸⁸.



Ilustração 10: Fotografia do Hospital de Isolamento no Macuco, Comissão Sanitária, 1919.

O Hospital do Isolamento construído pela Câmara Municipal na Rua Silva Jardim, no Macuco. Hoje, o terreno é ocupado pelo Instituto Adolfo Lutz. A construção em chalé de madeira foi utilizada em larga escala por todos os setores da sociedade.

Até 1905, a ação desta Comissão é radicalmente violenta. O combate às epidemias justifica a demolição de cortiços amparada pelas novas leis, expulsando famílias que não tinham recursos para morar em outro lugar. Na mesma medida em que novas edificações surgiam no centro urbano, recuadas no lote e permitindo a vigilância constante de dois inspetores sanitários “mal remunerados”,

⁸⁷ ALVARO; 1919.

⁸⁸ Ibidem.

nos subúrbios proliferavam novos chalés, cortiços e cocheiras, construídos com madeiras que embalavam as mercadorias descarregadas no cais⁸⁹.

Estas descrições evidenciam a situação caótica da cidade. De um lado, os fluxos migratórios de trabalhadores demonstravam a incapacidade do governo em ordenar e disciplinar a ocupação; de outro lado, a ocupação espontânea, aliada à falta de infra-estrutura urbana, se voltava contra a população, na forma de epidemias.

Saturnino de Brito, chefe da Comissão de Saneamento do Estado, chegava à cidade em 1905 para realizar as obras necessárias para o saneamento e organizar seu desenvolvimento. No que se referem ao saneamento, as obras canalizam rios, implantam rede de coleta de esgotos sanitários e organizam o abastecimento de água potável para todas as residências. Nestas intervenções, eram eliminados os problemas de áreas inundáveis e de contaminação de lençóis freáticos por fossas domiciliares, reduzindo drasticamente a ocorrência de doenças gastro-intestinais⁹⁰.

Quanto ao desenvolvimento urbano, Brito organiza a Planta de Santos de 1910, que definia o arruamento e o zoneamento de uso e ocupação de solo a serem implantados no território. Inspirado na reforma de Haussmann e Sitte em Paris, o plano previa amplos corredores arborizados de circulação, ao longo das Avenidas Francisco Glicério e Afonso Pena (Avenida do Saneamento), e no eixo da orla (Avenida Parque da Barra). O arruamento seguia as diretrizes traçadas por estas avenidas e pelos canais, permitindo ruas de médias extensões, e o zoneamento destinava parcelas de territórios para usos específicos, como o residencial, o comercial ou o industrial⁹¹.

⁸⁹ ANDRADE; 1989; 110-14.

⁹⁰ BRITO; 1915.

⁹¹ Ibidem.

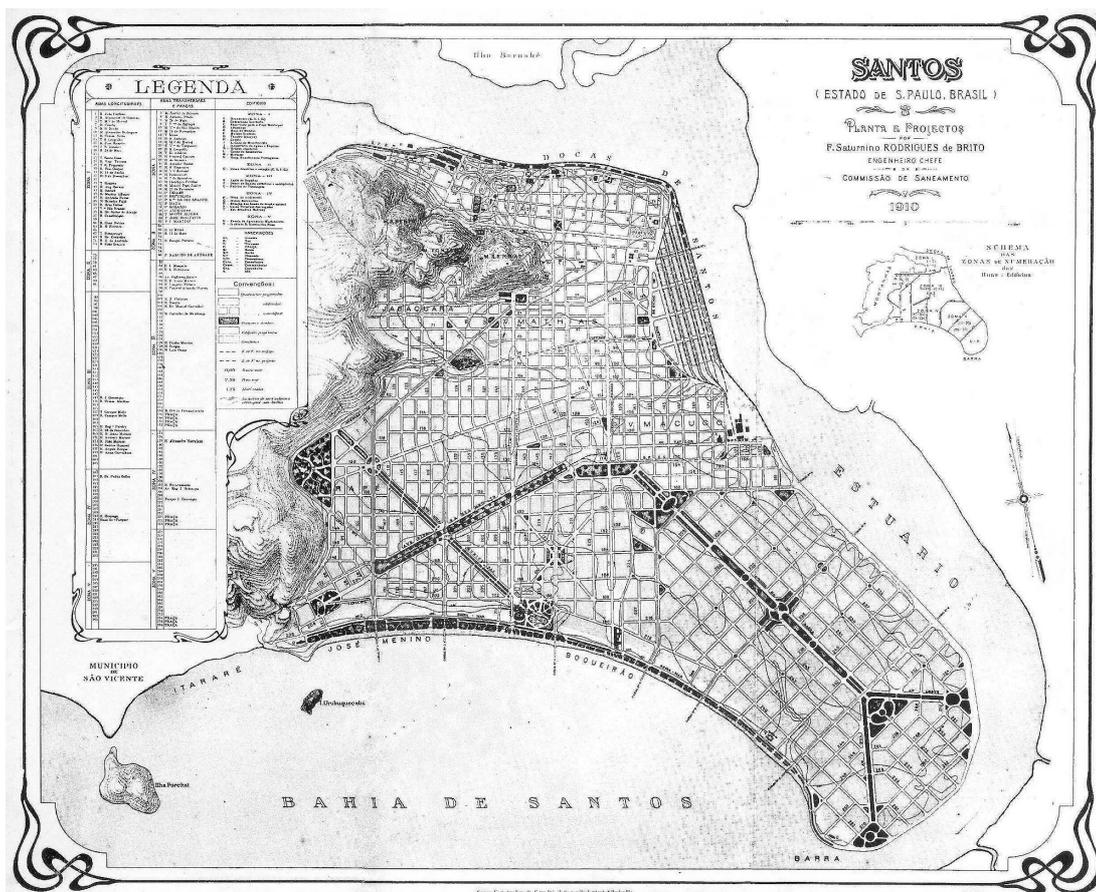


Ilustração 11: Projeto para Santos, Comissão de Saneamento, 1910.

No projeto de Saturnino de Brito, a expansão urbana de Santos segue as diretrizes traçadas pelas avenidas Ana Costa e Conselheiro Nébias (já abertas), pelos canais de drenagem (em construção) e pelas avenidas do Saneamento e Parque da Barra (a serem construídas com grandes jardins, como se destaca na ilustração).

Durante os primeiros quinze anos do século XX, a cidade tornara-se um canteiro, com obras promovidas pela Companhia Docas (porto) pela Comissão Sanitária (demolição de cortiços e cocheiras), pela Comissão de Saneamento (canais, ruas e avenidas), pelas elites locais (palacetes da Vila Nova à Barra) e pelos grandes comerciantes de café (palácios comerciais no centro).



Ilustração 12: O crescimento de Vila Macuco no início do século XX.

Na primeira fotografia, de José Marques Pereira, por volta de 1905, a Vila Macuco está instalada conforme o projeto de 1887 (ilustrações 6 e 7). Junto aos Outeirinhos, a Companhia Santista de Tecelagem já se encontra instalada, e o Outeiro da esquerda se encontra parcialmente desmontado, provavelmente pela ação da caieira de Xavier Pinheiro.

Na segunda fotografia (LOBO; 1936), datada de 1910, os Outeirinhos já foram totalmente desmontados pela Companhia Docas de Santos, que instalou uma torre da linha de fornecimento de energia do porto sobre a rocha do Outeiro maior.

Na terceira fotografia (Ibidem), de 1932, foram instalados os armazéns do porto sobre a baía aterrada, e a Vila Macuco já se expandiu para além dos seus antigos limites.

Os menos abastados moravam em cortiços ou chalés de madeira nos arredores da cidade em construção, percorrendo a pé ou por bonde o trajeto entre suas moradias e o trabalho, de acordo com a distância a ser percorrida⁹². Um detalhe curioso fica por conta do bonde 4, que cobrava uma tarifa do Centro à Vila Nova e outra da Vila Nova à Barra. Na tática de pagar menos pelo transporte coletivo, os moradores de Vila Macuco caminhavam até dois quilômetros para chegar à estação de Vila Nova, reconhecendo os principais monumentos que se erguiam no bairro.

3. A organização local das culturas

Importa dizer que a estratégia sanitarista vai promover sua cultura através da organização de tempos e espaços próprios. Em conjunto com as obras de saneamento, o plano estatal previa também a construção de uma Hospedaria de Imigrantes, junto ao antigo Hospital de Isolamento do Macuco, que ampliava suas instalações com um desinfectório e cocheira, além da construção de um novo Hospital de Isolamento no Boqueirão, com acesso à Hospedaria pelo canal 4⁹³.

Quando assumiu a direção da Comissão Sanitária (1904), o médico e inspetor sanitário Guilherme Álvaro passava a investir em políticas de vacinação em massa e de inspeção de edificações. Enquanto plantões para vacinação eram realizados nos hospitais, nas indústrias e nas escolas, periodicamente os inspetores sanitários visitavam casas, comércios e indústrias, intimando os proprietários a realizarem benfeitorias nas edificações de forma a garantir condições melhores de higiene. Neste ano, quatro milheiros de estudantes passavam ilesos pelas epidemias⁹⁴.

A política educativa da Comissão Sanitária demonstrou melhores resultados do que a violência empregada contra o povo. A Comissão

⁹² Apesar das linhas 4 e 5 de bondes elétricos só circularem a partir de 1912, os bondes a tração animal da Cia. City of Santos Improvements Ltd. já percorriam em 1904 os seguintes trajetos: a linha 4 percorria toda a Avenida Conselheiro Nébias, do Centro à Barra; a linha 5 circulava entre a Vila Macuco, a Vila Mathias e o Centro; na Vila Macuco, passava pelo Hospital de Isolamento, pela Companhia Santista de Tecelagem, pelo Asilo de Órfãos e pela Companhia Docas de Santos. (SANTOS; 1987; 13-19).

⁹³ BRITO; 1915.

⁹⁴ ÁLVARO; 1919.

entrava o novo século comprando ratos da população, investigando as causas das epidemias da peste bubônica. Em contrapartida, os moradores criavam ratos em suas residências para vender à Comissão, deixavam de notificar mortes ou se mudavam para os subúrbios, longe dos olhos dos médicos sanitaristas, como táticas de preservação de suas parcas condições materiais.

As grandes empresas empregadoras se constituíam nos principais disseminadores desta política. A Companhia Docas de Santos, através do modo de produção hierarquizado e disciplinado, já estava no território de Vila Macuco desde 1889, quando inaugurava a linha férrea que vai transportar material da pedreira do Jabaquara ao aterro a ser construído do Paquetá a Outeirinhos⁹⁵. A partir de 1904, a Companhia Santista de Tecelagem e a Companhia Leoneza de Derivados de Banana também se instalam no bairro.

A Companhia Santista de Tecelagem, situada onde antes ficava a caieira de Xavier Pinheiro (desativada por conta das obras do porto), manteve uma vila operária, um consultório médico e uma escola no seu território privado. Nesta estratégia de ocupação do solo, ela organizava o tempo de produção e de reprodução da força de trabalho, constituindo-se numa fábrica modelar, de controle total de seus empregados. Formado basicamente por mulheres que costuravam a sacaria de café, a fábrica também empregava outras mulheres e crianças do bairro, que transportavam a produção das casas das costureiras externas para a fábrica⁹⁶.

O emprego desta mão-de-obra externa garantia a dominação dos empregados internos, como se pode demonstrar o número de greves gerais e locais a que a cidade assiste na época. Ao contrário das inúmeras greves promovidas por operários portuários e da construção civil, a Tecelagem só registra três ocorrências em 17 anos: em 1907⁹⁷ e 1926⁹⁸, quando mudanças na produção

⁹⁵ Fundo Câmara Municipal de Santos, Caixa 24.

⁹⁶ MATOS; 1994; 40-1.

⁹⁷ GITAHY; 1992; 65.

⁹⁸ MATOS; 1994; 122.

reduziriam os ordenados pagos, e, em 1911, quando ocorre ato violento de feitor contra as funcionárias⁹⁹.

Enquanto a Tecelagem investe em sua escola como espaço de organização do lazer das crianças, a Companhia Leoneza, instalada nos arredores de Vila Macuco, vai promover campeonatos de futebol entre as empresas do bairro e da cidade, organizando o lazer dos homens. Em 1917, funda a Associação Santista de Esportes Atlético¹⁰⁰, formada por equipes de associações de trabalhadores organizados ou pelas empresas locais, como o Santos Futebol Clube (1912), o Clube Atlético Santista (1913), a Associação Atlética América (1914), o São Paulo Railway Futebol Clube (1914), o Tecelagem Futebol Clube (1918), o Hespanha Futebol Clube (1924) e o Esporte Clube Companhia Docas de Santos (1926)¹⁰¹.



Ilustração 13: Fotografia da equipe do Hespanha Futebol Clube.

O *Leão do Macuco*, em tradicional fotografia no seu campo da Rua 28 de Setembro. Aos fundos, a torre de energia elétrica e os silos da Companhia Docas de Santos (SILVEIRA; 2002; 115).

⁹⁹ ROCHA In: LICHTI; 1986; 173.

¹⁰⁰ A TRIBUNA; 26 mar. 1944.

¹⁰¹ Ibidem; 29 mar. 1964.

Sobre esta história, é importante o registro da hegemonia do São Paulo Railway Futebol Clube, que logo se muda para o Centro, mais próximo da companhia ferroviária, e de suas disputas com a Associação Atlética América, o *Campeão do Macuco* de suas poucas, mas gloriosas vitórias. Paixão que foi transferida ao Hespanha Futebol Clube, o *Leão do Macuco*, que floresce com as conquistas dos troféus financiados pela Leoneza e pelas vitórias sobre o Santos Futebol Clube, que também vai se transferir do Macuco para a Vila Belmiro.

O mais querido time da cidade na época, o Hespanha, formado em 1914 por espanhóis, denominou-se Jabaquara Atlético Clube em homenagem ao bairro de origem, mas ainda mantém o leão como símbolo que adorna seu estádio, atualmente no bairro da Caneleira¹⁰².

Mas nem todo lazer é organizado pelas empresas. Já em 1902, ocorre o primeiro congresso da Sociedade Carnavalesca de Vila Macuco, formada por Comissão de Frente, banda de clarins, uma guarda de honra de vinte cavaleiros e o carro guiado por donzela que carregava o estandarte com dois cisnes de asas distendidas, apresentando críticas intensamente aplaudidas¹⁰³. Em 1924, outro rancho carnavalesco sai da Avenida Conselheiro Rodrigues Alves nº 30: as “Baianinhas do Amor” vão criando uma tradição dos blocos de rua no bairro e na cidade¹⁰⁴.

O lazer popular do futebol e do carnaval se contrapunha ao realizado pelos mais abastados, que promoviam competições de ciclismo na Avenida Conselheiro Nébias¹⁰⁵. De fato, foram os teatros de cinema que se tornaram na opção predileta de lazer das duas classes e se constituíram nos principais pontos de encontro de casais no bairro¹⁰⁶.

¹⁰² SILVEIRA; 2002.

¹⁰³ BANDEIRA JÚNIOR; 42.

¹⁰⁴ Ibidem; 69.

¹⁰⁵ LANNA; 1996; 147.

¹⁰⁶ O Teatro D. Pedro II é inaugurado em 1922, com 1590 lugares, na Rua Campos Melo; até 1930, apenas outros dois são instalados: o São José, na mesma via, e o Popular, na Avenida Conselheiro Rodrigues Alves (RODRIGUES; 1971).



Ilustração 14: Fotografia do Cine Teatro D. Pedro II.
Arquivo de imagens do jornal A Tribuna.

Até os anos 30, a Igreja Católica ocupa posição privilegiada em Vila Macuco: a Congregação das Irmãs do Coração de Maria (1898), a Sociedade São Vicente de Paulo (1927), a Paróquia de São José e de Nossa Senhora do Terço de Vila Macuco (1925), todas instaladas na Avenida Conselheiro Rodrigues Alves.

Criada em 21 de abril de 1889, no centro urbano, pela elite local para assistência aos órfãos da epidemia de febre amarela daquele ano, a Associação Protetora da Infância Desvalida transferiu-se em 1898, pela necessidade de espaço, para um edifício especialmente construído na Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, com recursos doados por João Macuco¹⁰⁷ e Antonio Iglezias da Silva Taylor. No ano seguinte, a formação das crianças foi entregue às Irmãs da Congregação do Coração de Maria. A divisão deste edifício em duas alas reflete a

¹⁰⁷ Além de 11.868\$950 em dinheiro, João Macuco também doou em 1890 ao Asilo de Órfãos um terreno à Rua Conselheiro Nébias (PEREIRA; 1996; 88).

divisão de sexos, sendo escolhidos como patronos o Dr. Eduardo Ferreira, para a ala masculina, e a Viscondessa do Embaré, para a ala feminina, homenagem às figuras beneméritas da Associação¹⁰⁸.



Ilustração 15: Associação Protetora da Criança Desvalida.

Situado na esquina das avenidas Conselheiro Rodrigues Alves e Senador Dantas, o Asilo de Órfãos foi construído ao lado do escritório central e das oficinas da Companhia Docas de Santos (PEREIRA; 1996; 94).

A Sociedade São Vicente de Paulo, fundada em 1º de junho de 1894, instala-se em Vila Macuco em 1927, realizando o auxílio aos necessitados em diversas ações que visavam minorar a pobreza. Além de sua sede social, destacou-se a construção de casas populares e a instalação de uma escola primária.

A construção de uma vila de cinco casas entre 1922 e 1924 evidencia a pobreza e a falta de moradias na cidade. A Vila Vicentina serviu a cinco famílias até 1928, quando mais quatro foram instaladas nos porões; cinco anos depois, por *desavenças entre as famílias e mau trato das residências*, a Sociedade

¹⁰⁸ PEREIRA; 1996; 93-4.

passa a alugá-las, investindo no aluguel de outras famílias; em 1940, a Sociedade auxilia no aluguel de 57 famílias pobres, trabalho em que se destaca na cidade. Atendendo ao pedido do delegado regional de polícia de Santos, Dr. Afonso Celso de Paula Lima, estas casas são adaptadas em 1943, tornando-se asilo de mendigos: a Vila dos Pobres de Vila Macuco chegou a assistir 92 asilados em 1945.

A escola primária da Sociedade São Vicente de Paulo funcionou de 1927 a 1932, quando cedeu o espaço para o estoque de mercadorias a serem entregues às famílias dos combatentes da revolução constitucionalista. Mas, no ano seguinte, as dependências térreas de sua sede social foram alugadas ao Município para funcionamento das escolas reunidas de Vila Macuco, transferida em 1940 para o Grupo Escolar *Cidade de Santos*, também no Macuco¹⁰⁹.

Em cinco de julho de 1925, o Bispado da cidade instituiu a Paróquia de São José e de Nossa Senhora do Terço de Vila Macuco, que se estendia do canal 1 ao canal 5, margeando o Estuário a leste, limitado a oeste pela Avenida Conselheiro Nébias e ao sul pela Rua da Liberdade¹¹⁰. Ou seja, até esta data, o crescimento espontâneo de Vila Macuco já atingia a Ponta da Praia. O templo projetado pela Companhia Construtora de Santos tornou-se referência local para a ação social da Igreja: aos asilos de órfãos e de mendigos acrescenta-se, em 1942, uma creche e um ambulatório médico e dentário, promovida pela Liga de Nossa Senhora da Divina Providência¹¹¹.

Em 1917, instalou-se na Avenida Conselheiro Nébias a Assistência à Infância de Santos, iniciativa de grupo organizado pelo médico Alcides Lobo Viana, que importou vacas holandesas para distribuir leite para lactentes carentes. A *Gota de Leite* foi declarada no ano seguinte como instituição de utilidade pública federal, apoiando-se em quatro atividades principais: ambulatório médico, creche, lactário e hospital infantil para o atendimento da população pobre¹¹².

¹⁰⁹ PEREIRA; 1992; 158-75.

¹¹⁰ CORVAL; 1986; Anexo.

¹¹¹ Ibidem.

¹¹² A TRIBUNA; 26 mar. 1964.

Concluindo este panorama cultural de Vila Macuco, em 1910, o comércio local, que se concentrava na Rua 28 de Setembro, havia se disseminado pelo território em diversas casas de secos e molhados, açougues, padarias e quitandas, botequins, barbearias, casas de pasto, sapateiros, armarinhos e bazares. Além disso, havia se diversificado em fábricas de piche, de cimento e de azulejos, além de um asfaltador, evidenciando as atividades produtivas ligadas à construção civil. Augusto José Bernardes, Benito Moraes, Manoel Lafarjão, Telesphoro J. dos Santos, Pereira & C. e Naumann Gepp & C. exploram a atividade de circulação de gente e de mercadorias¹¹³.

Uma sub-delegacia de polícia, à Avenida Conselheiro Nébias, evidenciava a necessidade de se conter a violência no núcleo urbano¹¹⁴. Para ilustrar, em setembro de 1915 encontraram-se as seguintes notícias no Jornal A Tribuna: portuguesa, moradora da Rua Baptista Pereira 99, tenta o suicídio tomando Lysol, por causa de fofocas de vizinhas contra sua reputação¹¹⁵; na Vila Isaura, Jandyra Câmara, de 19 anos, também tenta o suicídio tomando creolina por causa de impedimento de namoro pelos pais¹¹⁶; na Avenida Conselheiro Nébias, vizinhos brigam por causa de passagem bloqueada de acesso à residência¹¹⁷. Na Rua Luiz Gama 297, Cesário Ferreira Lopes tenta o suicídio com um tiro no pescoço, por causa de dificuldades financeiras¹¹⁸.

A partir de 1917, as feiras livres passaram a servir a cidade, funcionando das seis às onze horas entre 1º de abril a 30 de setembro, e das cinco às dez horas de 1º de outubro a 31 de março. Na Vila Macuco, elas aconteceram às sextas-feiras, na Avenida Conselheiro Rodrigues Alves. Nestas datas, eram colocados bondes extraordinários, levando carro de reboque, do centro aos arredores¹¹⁹.

¹¹³ NOFERI; 1910.

¹¹⁴ Ibidem.

¹¹⁵ A TRIBUNA; 05 set. 1915; 7.

¹¹⁶ Ibidem; 14 set. 1915; 4.

¹¹⁷ Ibidem; 22 set. 1915; 4.

¹¹⁸ Ibidem; 24 set. 1915; 4.

¹¹⁹ CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS; 1921.

4. A organização governamental da cultura escolar

No panorama de organização cultural que se desenvolve durante a Primeira República em Santos, existe a solidariedade entre diversas camadas sociais no que se refere à constituição de uma rede de instrução pública.

Em 1870, há dez escolas públicas primárias no município, seis masculinas e quatro femininas, e somente a quinta parte das crianças em idade escolar está nelas¹²⁰. Até 1898, não existem escolas em Vila Macuco, sendo a Associação Protetora da Criança Desvalida a primeira instalação local encontrada. A rede municipal chegava ao bairro no ano seguinte¹²¹.

Seguindo a tradição, José André do Sacramento Macuco investia na contratação de professora para o ensino de suas filhas e na colaboração financeira de instituição escolar no centro urbano¹²², como faziam os demais membros da elite comercial local. Em crônica publicada no jornal Cidade de Santos, em 20 de março de 1900, constava¹²³:

Como não há regras sem exceções, é forçoso convir que na capital do estado, devido aos esforços do saudoso dr. Cesário Mota, temos uma regular organização do ensino primário e superior, e que também alguns pais de família, com o máximo sacrifício, mantêm professores que, particularmente, proporcionam sólida educação aos seus filhos. Prova disso tive eu ainda há poucos dias aceitando o amável convite do meu amigo José André do Sacramento Macuco, que além de proporcionar-me um delicado almoço, apresentou-me às suas gentilíssimas filhas senhoritas Maria e Luiza Macuco e à professora delas Mlle. Maria Ladeveze. Encantadoras essas duas meninas, na sua simplicidade de crianças criadas sem os prejuízos dessa falsa educação que torna as meninas, desde os primeiros dias de sua juventude, enfatuadas, tolas, preocupadas com os dotes que realçam a vaidade, sem cogitarem do ridículo em que se encontram, quando salientam seus dotes físicos, desprezando o verdadeiro encanto da mulher: a simplicidade, guarneçada

¹²⁰ ALVARO; 1919.

¹²¹ Conforme relatório semestral apresentado à Câmara Municipal pelo inspetor literário (HILSDORF, 1999, p. 105). Em 13/09/1900, a escola era regida por Augusta Benvinda dos Santos Moraes, com 35 alunos matriculados e 27 alunas. O inspetor literário, Dr. Martins de Menezes, após assistir aos exercícios de leitura, geografia, história do Brasil, aritmética e caligrafia, ficou satisfeito com o aproveitamento das alunas. (Ibidem; 106).

¹²² Amigo da instrução, Antonio Manuel Fernandes, auxiliado por cidadãos e companheiros, principalmente Sacramento Macuco, fundou e sustentou por quase cinco anos a Escola do Povo, aula noturna, freqüentada por todas as classes, sendo um dos professores gratuitos da mesma escola (A TRIBUNA; 26 jan. 1939). Nesta escola, foi fundada em 1879 a Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio (COSTA E SILVA SOBRINHO; 1959).

¹²³ HILSDORF; 1999; 104.

pelas qualidades superiores de uma inteligência bem orientada e de um coração formado. O meu amigo compreendeu bem a responsabilidade de pai, confiando a educação de suas filhas à Mlle. Ladeveze, superiormente preparada para tão alevantada missão. Antes do almoço, enquanto a senhorita Luiza Macuco dava lição de piano, fui convidado gentilmente por senhorita Maria, para verificar a prova de seu aproveitamento de estudos. Falando corretamente o francês, a encantadora menina dirigiu-me a palavra nessa língua, mostrando-me os seus cadernos de desenho, os seus desenhos de mapas geográficos, os seus estudos de química prática, os seus desenvolvidos conhecimentos de aritmética, enfim, de todos os conhecimentos mais necessários a uma boa dona de casa, como costurar, bordar e cozinhar, arte em que já encetou a aprendizagem, sob a direção de sua exma. Mãe. Acabava de ouvir a leitura de um trecho em inglês, quando sua irmã mais velha deixou o piano e com toda a amabilidade apresentou-me a professora, podendo eu então verificar o carinho e interesse com que Mlle. Ladeveze ensina suas adoráveis discípulas. À mesa do almoço ainda tive o prazer de verificar que Mlle. Ladeveze, além de ser excelente professora, tem uma magnífica prosa, deliciando-me com a sua verve, ora em um português arrevesado, ora na sua bela língua, nessa língua que Hugo e Renan divinizaram. Os pais, como o meu amigo Macuco, em nosso país, infelizmente são raros.

Diferente do ensino graduado que o Secretário dos Negócios do Interior do Estado de São Paulo, Cesário Motta Júnior, procurava instituir, o ensino dos filhos dos mais abastados estava entregue, não raramente, a professores europeus, formados em colégios católicos, que se fixavam nas residências dos alunos; estes aprendiam linguagens (além da leitura e escrita do português, o francês, inglês ou alemão também eram ensinados), aritmética, música e atividades manuais, de acordo com o que os pais esperavam para eles (aos meninos a formação superior em Direito, Medicina ou Engenharia, visando continuar com os negócios da família; às meninas, o casamento com outro elemento da mesma classe social, visando a administração da casa)¹²⁴.

A nota publicada sobre os dotes das filhas de Sacramento Macuco demonstram, neste aspecto, uma dupla comunicação à sociedade: que as alunas Maria e Luiza estavam formadas e, portanto, disponíveis para o casamento; que a professora Maria Ladeveze estava disponível para formar novos alunos. Sobre isto, novos anúncios eram publicados no jornal Cidade de Santos em oito e nove de novembro de 1900¹²⁵:

A distinta professora Mlle. Maria Ladeveze, que por longo tempo lecionou as exmas. Filhas do sr. José André do Sacramento Macuco,

¹²⁴ NOSELLA; BUFFA; 2002; 30-2.

¹²⁵ HILSDORF; 1999; 110.

resolveu fixar residência e lecionar as matérias inerentes a nossa boa educação e instrução. Mlle. Ladeveze é formada pela universidade de Florença e ensinou com a máxima dedicação, especialmente o francês, piano, desenho e pintura, possuindo uma finíssima educação. Amanhã publicaremos o anúncio, em que Mlle. Ladeveze oferece os seus serviços aos pais de família que pretendam utilizar-se de sua comprovada competência.

Professora diplomada, Mlle. Maria Ladeveze, professora laureada pela Universidade da República Francesa, presentemente nesta cidade onde pretende fixar residência, propõe-se a lecionar em casa das famílias, residência de suas alunas, música, piano, pintura, o curso completo de humanidades, inclusive a língua francesa. A anunciante é encontrada à rua Conselheiro Nébias n. 23A. Referências com os sr. Biedermann e Sacramento Macuco.

No mesmo ano, outras instituições de ensino particulares se apropriavam da mídia oferecendo matrícula e qualidade de ensino. Entre vistorias aos estabelecimentos e suspensão de aulas por motivo de peste bubônica, a crônica local também registrava os trabalhos do inspetor literário, Vereador João Baptista Martins de Menezes, que organizava a instrução municipal e a instalação de um Grupo Escolar¹²⁶.

Criado por decreto em 28 de maio de 1900, o Grupo Escolar *Dr. Cesário Bastos* já funcionava em fevereiro com a reunião da 2ª cadeira masculina de Carlos Escobar com a 3ª cadeira feminina de Maria Cândida Bellagarde. Quando, em cinco de outubro são nomeados o Prof. Carlos Escobar, como diretor, e Eunyce Peregrina de Caldas, como professora, a instituição já contava com a reunião das classes das professoras Evarista Pedrina Martins, Justina Arouche do Espírito Santo e Isalina Torres Guimarães Fernandes, no prédio residencial alugado por Julio Conceição à Câmara Municipal, situado na Rua Braz Cubas 80, com mobiliário proveniente daquelas escolas.

O primeiro Grupo Escolar não parece mais que uma reunião das antigas escolas isoladas. Contudo, as notícias de sua inauguração, em 13 de outubro, evidenciam mais que isto¹²⁷:

Ergueram-se por toda a parte, em quase todas as cidades, palácios à instrução, substituindo-se os velhos pardieiros, sem ar e sem luz, que nos legara a monarquia, estabelecendo-se o ensino intuitivo e experimental e

¹²⁶ HILSDORF; 1999; 99-110.

¹²⁷ Ibidem; 107.

adotando-se os programas recomendados pelos mais eminentes mestres da pedagogia moderna. Santos, entretanto, indiferente a esse progresso, queria viver só e independente, embora fossem os seus filhos condenados à ignorância, às trevas e ao obscurantismo. Os seus filhos continuariam no regime estúpido do mestre escola, atrofiando-se nas salas acanhadas, sem ar e sem luz, sem higiene e sem conforto, se esse desregramento não tivesse um paradeiro, e se a ordem e o progresso, protegidos pela política dominante, à sombra do nome prestigioso do seu chefe, não sucedessem ao caos e à anarquia. Enfim, já é uma realidade a aspiração justa da nossa população e Santos já possui um estabelecimento público de ensino, onde seus filhos podem ir receber os banhos luminosos do saber e a envergadura forte para as cruzadas do porvir.

No dia seguinte, o discurso do Diretor Carlos Escobar enunciava¹²⁸:

Passo a dar-vos conta do que tenho feito no curto espaço de oito dias. [...] Estão matriculadas no Grupo 316 crianças, sendo 181 do sexo feminino [...]. O Grupo pode ter 320 alunos. [...] Tenho 7 adjuntas – 5 professoras e 2 professores. Preciso de mais duas. [...] Duas salas desta casa devem ser divididas. [...] Inspirei nos trabalhos de Kiddle, Harrison, e Calkins para organizar horários com as matérias do programa de cada ano preliminar. [...] Já fiz o pedido de móveis para o Grupo de utensílios para o ensino intuitivo. [...] Tenho dado saída ao expediente e atendido prontamente às reclamações de professores e pais de alunos.

Ao contrário do discurso que promovia o Grupo Escolar como modelo definitivo de instrução popular, Escobar denunciava a precariedade das instalações, o descontentamento de pais e professores e a experimentação como prática de idéias mais ou menos definidas no exterior. Ou seja, enquanto o discurso político buscava legitimar o novo regime de governo, desqualificando o modelo anterior, o discurso pedagógico denunciava que pouco se avançava no novo modelo.

De fato, eram as iniciativas particulares, especialmente de operários e de imigrantes, que realizavam a escolarização das crianças em Santos através de uma rede de escolas isoladas¹²⁹. Contudo, é preciso destacar um aspecto da aliança entre Estado e Município¹³⁰:

O Vereador Moreira Sampaio apresentou uma indicação para ser extinto o cargo de inspetor literário, por serem dispensáveis os trabalhos desse funcionário, visto terem sido extintas as escolas noturnas municipais e ter sido ultimamente criado um grupo escolar nesta cidade, cujo diretor exercerá as funções daquele cargo.

¹²⁸ HILSDORF; 1999; 108.

¹²⁹ PEREIRA; 1996.

¹³⁰ HILSDORF; 1999; 106.

Ou seja, a implantação do Grupo Escolar eliminava escolas municipais. Neste sentido, este modelo de escolarização significava, através do oferecimento de ensino gratuito centralizado em um só edifício, a eliminação da rede de escolas públicas isoladas que se espalhavam no território da cidade. Nesta perspectiva, colocava em embate o modelo visível governamental contra a rede difusa do ensino particular.

Ao mesmo tempo em que edifício único tornava-se referência local, a centralização do ensino promovia a construção da cidade moderna, na medida em que, enquanto se deslocavam de suas casas para o Grupo Escolar, alunos e professores consumiam as facilidades proporcionadas por vias pavimentadas, iluminação pública, transporte público, redes de drenagem e demais serviços públicos.

No entanto, a política pública não foi capaz de eliminar escolas municipais e particulares do território. Guilherme Álvaro registrava¹³¹:

A inspeção das escolas e dos escolares foi realizada com a conveniente regularidade, tendo sido melhoradas diversas instalações em estabelecimentos oficiais e particulares. Frequentaram as escolas santistas 7.609 crianças, das quais 2.661 matriculadas nas estaduais, 2.384 nas municipais e 2.524 nas particulares, faltando escolas ainda para cerca de 2.600 pessoas em idade de aprender. Santos precisa de mais dois grandes grupos escolares, pelo menos, ficando um localizado no centro dos quarteirões da Penha e S. Leopoldo, e outro entre as duas avenidas, perto da praia.

Apesar de possuir três Grupos Escolares em 1917, Guilherme Álvaro apontava que um quarto da população em idade escolar da cidade estava fora das escolas estaduais, particulares e municipais, maiores redes de ensino nesta ordem. A crítica se voltava contra o próprio Estado que, sete anos antes, projetava uma rede escolar que não foi implantada.

O plano de Santos de 1910, de Saturnino de Brito, dividia o território em três formas de cidade, incluindo uma zona intermediária entre as zonas rurais e urbanas. A zona urbana, caracterizada como território dotado de todos os serviços públicos disponíveis, se contrapunha à zona rural. Na faixa intermediária,

¹³¹ ALVARO; 1919.

favorável ao crescimento populacional e dotada de algum serviço público, a ocupação seria organizada segundo as diretrizes determinadas pelos canais de drenagem construídos pelo Estado.

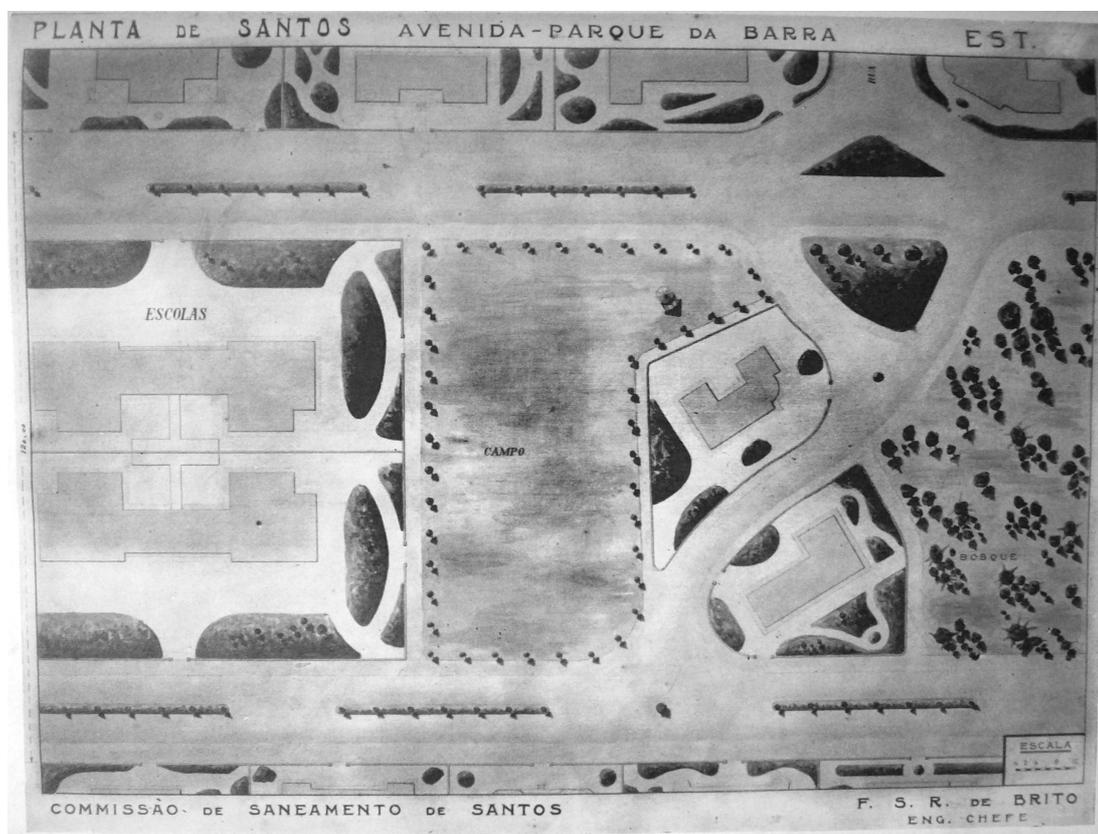


Ilustração 16: Detalhe do Projeto de Santos, Comissão de Saneamento, 1910.

Escolas, campos para passeio ou prática de esportes, vestuários e sanitários eram alguns dos equipamentos públicos previstos pela Comissão de Saneamento para implantação ao longo das avenidas da Barra e do Saneamento.

Ainda na faixa intermediária, as avenidas do Saneamento¹³² e Parque da Barra¹³³ foram abertas, cortando a ilha no meio e na margem da orla marítima, respectivamente. Ao longo dessas vias, jardins, quadras de esportes e demais equipamentos públicos seriam instalados, na medida em que a ocupação exigisse. As escolas foram os únicos equipamentos públicos descritos no projeto:

¹³² Hoje formada pelas avenidas Afonso Pena e General Francisco Glicério.

¹³³ Os jardins da orla de Santos começaram a ser construídos em 1930, visando conter a ocupação da praia pela especulação imobiliária.

para Saturnino de Brito, escolarizar significava a construção de uma rede de Grupos Escolares entre os canais de drenagem, ao longo dessas duas avenidas.

Mas, o crescimento populacional de Vila Macuco e de Vila Mathias foi exagerado em relação aos demais núcleos suburbanos. Enquanto que, nos primeiros bairros, a população em idade escolar justificava a edificação de dois Grupos Escolares, nos demais núcleos mal se conseguia justificar a instalação de uma escola isolada¹³⁴.

Porém, na prática, Estado e Município investiram em escolas isoladas, agrupando-as em pontos estratégicos da cidade quando os gastos justificavam. Até 1932, os Grupos Escolares construídos pelo Estado eram o *Dr. Cesário Bastos*, o *Barnabé* e o *Visconde de São Leopoldo*; e, instalados em edifícios improvisados, estavam o *Bartolomeu de Gusmão*¹³⁵, o *Azevedo Júnior*¹³⁶, o *Dino Bueno*¹³⁷, o *Marcílio Dias*¹³⁸, o *Braz Cubas*¹³⁹ e o *Vicente de Carvalho*¹⁴⁰.

Em 1913, o recenseamento apontava 40 classes municipais, três delas na Vila Macuco; 41 classes estaduais (incluindo os GE Dr. Cesário Bastos com 6 e o GE Barnabé, com 16), duas na Vila Macuco; e 70 escolas particulares, duas na Vila Macuco. Além disso, das crianças em idade escolar, somente 54% freqüentavam escolas, sendo 27% nos dois Grupos Escolares, 18% em escolas isoladas estaduais, 13% nas escolas isoladas municipais e 42% nas escolas não governamentais¹⁴¹.

¹³⁴ PENNA; 1932.

¹³⁵ 4º Grupo Escolar (1925), situado na Rua Visconde de Embaré 223-5, Centro.

¹³⁶ 5º Grupo Escolar (1927), situado na Rua Guararapes 39, Vila Belmiro.

¹³⁷ 6º Grupo Escolar (1927), situado na Avenida Dona Ana Costa 285, Vila Mathias

¹³⁸ 7º Grupo Escolar (1932), situado na Rua da Bocaina 78, Guarujá.

¹³⁹ 8º Grupo Escolar (1932), situado na Avenida Pinheiro Machado 707, José Menino.

¹⁴⁰ 9º Grupo Escolar (1932), situado na Rua Mário Ribeiro 39, Guarujá.

¹⁴¹ PEREIRA; 1996; 117, 124-5.

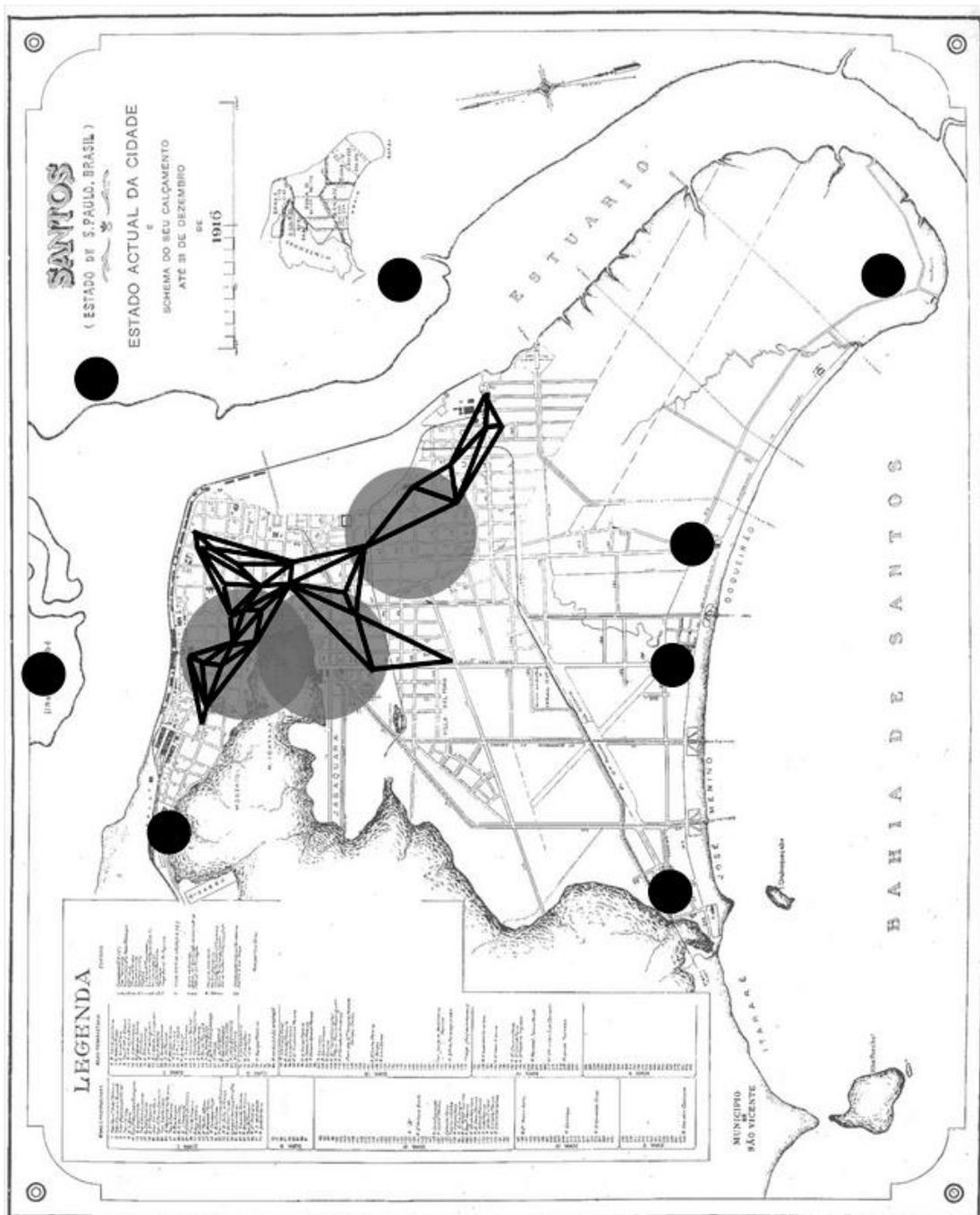


Ilustração 17: Panorama da rede escolar de Santos, 1916.

Com base na Planta de Santos de 1916 e nos dados coletados de escolas públicas e particulares deste ano, foi composto este mapa da escolarização da cidade após a inauguração da sede do Grupo Escolar de Vila Mathias. Os pontos e os vértices da malha em preto representam as localizações das escolas não agrupadas, e os círculos em cinza representam as áreas de influência dos três Grupos Escolares. É significativa a densidade de escolas isoladas no centro urbano, após 14 anos de inauguração do Grupo Escolar *Barnabé*. Também é notável que, logo após a instalação dos Grupos Escolares *Visconde de São Leopoldo* e *Dr. Cesário Bastos* em edifícios próprios, houve uma redução (e não a eliminação) de classes escolares nas áreas de influência de cada Grupo.

Com dez classes, o Grupo Escolar de Vila Macuco possuía condições, com folga de três classes, para arremeter a população em escolarização pública do bairro. Junto com o novo prédio de Vila Mathias, o Estado ofereceria 50 classes em Grupos Escolares na cidade em 1916, 100 classes em período desdobrado e, portanto, 19 classes a mais do que oferecia em 1913.

O Grupo Escolar *Visconde de São Leopoldo* não resolveu a escolarização da infância em Vila Macuco, mas minimizou o problema do núcleo suburbano e de seus arredores. No período estudado, foi a principal escola dos arrabaldes da cidade¹⁴². É somente em 1933 que o Delegado Regional de Ensino solicitou a instalação do 2º Grupo Escolar de Vila Macuco, criando três classes além da reunião de seis escolas mistas (situadas na Bacia do Macuco, Vila Hayden, Ponta da Praia e Boqueirão) e três femininas (situadas na Barra da Praia e da Bacia do Macuco).

¹⁴² O Parecer nº 25 de 1915 da Câmara Municipal publicava que os recursos de escola situada na Ponta da Praia estavam sendo destinadas para outra, no Campo Grande, em virtude da instalação do Grupo Escolar de Vila Macuco, na mesma zona da Ponta da Praia (A TRIBUNA; 08 abr. 1915).

CAPÍTULO II

O Grupo Escolar de Vila Macuco

1. A construção do espaço escolar republicano

Até 1914, a cultura material escolar da cidade de Santos se notabilizava pelo edifício do Grupo Escolar *Barnabé* (1902), situado no centro urbano. Seguindo o partido arquitetônico antes concebido por Ramos de Azevedo e Victor Dubugrás, este exemplar neoclássico foi instalado no centro de praça pública, o que permitia ampla visibilidade e destacava sua monumentalidade. Situado nos arredores, em área de expansão do centro urbano, o Grupo Escolar *Dr. Cesário Bastos* (1900) ainda não possuía um edifício à altura de sua importância, e ocupava, além de imóvel alugado pela Câmara Municipal, salas do Grupo Escolar *Barnabé*.

A instalação destas duas instituições escolares reflete a convergência de interesses de grupos republicanos locais e regionais. Localmente, destacam-se as iniciativas de Cesário Bastos, Barnabé Vaz de Carvalhaes e da Câmara Municipal, que oferecem recursos materiais para suas instalações; regionalmente, a instalação de Grupos Escolares se constituía em política estatal de escolarização, tendo o governo paulista como incentivador, fornecendo e executando projetos em diversas cidades sob seu domínio.

Mas, diferente deste modelo escolar, os grupos republicanos também investiam na construção de escolas isoladas pelo território, evidenciando a

incapacidade destes Grupos Escolares em atender a população que crescia por conta das migrações. Além de escolas municipais e estaduais, a iniciativa privada constituiu internatos, externatos e colégios por todo o território, mas especialmente no centro urbano.

É de se destacar as escolas de iniciativa de associações de imigrantes, que funcionavam como centros culturais, estimulando atividades que pouco se identificavam com os locais de trabalho e de moradia, mas sim com o lazer. Neste contexto, enquanto os pais deixavam suas moradias para o trabalho, as escolas se constituíram tanto em espaços de preservação e divulgação cultural quanto em espaço de lazer para as crianças.

Na Vila Macuco, o Asilo de Órfãos (1898), mantido pela Associação Protetora da Infância Desvalida, sociedade local organizada para cuidar das vítimas das epidemias, foi a primeira manifestação desta cultura arquitetônica. Instalada no final da Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, com recursos oferecidos por João Francisco do Sacramento Macuco e Antonio Iglezias da Silva Taylor, contava com a assistência de congregação católica, que cuidava dos órfãos e oferecia escola para internos e externos.

Até 1914, outras escolas foram instituídas na Vila Macuco e arredores. Além do Colégio *Bezerra*, do Externato *Borba*, do Colégio *Nossa Senhora da Piedade* e do Externato *Azevedo* da iniciativa privada, tem-se quatro escolas isoladas da iniciativa municipal e quatro estaduais¹⁴³. Nenhuma delas alcançou a monumentalidade do Asilo de Órfãos e tampouco foram encontrados registros fotográficos dessas edificações. Estas escolas deviam estar instaladas em sobrados geminados residenciais, tipo que aparecia ao norte da Vila Macuco, graças à expansão da Vila Nova, ou em chalés de madeira residenciais, tipo predominante das moradias locais.

¹⁴³ TRINDADE; 1914.

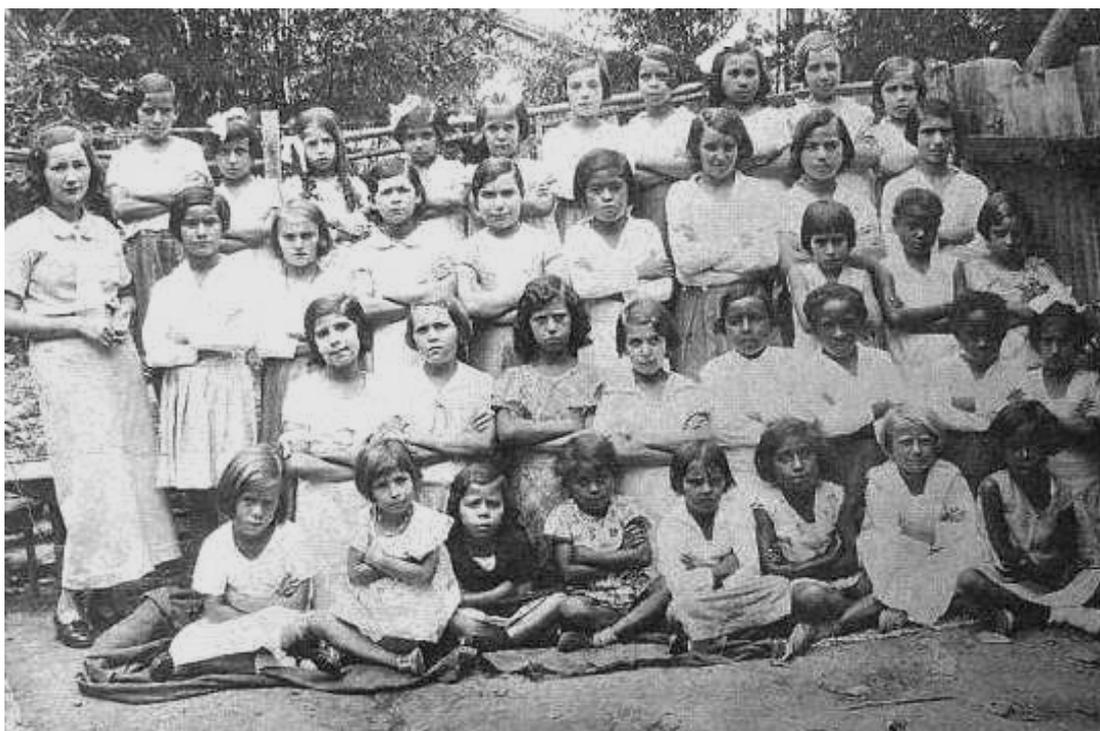


Ilustração 18: Fotografia de uma Escola Isolada Municipal, 1934.

Fotografia de Emília de Barros Pinho publicada em A Tribuna, de 3 de fevereiro de 2006. Trata-se de escola primária municipal na Rua Conselheiro João Alfredo, logradouro caracterizado por chalés residenciais de madeira em toda sua extensão. Note-se o chão batido, a cerca de madeira, os quintais arborizados e um chalé ao fundo; mas também as meninas retratam idades e etnias diferentes.

Portanto, é também no contexto de desqualificação da tipologia das edificações locais que o Grupo Escolar de Vila Macuco se insere. Diferente das construções de madeira e das edificações alinhadas na testada do terreno, o edifício ocupará o centro do lote, em sólida edificação de alvenaria, utilizando o que de melhor o conhecimento técnico oferecia de sistema construtivo.

Voltando à convergência de interesses, a produção do Grupo Escolar de Vila Macuco está intimamente ligada à construção da sede do Grupo Escolar *Dr. Cesário Bastos*, na Vila Mathias.

Em 1912, o Prefeito Belmiro Ribeiro de Moraes e Silva prestava contas à Câmara Municipal do seu exercício no ano anterior, que incluía uma proposta enviada pelo Governo Estadual para reunir escolas isoladas¹⁴⁴,

desde que a Municipalidade doasse os terrenos necessários. [...] e o terreno da Villa Macuco na rua Guerra canto da rua Dr. Cochrane, cuja aquisição poderia ser feita. Aprovada a idéia foram cedidos ao governo esses terrenos, e já foi iniciada a construção do edificio do Grupo de Villa Mathias.

O privilégio dado ao Grupo Escolar de Vila Mathias pode ser explicado sob o aspecto da visibilidade. Situado à frente do primeiro canal de drenagem construído pela Comissão de Saneamento, este edificio representou o que de melhor o Estado Republicano edificou em escolas no período; por outro ponto de vista, representava também o investimento do Estado na promoção de uma nova cidade, que deixava para trás o velho centro urbano com seu pequeno Grupo Escolar. No entanto, não era isto que alertava Saturnino de Brito¹⁴⁵:

O snr. Belmiro era infenso a que se fizesse um pequeno jardim no angulo que formam o Canal nº 1 e a Avenida Anna Costa; a todo custo obtivemos licença verbal para fazer o jardim, dizendo-nos s. s. que consintia porque vendêra o terreno à Câmara, e receberia o importe depois que deixasse a Prefeitura.

Além de governar a cidade entre 1910 e 1914, Belmiro Ribeiro de Moraes e Silva representava os grupos de grandes proprietários de terras e de empresas construtoras. A questão do jardim público, narrada por Saturnino de Brito, evidencia os interesses pessoais com que o Prefeito tratava os assuntos da cidade. Junto com Roberto Simonsen¹⁴⁶, ele construiria ali a Vila Belmiro, um modelar bairro operário encravado na Vila Mathias, mas que nunca foi ocupado por operários devido aos altos custos de comercialização¹⁴⁷.

¹⁴⁴ Relatório apresentado a Câmara Municipal de Santos pelo Prefeito Belmiro Ribeiro de Moraes e Silva em 15 de janeiro de 1912.

¹⁴⁵ Planta de Santos; 1915; p. 200.

¹⁴⁶ Diretor geral e engenheiro-chefe da Comissão de Saneamento do Município, Roberto Simonsen formou-se pela Escola Politécnica em 1909 e fundou a Companhia Construtora de Santos em 1912. Esta empresa desempenhou uma função estrutural na expansão da cidade, construindo, além da Bolsa Oficial do Café, diversos edificios públicos e privados (SILVA; 2003; 65-72).

¹⁴⁷ Construir chalés de madeira em Vila Macuco era a principal opção de moradia dos trabalhadores (SILVA; 2003; 65-72).

Mas Belmiro Ribeiro também agia de acordo com outros interesses, por vezes contrário às intervenções promovidas por Brito¹⁴⁸. A construção da bacia do Macuco, por exemplo, permitiu tanto o acesso de barcos dos pescadores locais, quanto um local para comercialização do produto (mercado do Macuco, no interior das casas populares). Apesar da preservação da cultura local não se identificar com a cidade moderna, Brito construiu a doca em troca da realização de galerias de águas pluviais pela Prefeitura¹⁴⁹.

Assim, as construções dos Grupos Escolares de Vila Mathias e Vila Macuco, necessidade do Estado, não privilegiavam o primeiro núcleo por causa do crescimento populacional, mas sim por causa da influência direta do Prefeito Municipal. Em 1913, os vereadores Benedito Pinheiro e José Gonçalves Moreira, da Comissão Municipal de Obras e Viação¹⁵⁰, afirmaram que o Estado já havia construído *o belo jardim de Villa Mathias* e que estava construindo *dois grupos escolares neste último lugar e na Villa Macuco*.

Aos olhos da cidade, a construção do Grupo Escolar de Vila Mathias foi lenta (demorou cerca de quatro anos) e empregava os melhores materiais e técnicas construtivas da época, resultando em um edifício neoclássico de três pavimentos (incluindo o embasamento) no centro de uma praça pública, para onde convergia a maioria das linhas de bondes elétricos da cidade, por conta das garagens instaladas ao seu lado.

Por outro lado, encravada em lote de esquina, sobra de loteamento, o Grupo Escolar de Vila Macuco era visível somente pela comunidade do núcleo urbano. Utilizou materiais mais baratos, resultando num edifício de único pavimento (com porão baixo), o que justifica sua rápida construção (cerca de dois anos).

Apesar de não possuir os dotes arquitetônicos do GE de Vila Mathias, o GE de Vila Macuco se constituiu, como o outro, no melhor edifício

¹⁴⁸ A atuação da Comissão Sanitária está marcada pelo seu conflito com a Câmara Municipal, cada qual realizando obras públicas segundo um projeto próprio de urbanização (ANDRADE In: PEREIRA (org.); 1995; p. 95).

¹⁴⁹ BRITO; 1915; p. 203-5.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 203.

instalado no seu território de abrangência, dotado de todas as condições higiênicas e sanitárias, destinado a servir de referência para futuras construções no seu entorno. Aos poucos, a paisagem de Vila Macuco, formada por chalés de madeira e cocheira, vai sendo substituída por edificações em alvenaria, dotadas de equipamentos sanitários completos e ligados à rede pública de esgotos.

É, portanto, no contexto da desqualificação da urbanização espontânea que os Grupos Escolares de Vila Mathias e de Vila Macuco são implantados. De um lado, prevalecem as idéias de escola, de bairro operário e de cidade moderna, conforme concebidas pelas elites; de outro, ocorre a real experiência de um modelo escolar em bairro de operários.

Assim, é possível explicar a propaganda republicana em torno do Grupo Escolar *Dr. Cesário Bastos*, ao contrário do que acontece com o Grupo Escolar *Visconde de São Leopoldo*, cuja inauguração recebeu parcas notas na imprensa¹⁵¹.

Grupo Escolar de Villa Macuco. Creado recentemente pelo Governo do Estado, ficou ultimado hontem em suas installações, o novo grupo escolar de Villa Macuco, nesta cidade, sob a direcção do professor João Olival da Silva. As aulas abrir-se-ão hoje e os candidatos á matrícula deverão, de accordo com os códigos de ensino e sanitário, apresentar certidão de idade e attestado de vacinação.

No entanto, a imagem do edifício escolar, serviu de propaganda do governo estadual, por exemplo, durante o 3º Congresso Nacional de Educação¹⁵². Antes, contudo, a crônica local registrava¹⁵³:

A convite do sr. José Olivar da Silva, director do grupo escolar estadual de Villa Macuco, visitámos hontem este estabelecimento de instrucção que acaba de ser construído. [...] Em conclusão, o novo edifício póde ser considerado modelar em toda a accepção da palavra.

Concluído em fevereiro de 1915, o novo edifício escolar instalado na Rua João Guerra nº 251, esquina com a Rua Silva Jardim, foi construindo segundo as modernas normas de engenharia sanitária: tratava-se de

¹⁵¹ A TRIBUNA; 02 fev. 1915; 3.

¹⁵² DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Circular; 7 maio 1929.

¹⁵³ A TRIBUNA; 10 fev. 1915; 04.

edifício de pavimento único, com amplas janelas e porão baixo, instalado no centro de lote plano.



Ilustração 19: Fotografia de divulgação do Grupo Escolar, 1929.

Junto com a Ilustração 3, esta fotografia do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo serviu para a propaganda do governo estadual durante o 3º Congresso Nacional de Educação.

De acordo com o inventário de projetos levantado pelo governo estadual, só é possível afirmar que este edifício guarda semelhanças com as plantas desenvolvidas por Carlos Rosencrantz para o GE do Carmo¹⁵⁴, na Capital, e para a Escola Normal de Pirassununga¹⁵⁵. Suas fachadas, contudo, estão marcadas pela estética neocolonial e pela tradição portuguesa de construção, com o uso de beirais, alpendres e discretos azulejos.

A adoção de porão nos edifícios públicos estaduais visava cumprir uma estratégia de construção em larga escala: ao suspender o pavimento térreo, permitia-se a implantação de uma planta tipo em terrenos de qualquer

¹⁵⁴ CORRÊA; NEVES; MELLO; 1991; 105-6.

¹⁵⁵ Ibidem; 130-2.

topografia. Também o uso de altas janelas permitia a iluminação natural e a ventilação constante, garantidas em boa parte pela centralização do edifício no lote¹⁵⁶.

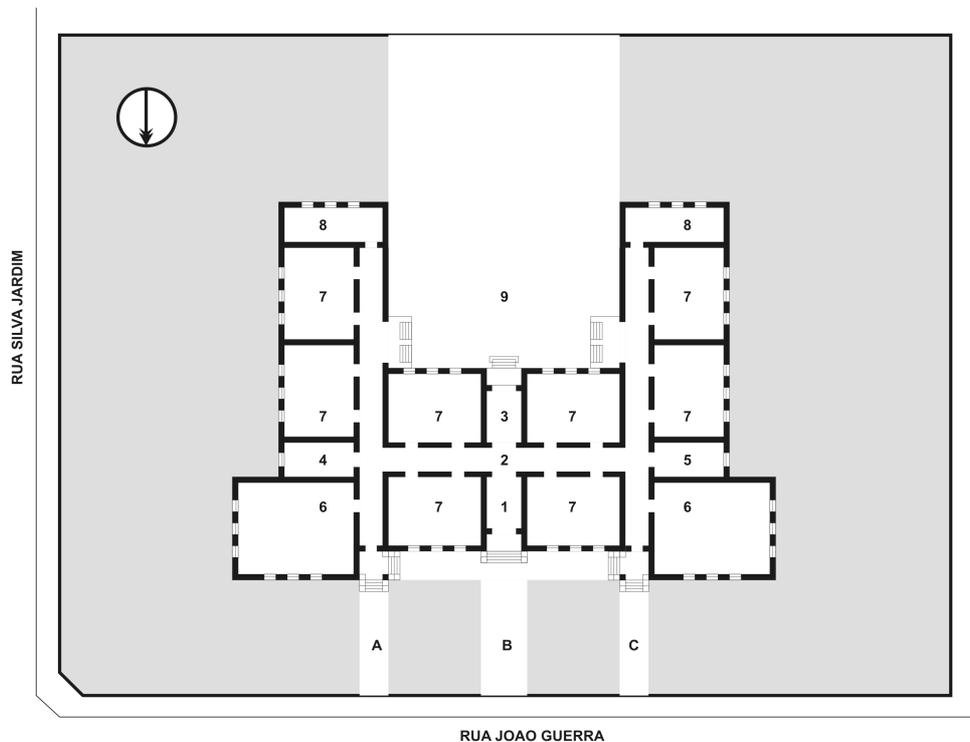


Ilustração 20: Planta do Grupo Escolar, 1915.

Esta planta foi realizada com base nas fotografias, na estrutura do edifício e demais dados levantados. Legenda: 1) Vestíbulo; 2) Circulação; 3) Sala do Conselho; 4 e 5) Salas do Diretor e do Arquivo; 6) Salas de Atividades Manuais; 7) Salas de Aulas; 8) Sanitários; 9) Pavilhão Coberto; A) Acesso para alunas; B) Acesso para adultos; C) Acesso para alunos.

Sobre esta implantação, alguns pontos devem ser destacados. As duas Salas para Atividades Manuais, maiores que as demais Salas para Aulas, permitiam a colocação de mesas e demais equipamentos específicos para o ensino desta disciplina. Contudo, estas salas mudam de uso a partir de 1920, quando a Reforma de Sampaio Dória estimula o aumento de classes de alfabetização: as Salas

¹⁵⁶ CORRÊA; NEVES; MELLO; 1991.

para Atividades Manuais tornavam-se Salas para Aulas¹⁵⁷, fazendo falta mais tarde, quando esta disciplina voltava ao currículo¹⁵⁸.

Os amplos corredores laterais permitiam a colocação de armários com cabides para guarda de materiais dos alunos. A Sala para o Conselho era destinada às reuniões de professores e para a guarda de livros (biblioteca para os docentes). As Salas para Aulas eram mobiliadas para 42 alunos, com equipamento em madeira ou ferro polido¹⁵⁹.

O confinamento nas salas de aula e a distribuição das carteiras garantiam a vigilância constante do professor sobre seus alunos, da mesma forma que os três corredores garantiam a vigilância do Diretor sobre todos (funcionários e alunos). Neste aspecto, a posição ocupada pela Sala 3 é estratégica, pois permite também a visibilidade sobre o recreio dos alunos, no Pavilhão Coberto.



Ilustração 21: Sala do Grupo Escolar, 1956.

Classe do 3º Ano D Feminino, sob a responsabilidade da Professora Carmen Maria Thereza Giordano de Marcos. A cultura material escolar se representa pelo relógio de parede, o quadro-negro, as carteiras dispostas em fila e o uniforme dos alunos.

¹⁵⁷ APENDICE III; Tabela 2.

¹⁵⁸ DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA. Circular 47; 2 jul. 1928.

¹⁵⁹ A TRIBUNA; 10 fev. 1915; 04.

Um terraço colocado entre o Pavilhão e a Sala 3, ao nível desta, permitiu a realização de eventos internos, transformando o terraço e o pavilhão em palco e platéia, ou vice-versa, como nas solenidades.

Amplios jardins envolvem o Grupo Escolar, caracterizando-se em espaços de passagens entre o público (a rua) e o privado (edifício), separados fisicamente pelos muros divisórios. Ao mesmo tempo em que os jardins amenizavam a sensação de confinamento no interior do edifício, este se projetava simbolicamente no ambiente urbano, demonstrando sua capacidade de domínio sobre a natureza.

De acordo com o convite de comemoração do Jubileu de Ouro do Grupo Escolar, duas instituições auxiliares estavam instaladas no edifício até 1935: a Caixa Escolar *Galeão Carvalhal* (1915) e o Gabinete Dentário *Dr. Samuel Baccarat* (1925).

Instituída para coletar fundos e reverter em favor do ensino no Grupo, a Caixa Escolar não devia ter sala específica no edifício. Seu patrono, João Galeão Carvalhal (1859–1924), foi advogado, abolicionista e político republicano¹⁶⁰.

Também não foi possível localizar o local exato do Gabinete Dentário *Dr. Samuel Baccarat* no edifício escolar, mas é possível que ocupasse uma das salas menores, deslocando-se o Arquivo para a Sala do Conselho ou do Diretor. Doado em 1925 pelo seu patrono¹⁶¹, era mantido pela Caixa Escolar, dirigido por D. Philomena de Freitas¹⁶² e pelo cirurgião dentista Dr. Emílio Falcão¹⁶³ e fiscalizado pela Inspetoria de Higiene e Assistência Dentária¹⁶⁴ (até 1933) ou pelo Serviço Sanitário¹⁶⁵.

As grandes reformas do edifício vão acontecer nos anos sessenta. Em 1965, edículas são construídas no fundo do imóvel e, em 1969, é

¹⁶⁰ Em Santos, ocupou os cargos de Vereador, Presidente da Câmara Municipal e Intendente Municipal; mas foi eleito também deputado federal e senador da República. (RODRIGUES; 1973).

¹⁶¹ Samuel Baccarat foi vereador e vice-prefeito de Santos.

¹⁶² DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Circular 2265; 24 abr. 1928.

¹⁶³ SERVIÇO SANITÁRIO; Ofício 196; 06 abr. 1933.

¹⁶⁴ INSPETORIA DE HIGIENE E ASSISTÊNCIA DENTÁRIA; Circular 92; 13 mar. 1933.

¹⁶⁵ A partir do Ofício 138 de 23 de março de 1933, o posto dentário passava a enviar relatórios mensais ao Serviço Sanitário.

construído o segundo pavimento. Desde 1928, contudo, já eram necessárias obras de ampliação, como a implantação de campo adequado à prática de esportes. Apesar de contar com inúmeros lotes vagos, e com o ofício do Inspetor de Estudos Físicos, que solicitava empenho dos professores junto à municipalidade para esta expansão, o Grupo Escolar se apropriou mesmo foi dos terrenos laterais aos Pavilhões Cobertos¹⁶⁶.

Além da ampliação, o edifício também necessitava de reparos urgentes muito antes das grandes reformas. Apesar do envio de verbas para este fim¹⁶⁷, o Grupo Escolar foi notificado para realizar reparos na rede elétrica¹⁶⁸ e na rede de abastecimento de água¹⁶⁹. As verbas enviadas eram insuficientes em função da instalação de outros grupos na cidade e no Estado.

Na instalação do Grupo Escolar Azevedo Júnior na cidade, por exemplo, muitos recursos dirigidos as Grupos Escolares já existentes foram desviados para a nova instituição, provocando a manifestação do Diretor em jornal local e uma densa correspondência entre ele e o Almojarifado da Instrução Pública¹⁷⁰.

As amplas janelas, que ofereciam maior iluminação e ventilação e, por isso, se tornaram característicos do repertório sanitarista, se constituíam em problemas quando lhes faltavam as cortinas para o controle ambiental¹⁷¹. Este item foi, sem dúvida, o objeto responsável por uma parte significativa dos requerimentos de equipamentos dirigidos ao almojarifado central, mas que também incluía livros didáticos, linoleum, giz, guardanapos, toalhas,

¹⁶⁶ DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Circular 298; 12 fev. 1928.

¹⁶⁷ SECRETARIA ESTADUAL DOS NEGÓCIOS DO INTERIOR; Circula 1; 16 jan. 1928. Ofício 320. 31 mar. 1928. Circula 1; 02 jan. 1930. Ofício 344; sd.

DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Ofício 6341; 5 nov. 1928. Circular 290; 23 jul. 1929. Circular 1055; 6 jun. 1930. Circular 1076; 8 jul. 1930.

ALMOJARIFADO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA; Ofício 71; 26 maio 1933.

SECRETARIA ESTADUAL DE VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS; Ofício; 17 ago. 1934.

¹⁶⁸ CITY OF SANTOS IMPROVEMENTS COMPANY LIMITED; Ofício 4174; 13 fev. 1928.

¹⁶⁹ CITY OF SANTOS IMPROVEMENTS COMPANY LIMITED; Ofício 441/934; 06 fev. 1934.

¹⁷⁰ ALMOJARIFADO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA; Ofício 337-B; 16 jun. 1928. Ofício 689-B; 01 out. 1928. Ofício 704-B; 11 out. 1928. Ofício 762-B; 03 nov. 1928. Memorando; 08 ago. 1929. Ofício 665-B; 21 set. 1928.

¹⁷¹ Ibidem; Ofício 350-B; 11 jun. 1928. Ofício 27; 12 jan. 1929. Ofício 440; 26 nov. 1936.

capachos de ferro, tinta vermelha, borrachas, álcool, armário, gongoleum, mata-borrão, machadinha, tímpanos e ambulância escolar¹⁷².

O uso do edifício escolar para outras finalidades foi regulamentado. Além das eleições, quando era designado pela Justiça¹⁷³, bailes ou quermesses só eram autorizados pela Diretoria Geral de Instrução Pública¹⁷⁴:

Para evitar os diversos inconvenientes que podem resultar da cessão de prédios escolares para festas promovidas, quer por elementos da casa, quer por pessoas estranhas, principalmente tratando-se de bailes e kermesses, solicito dessa directoria o maior empenho em evitar as solicitações que constantemente surgem nesse sentido e, no caso de não ser possível, espero que a cessão seja feita mediante previa acquiescencia desta Directoria Geral.

Tal regulamentação reflete a distancia que, aos poucos, o Grupo Escolar vai ampliando da população. Não sem motivos: defronte a ele, um *conventilho* se instalava em 1932¹⁷⁵. Tradicionalmente, o termo se referia a prostíbulo; contudo, ele também se referiu aos lugares onde ocorriam práticas de curandeirismo, como o conventilho de Emma Ferraz, 60 anos, fechado pelo Major Baccarat, sub-delegado de polícia, na Rua João Macuco 261¹⁷⁶.

Como prostíbulo ou terreiro, este registro marca, por outro lado, a distância em que as atividades divergentes das escolares chegavam do edifício escolar. Neste sentido, era compreensível que o Grupo Escolar estreitasse suas relações com o policiamento¹⁷⁷ e com a Prefeitura Municipal¹⁷⁸, no sentido de realizar benfeitorias públicas na região:

¹⁷² ALMOXARIFADO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA; Circular; 24 mar. 1928. Ofício 345-B; 5 jun. 1928. Ofício 437-B; 16 jul. 1928. Ofício 510-ACN; 09 ago. 1928. Ofício 433; 13 jul. 1929. Ofício 575; 4 set. 1929. Ofício 575; 4 jul. 1929. Ofício 594; 9 set. 1929.

¹⁷³ JUIZO DE DIREITO; Ofício; 23 abr. 1933.

¹⁷⁴ DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Circular 78; 10 nov. 1928.

¹⁷⁵ DELEGACIA REGIONAL DE POLÍCIA. Ofício 1120; 22 abr. 1932.

¹⁷⁶ A TRIBUNA, 08 jan. 1920.

¹⁷⁷ COMANDO DO DESTACAMENTO DA FORÇA PÚBLICA; Ofício 413; 15 maio 1930.

GUARDA CIVIL DE SÃO PAULO; Ofício 16; 17 maio 1930. Memorando; 11 mar. 1931.

¹⁷⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS; Ofício 687; 3 set. 1928. Memorando 407; 27 out.

1933

Santos, 27 de Outubro de 1933
Memorandum nº 407

Ilmo. Sr, Professor José Olivar
Nesta

Meus cumprimentos.

Recebi e agradeço o seu atencioso ofício de 16 do corrente, agradecimentos que peço transmitir também aos seus dignos auxiliares. Logo que seja terminado o calçamento da rua mandarei verificar a possibilidade de ser atendido o seu pedido quanto a reparação dos passeios do predio que o Amigo tão proficientemente dirige. Com os meus protestos de alta estima e consideração subscrevo-me

Aristides Bastos Machado
Prefeito Municipal

2. A organização do tempo escolar

No processo de instituição da escola primária graduada, a distribuição das atividades em tempos determinados se constitui no aspecto imprescindível para a configuração da cultura escolar. A organização do tempo manifesta rituais que dão sentido à atividade, assegurando a identidade da escola como instituição dotada de normas e códigos próprios, além de estruturar a vida humana, na medida em que incorpora hábitos nos alunos que interferem nos ritmos sociais¹⁷⁹.

Durante a Primeira República, o Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo possuiu três regimes de horário: em fevereiro de 1915, funcionava em período diário único, por cinco horas; com o desdobramento de abril do mesmo ano, passava a funcionar em dois períodos de quatro horas. A partir de abril de 1930, o tresdobramento implantava três períodos de três horas de aula.

Ou seja, a escola recém inaugurada não era capaz de atender à demanda de alunos, e se já tivesse sido construída com dois pavimentos, teria atendido a demanda.

Em 2 de fevereiro de 1915 era anunciado o início das aulas do Grupo Escolar de Vila Macuco¹⁸⁰, com funcionamento em único período, para as

¹⁷⁹ SOUZA; 1998; 222-3.

¹⁸⁰ A TRIBUNA; 02 fev. 1915; 3.

duas seções, das 11h00 às 16h00¹⁸¹. De acordo com o Regulamento de Instrução Pública, o período escolar possuía cinco horas ao dia com intervalo de meia hora, de segunda a sábado. O costume havia fixado um horário no verão, das 9h00 às 14h00, e outro no inverno, das 10h00 às 15h00, refletindo uma harmonização com o tempo social de alimentação (almoço às 7h00, jantar às 11h00 e ceia às 16h00)¹⁸².

Com este horário, o Grupo Escolar parece se adequar ao novo ritmo urbano, que adotava horários dentro da lógica do trabalho capitalista, como o jantar às 19h00¹⁸³. Mas, este tempo diferenciado de funcionamento deve ser analisado junto com outros ritmos.

Por exemplo, no ritmo do deslocamento das professoras Amália Labruciano¹⁸⁴ e Deborah Ratto¹⁸⁵, que tiveram suas escolas situadas no centro urbano reunidas no distante Macuco. Tomando-se o bonde elétrico nº 5, que atendia tanto a escola quanto as residências das professoras¹⁸⁶, a uma velocidade máxima de 30 km/hora, pode-se afirmar que o deslocamento de casa ao trabalho das professoras não demorava menos de meia hora, contando as reduções de velocidades e os deslocamentos a pé¹⁸⁷.

Em outro exemplo, o período de trabalho na Companhia Docas de Santos, durante a década de 20, era das 07h00 às 16h30min com almoço das 10h00 às 11h30min¹⁸⁸. Na década anterior, a Companhia Santista de Tecelagem expandia a jornada de trabalho de dez horas (das 05h30min às 18h00) até os limites da resistência física de seus operários, segundo as necessidades da produção e da

¹⁸¹ Ibidem; 09 fev. 1915; 5.

¹⁸² SOUZA; 1998; 214-6.

¹⁸³ Ibidem.

¹⁸⁴ Largo Marques de Monte Alegre (TRINDADE; 1914).

¹⁸⁵ Praça dos Andradas 36.

¹⁸⁶ O bonde 5 servia ao seguinte trajeto: Praça Rui Barbosa, Praça dos Andradas, ruas São Francisco, Senador Feijó, Rangel Pestana, Avenida Ana Costa, ruas Lucas Fortunato, Dona Luiza Macuco, Silva Jardim, Xavier Pinheiro, Batista Pereira e Avenida Conselheiro Rodrigues Alves (SANTOS; 1987; 24).

¹⁸⁷ Deve-se destacar a parada principal, na Rua Luiza Macuco esquina com Avenida Conselheiro Nébias, onde era cobrado 100 réis pelo restante do percurso; outro detalhe importante era que, desde 1912, alunos e professores pagavam 25% das tarifas de transporte, ou seja, as professoras gastavam 100 réis em transporte, ao dia (STIEL; 1978; 223-87).

¹⁸⁸ PRATA; 47-8.

safra de café¹⁸⁹. Dentro desses parâmetros, é possível afirmar que o horário escolar contemplava tanto o intervalo de almoço das principais empregadoras locais, quanto o tempo social de alimentação.

No entanto, um mês depois de iniciadas as aulas, o Grupo Escolar passava a funcionar das 07h45min às 12h00, conforme determinação da Diretoria Geral de Ensino¹⁹⁰. No mês seguinte, autorizado o desdobramento do Grupo Escolar, o período das 08h00 às 12h00 horas foi destinado à ala masculina, enquanto das 12h30min às 16h30min para a ala feminina¹⁹¹. Com uma hora a menos de aula no dia, o novo horário impôs uma separação entre meninos e meninas durante a maior parte do dia.

Por outra perspectiva, o desdobramento do período escolar visava atender à demanda de alunos. Com capacidade para atender 336 alunos (8 salas de 42 alunos), o Grupo Escolar de Vila Macuco já possuía 378 matrículas em 9 de fevereiro de 1915¹⁹²; com o dobro de sua capacidade, o ano registrou o total de 488 alunos matriculados, uma média de ocupação de 31 alunos por classe e população masculina superior à feminina (52%).

Ou seja, além de sobrarem vagas no Grupo Escolar, os alunos eram a principal ala escolar de 1915¹⁹³. Isto justificava, em parte, o privilégio atribuído aos alunos de estudarem pela manhã, nas primeiras horas do dia, quando o corpo ainda estava descansado, de acordo com uma idéia de caráter pedagógico e científico que acreditava que o funcionamento fisiológico das crianças era superior no início do período escolar¹⁹⁴.

Por outro lado, a ocupação feminina torna-se superior nos anos seguintes; mas não há notícias de que houve a inversão de alas nos períodos escolares, persistindo o privilégio dado aos alunos. É de se considerar que, após dez anos, somente 49 alunos haviam sido aprovados nos quatro anos do curso primário,

¹⁸⁹ MATOS; 83

¹⁹⁰ A TRIBUNA; 07 mar. 1915; 4.

¹⁹¹ Ibidem; 25 abr. 1915; 4.

¹⁹² A TRIBUNA; 09 fev. 1915; 5.

¹⁹³ APÊNDICE III; Tabela 3.

¹⁹⁴ SOUZA; 1998; 215.

sendo 24 meninas e 25 meninos, 3% e 5% do número de alunos matriculados por ala, proporcionalmente.

Apesar de mais alunas se matricularem na escola, eram os alunos que persistiam mais no curso seriado. Em média, 85% concluía 1 ou 2 anos de curso preliminar seriado, mas em séries e anos letivos variados¹⁹⁵.

Porém, estas informações devem ser minimizadas, pois a destinação de espaços iguais para meninas e meninos restringia a ocupação, gerando classes numericamente semelhantes.

Importante é afirmar que, até 1919, o prédio escolar possui ocupação inferior ao seu limite máximo. Com a obrigatoriedade do ensino primário para as crianças e o objetivo de alfabetização em massa da população, que entrava em vigência no biênio de 1920-1, durante Reforma do Ensino promovida por Sampaio Dória, é que o Grupo Escolar funcionaria além de seus limites máximos de ocupação, com 721 e 673 alunos matriculados em 20 classes¹⁹⁶. Mas o número de alunos matriculados decaiu nos anos seguintes.

Estes dados permitem concluir que, longe de ser modelo estático e acabado de escola graduada, o Grupo Escolar de Vila Macuco se organizava de acordo com as necessidades e demanda dos alunos. Em abril de 1915, era anunciada a realização de Palestras Pedagógicas nos dias 14 e 28 de cada mês, ou nas vésperas de feriados¹⁹⁷.

Nestes dias, os alunos seriam dispensados uma hora antes do prazo regulamentar e, de acordo com a nota, tratava-se de reunião íntima, onde os professores apresentavam os resultados de seus estudos, visando um fim prático e de imediata aplicação nas questões pedagógicas e administrativas.

Como outras palestras realizadas pelo Estado, buscava-se o progresso na instrução dos mestres, o aumento da freqüência dos alunos (por causa

¹⁹⁵ APENDICE III, Tabela 4.

¹⁹⁶ APENDICE III; Tabela 2.

¹⁹⁷ A TRIBUNA; 23 abr. 1915; 5.

de aulas melhores dirigidas) e a instituição de laços de solidariedade entre os professores. Ou seja, o horário escolar também se adequava às necessidades do corpo docente, tomando o espaço para discussão de experiências de ensino.

Ainda em 1915, as férias percorreram 51 dias, de 12 de junho a 1º de agosto, e mais 30 dias no final do ano, de 16 de dezembro a 14 de janeiro de 1916. No ano seguinte, as férias no meio do ano foram reduzidas para 36 dias, de 11 de junho a 17 de julho, apesar do regulamento, de acordo com o diretor, prever somente 20 dias, de 11 a 30 de junho¹⁹⁸.

De 18 de fevereiro (quinta feira após o carnaval, primeiro dia de ponto) a 15 de dezembro de 1915 foram 205 dias letivos, de segunda a sábado, com feriados em 1º, 2º e 3º (Semana Santa) e 21 de abril (Precusores da Independência Brasileira), 3 e 13 de maio (Descoberta do Brasil e Fraternidade), 7 de setembro (Independência), 12 de outubro (Descoberta da América), 2 e 15 de novembro (Finados e República)¹⁹⁹:

O calendário da escola pública reforçou especialmente as datas cívicas, o que registra o papel exercido por ela na construção da memória nacional.

Não foram encontradas outras paralisações de aulas durante os anos letivos de 1915-16, exceto ao dia seguinte ao falecimento do adjunto João de Oliveira e Silva, ocorrido em seis de agosto de 1916.

Em dezembro de 1915, enquanto diversas escolas publicavam os relatórios de aprovação nos exames finais de seus alunos e as atas das festividades de final de ano, que incluía discursos de políticos locais, o Grupo Escolar de Vila Macuco comunicava que realizaria uma *modesta festinha escolar*, aberta somente aos alunos e professores no dia 11, mas aberta aos pais, imprensa, autoridades e demais interessados pela *instrução da petizada* nos dias 12 e 13. Além da exposição de trabalhos dos alunos, a festividade seguiu o seguinte programa²⁰⁰:

¹⁹⁸ LIVRO DE PONTO; 1915-6.

¹⁹⁹ SOUZA; 1998; 217.

²⁰⁰ A TRIBUNA; 08 dez 1915; 04.

1ª PARTE: *A Bandeira do Brasil*, poesia, com Eulália Rodrigues; *Hino Nacional*, coro geral, com grupo de meninas; *Marselhesa*, coro geral, com grupo de meninas no palco; *Os Aniversários*, cançoneta, com Zilda; *O Médico*, cançoneta; *Ser Moça*, cançoneta, com Julieta; *As Flores*, canção, com o 2º ano feminino; *Manhãs de Abril*, canção, com o 3º ano feminino. 2ª PARTE: *Hino Escolar*, com o 3º e o 2º ano B masculino; *O Cravo e a Rosa*, duo, com Aldo e Aurora; *Vassourinha*, com Cecília e Irene; *Lágrimas e Risos*, canção, com Cândida, Laura e Lourdes; *Não Serei Freira*, cançoneta de J.O., com Zilda; *Quando Eu For Homem*, cançoneta, com Aldo Bonadei; *Sorrir*, canção, com o 1º ano masculino. 3ª PARTE: *O Prêmio de Manoela*, fina opereta escolar, letra de J.O., música de Vicenzo Billi, com Esther (Condessa), Julieta (Rosa, a verdureira), Cacilda (Manoela), Arminda (Luiza), Branca (Ada), Ignez (Giretta); Coros e convivas.

Os alunos foram ensaiados pela Professora Rosalina Alves Rodrigues. O diretor José Olivar da Silva, além de agradecer a presença de pais e autoridades municipais e estaduais, também participou do evento, tocando flauta e regendo a orquestra²⁰¹.

Esta festividade, assim como todo o ritual anual, foi se sofisticando a cada ano, chegando a ser realizado em 30 de novembro de 1928 no Teatro Coliseu²⁰². Neste ano, pastas individuais de alunos foram instituídas, contendo as provas mensais de linguagem, aritmética, desenho ou cartografia, que eram enviadas ao Inspetor Distrital para verificação do progresso do aluno na exposição de final do ano²⁰³. No ano seguinte, esta exposição de trabalhos escolares durou a última semana letiva de novembro²⁰⁴.

²⁰¹ Ibidem; 14 dez. 1915; 02

²⁰² PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS; Ofício 913; 05 dez. 1928.

²⁰³ DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Circular 50; 16 jul. 1928.

²⁰⁴ Ibidem; Ofício; 16 nov. 1929.



Ilustração 22: Festa de Encerramento do Ano Letivo do Grupo Escolar, 1929.

Realizada no Teatro Coliseu, o maior da cidade, as festas de encerramento do ano letivo reuniam alunos, pais, professores e autoridades locais.

O empenho nas comemorações do Dia da Proclamação da República era cobrado anualmente²⁰⁵, assim como o Dia da Ave (27 de abril), que deveria ser comemorada dentro e fora do estabelecimento, em parques públicos e *buscando associação com o povo*²⁰⁶. Sobre esta comemoração, dois meses depois era comunicado que os alunos deveriam realizar contos, descrições e relatos sobre seus cuidados com aves e árvores durante as férias escolares²⁰⁷. Com a nova data atribuída para o Descobrimento do Brasil (22 de abril), instituíram-se no dia três de maio as comemorações do Dia da Raça, para propaganda da cultura física, da saúde e da raça²⁰⁸.

Apesar de não possuir Orfeão Escolar até 1936²⁰⁹, a organização do horário de ensino da Música já estava estabelecida em 1929: por duas

²⁰⁵ Ibidem; Circular 77; 09 nov. 1928. Circular 83; 11 nov. 1929.

²⁰⁶ Ibidem; Circular 23; 19 abr. 1929.

²⁰⁷ DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Circular 41; 04 jun. 1929.

²⁰⁸ Ibidem; Circular 297; 10 fev. 1929.

²⁰⁹ GRUPO ESCOLAR VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO; Convite do Jubileu de Ouro; 1965.

vezes na semana, as aulas eram de 15 minutos no 1º ano, 20 minutos no 2º ano, e 25 minutos no 3º e 4º anos. Além disso, os 3º e 4º anos ensaiavam o Orfeão por 50 minutos nos dias pares e mais 40 minutos em conjunto com o 1º e 2º anos nos dias ímpares. O canto do hino nacional era realizado durante o recreio, e as aulas utilizavam três cadernos de caligrafia musical de J. A. Vieira do 2º ao 4º ano, sendo que o melhor caderno de cada classe era enviado à inspetoria para avaliação semestral²¹⁰. O ensino da Música ocupava, portanto, de 12% a 30% do tempo semanal das aulas e 27% do tempo de descanso.

O problema de matrículas nos Grupos Escolares já se agravava em 1929²¹¹, e o tresdobramento de aulas no estabelecimento foi autorizado no ano seguinte²¹², com a abertura de três classes de primeiro ano para crianças maiores de oito anos. Os períodos escolares passaram a ser das 7h30min às 10h30min, das 10h40min às 13h40min e das 13h50min às 16h50min.

Em 1934, o Grupo Escolar já funcionava com trinta classes (5 classes de 1º ano, 4 de 2º ano, 4 de 3º ano e 2 de 4º ano, por ala), com 1345 matrículas (45 alunos por classe) e 839 (62%) aprovações.

²¹⁰ DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Circular; 29 jan. 1929.

²¹¹ Ibidem; Circular 11; 20 fev. 1929.

²¹² Ibidem; Ofício 599; 4 abr. 1930.

3. Os Sujeitos Históricos e suas práticas

O Corpo Discente

O Grupo Escolar se caracterizou como local de convergência das diversas etnias de Vila Macuco. De acordo com os Livros de Matrículas de 1933-4, o corpo discente podia ser dividido pela localidade, pela naturalidade e pela filiação²¹³.

Quanto à localidade, pouco mais da metade dos alunos era proveniente de Vila Macuco, ou seja, o Grupo Escolar atendia boa parte dos arredores do bairro, especialmente aos moradores dos subúrbios da Barra. Filhos de colonos e de pescadores, os alunos se dirigiam ao Grupo Escolar através dos bondes elétricos, das carroças e dos barcos.

A presença de alunos de Itapema e Bocaina, bairros hoje pertencentes ao município de Guarujá, evidenciam tanto o papel desempenhado pela Bacia do Macuco para a região, quanto a ausência de escolas naquelas imediações. A localização do Grupo Escolar, entre o centro urbano e a Barra, foi estratégica, portanto.

Quanto à naturalidade, um quarto dos alunos do Grupo não era de Santos. Figuram alunos nascidos no Distrito Federal (Rio de Janeiro), no Exterior, no Nordeste e nas cidades do litoral e do interior paulista.

Quanto à filiação, o Grupo Escolar atendeu a filhos de comerciantes, de operários e de funcionários públicos. A cidade se constituía em bom mercado de trabalho para técnicos especializados da construção civil, tais como carpinteiros, marmoristas, ladrilheiros, asfaltadores, eletricitas, encanadores, ou dos demais setores produtivos, como mecânicos, maquinistas, telegrafistas e funileiros.

Quanto à naturalidade dos pais, eram proporcionalmente brasileiros e estrangeiros. Um terço da população escolar era de filhos de

²¹³ APÊNDICE III; Tabela 5.

portugueses, refletindo a força deste movimento migratório; mas também apareciam filhos de espanhóis, italianos e orientais (japoneses e libaneses).

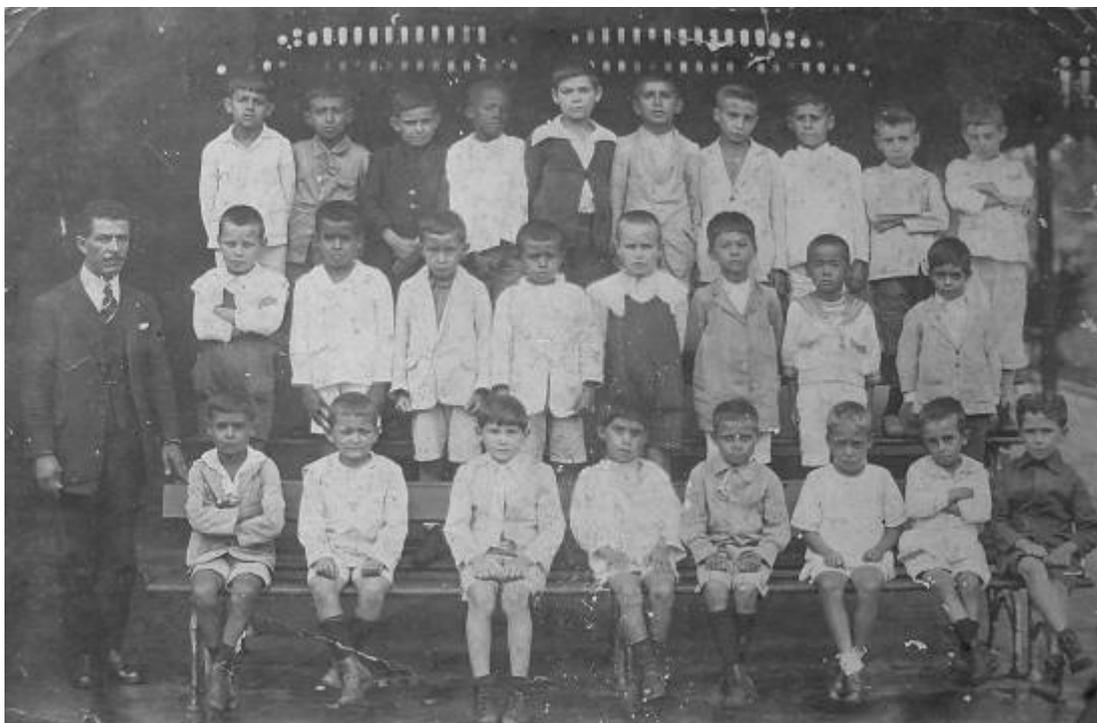


Ilustração 23: Fotografia de uma classe masculina do 1º ano médio do Grupo Escolar, 1925. Nesta classe, sob a responsabilidade do Professor Adjunto Antonio Doria, filhos de imigrantes estavam reunidos e, com a ausência dos uniformes, é possível sugerir as diferentes classes sociais.

O operariado, representado por trabalhadores portuários, ferroviários e da construção civil, constituía um terço dos pais. O termo “operário” parece ser uma denominação genérica relacionada às primeiras associações organizadas de trabalhadores urbanos.

O segundo terço era formado por trabalhadores do comércio e de prestadores de serviços. Filhos de profissionais liberais, especialmente de contadores, médicos e engenheiros surgiam esporadicamente.

No terço final, filhos de funcionários públicos, aposentados, domésticas, costureiras, pescadores, lavradores e condutores foram separados das demais classificações, pois se destacavam como grupos organizados, ao menos quando se autodenominavam como diferentes das demais ocupações. Dentre os

funcionários públicos, destacam-se filhos de magistrados e de fiscais da receita pública.



Ilustração 24: Fotografia de uma classe feminina do Grupo Escolar, 1931.

Ao contrário da ala masculina, a ala feminina se apresenta em trajes brancos, com pernas e braços cruzados, evidenciando a vigilância maior sobre os hábitos e costumes das meninas. A Bandeira Nacional passa a figurar nas fotografias produzidas a partir de 1928, e o material didático a partir de 1937. Note-se o Diretor, José Olivares da Silva, à esquerda, e a Professora, ao centro: o exercício do magistério se iniciava logo cedo.

Como local de divergência da cultura escolar para o meio urbano, o Grupo Escolar instituía uma nova ordem, baseada na separação sexual e na classificação do aluno por idade e por apreensão dos conteúdos transmitidos.

Durante os dez primeiros anos, a ala feminina foi levemente superior à masculina por oito anos. A separação das alas em espaços iguais não permitia que houvesse a hegemonia de uma ala sobre outra, de forma que, apesar dessa superioridade, não se pode afirmar que as meninas buscavam mais a escola do que os meninos: os números são idênticos²¹⁴.

²¹⁴ APENDICE III; Tabelas 3 e 4.

Por outro lado, o número maior de aprovações por aluno²¹⁵ apresenta certa superioridade dos meninos, o que indicaria que eles persistiam mais no curso seriado. O que de fato pode-se afirmar é que as crianças freqüentavam em média 2 dos 4 anos de curso seriado, em anos letivos e séries não subseqüentes, indicando que a formação completa do aluno, se acontecia, complementava-se em outras escolas do entorno.

Metade das crianças se matriculava no primeiro ano e um terço no segundo ano; em média, as classes do primeiro ano chegavam a uma proporção de 40 alunos por sala, 35 alunos nos segundo e terceiro anos e 30 no quarto ano. De forma que, com capacidade de 42 alunos por sala, o problema de vagas no Grupo Escolar se referia ao primeiro ano, especificamente. Tinha, portanto, razão Sampaio Doria na Reforma de Ensino de 1920, quando visava a alfabetização e preconizava classes de 1º e 2º anos em detrimento ao 3º e 4º anos. A partir de 1923, o quarto ano primário deixava de existir, ampliando uma classe em cada ala para o primeiro ano.

Neste contexto, Miroel Silveira, nascido na cidade em oito de maio de 1914, foi aprovado com distinção pela Prof. Rosalina Alves Rodrigues, no 2º ano primário de 1924. Filho de Valdomiro Silveira, escritor e Secretário da Educação e Saúde Pública do governo de Armando de Salles Oliveira (1933-1936), Miroel formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo, mas abandonou a carreira pelo teatro brasileiro, junto com Ziembinski e Bibi Ferreira.

Além de importante escritor, diretor, ator e crítico, Miroel foi professor da Escola de Comunicações e Artes de São Paulo, onde constituiu um arquivo público, que hoje leva seu nome, com mais de 6.000 processos de peças censuradas pela Divisão de Diversões Públicas do Estado de São Paulo, de 1927 a 1968.

Parece ter sido no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo que Silveira participou de suas primeiras peças teatrais. Mas não foi ali que ele se encontrou com Cacilda Becker, filha de professora primária, lançada por ele como

²¹⁵ APENDICE III; Tabela 5.

atriz na Capital. Foi nos saraus promovidos pela elite intelectual, no chalé doméstico da família Becker, próximo da Associação Instrutiva José Bonifácio, onde seu pai lecionava e a futura atriz realizava o curso normal²¹⁶.

Antonio Andrade foi colega de classe de Miroel Silveira em 1924. Nascido em 13 de julho de 1913, já havia cursado o 1º ano primário em 1922, na classe da Professora Adalgisa Salles. Começou trabalhando como mensageiro nas corretoras de café do centro urbano, até se associar e constituir uma papelaria. De acordo com depoimento de sua filha, lembrava da Professora Rosalina e de suas aulas com leitura de jornais, afirmando que estudara na *Universidade do São Leopoldo*, referindo-se ao bom nível da escola²¹⁷.



Ilustração 25: Fotografia de uma comemoração, 1924.

Não foi possível identificar Miroel Silveira, mas Antonio Andrade é o segundo menino sentado no chão, da direita para a esquerda. A Professora Adjunta Rosalina Alves Rodrigues está de pé, e costumava ensaiar os alunos nas apresentações musicais e teatrais. Única fotografia do período que mostra as duas alas reunidas.

²¹⁶ PRADO; 2002.

²¹⁷ Depoimento de Wilma Therezinha Fernandes de Andrade, em 11 dez. 2007.

Os dados estatísticos encobrem histórias de vida, que devem ser investigadas em futuros trabalhos. Além de Miroel Silveira e Antonio de Andrade, o nome de Rosendo Amado, hoje denominação de logradouro público no Guarujá, estimula a curiosidade de saber o que foi a escola para estes alunos, assim como o que foram estes alunos para a escola.

Não foi um ambiente familiar, no sentido doméstico que as escolas isoladas representavam. Em 1919, com a reunião das escolas isoladas dirigidas pelos professores Antonio Eberle dos Santos e Zeny de Sá Goulart, o Grupo Escolar aprovava os alunos José Eberle dos Santos e Maria de Lourdes de Sá Goulart, filhos e alunos dos mestres-escola.

Também por um só ano, estudaram Maria de Lourdes Pinto Blandy e Filinto Leituga, filhos das adjuntas Marietta Pinto Blandy e Albertina Barbosa Leituga²¹⁸. Afinal, que motivos teriam os professores para não matricularem seus filhos no Grupo Escolar que lecionavam?

Por outro sentido, Amélia de Azevedo Branco Coelho, Aracy Silva, Wanda de Freitas, Alzira Fonseca Leite e Nair Teixeira Luz exemplificam como a instituição tornou-se familiar, alfabetizando suas futuras professoras.

O Corpo Docente

O Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo foi instituído com a reunião de quatro escolas isoladas em 1915, sob a responsabilidade de Maria Fontes (Rua João Guerra, na Vila Macuco), Otílio de Oliveira (Rua Dona Luiza Macuco, arredores da Vila Macuco), Amália Labruciano (Largo Marquês de Monte Alegre, Centro) e Deborah Ratto (Praça dos Andradas 36, Centro). Em 1919, outras duas escolas são reunidas, a de Antonio Eberle dos Santos²¹⁹ e a de Zeny de Sá Goulart (Avenida Conselheiro Nébias 329, arredores da Vila Macuco).

Lucília Eugênia Martins Ribeiro, Rosalina Alves Rodrigues, Albertina Barbosa Leituga, Alfredina Pereira Baraúna, Elisa Ramos Vasconcelos,

²¹⁸ APENDICE II.

²¹⁹ Não foi encontrada a localização desta escola isolada.

Adalgisa Salles e Lourdes de Almeida Santos completam o corpo docente no primeiro ano, e, junto com Maria Augusta de Toledo, Maria Alves Vianna e Neomésia Goulart, vão estruturar o Grupo Escolar nos anos seguintes.

Outros professores, de menor permanência²²⁰, completam o corpo docente administrado pelo Professor Complementarista José Olivar da Silva. Até 1934, último ano letivo que acompanha antes de se aposentar²²¹, Olivar contava, dos mais antigos, apenas com Alfredina Pereira Baraúna, Rosalina Alves Rodrigues, Antonio Eberle dos Santos e Zeny de Sá Goulart.

Diante da rotatividade do corpo docente, alguns professores se fixaram por mais tempo no segundo e terceiro anos, classes de menor número de alunos que o primeiro ano. É o caso de Lourdes de Almeida Santos e de Rosalina Alves Rodrigues, que lecionam por mais de dez anos no segundo ano primário masculino²²².

Para as menores classes do quarto ano, Olivar destacava adjuntos que atuavam em outras atividades administrativas. É o caso de João de Oliveira da Silva e Otílio de Oliveira, que o substituíam nas suas ausências.

Pouco se pode comentar sobre João de Oliveira e Silva. Professor Adjunto e fundador do Grupo Escolar, ele faleceu em seis de agosto de 1916, após licença médica de um ano. Já o adjunto Otílio de Oliveira desempenhou a função de Secretário na Delegacia Regional de Ensino de Santos, sendo logo removido para a Capital²²³.

Dos 120 professores relacionados entre 1925-35, somente seis são do sexo masculino. Além dos já citados, é preciso destacar Sebastião Silvio Julião, formado pela Escola Normal de Guaratinguetá (1920), que ingressa no Grupo Escolar em 1932. Com a aposentadoria de Olivar, Julião é nomeado Diretor e, no mesmo ano, Inspetor Escolar do Interior.

²²⁰ APENDICE I.

²²¹ Olivar aposentou-se em 22 de março de 1935.

²²² APENDICE III; Tabela 1.

²²³ PENNA; 1932.

Enquanto os professores ascendiam na hierarquia administrativa, as professoras se destacavam na ação social. Tem-se a notícia de que a Adjunta Maria Cândida Freire Gomes serviu à Assistência ao Litoral de Anchieta (ALA), movimento da Igreja Católica (1939) que desenvolveu trabalho social e educacional no litoral paulista, com sede em Santos, onde preparava líderes comunitárias²²⁴.

Zeny de Sá Goulart foi além. Após sua aposentadoria no Estado (1934), dedicou-se nos cursos de formação de professoras do Liceu Feminino Santista, do Colégio São José e do Colégio Coração de Maria. Em 16 de março de 1936, foi eleita a primeira vereadora na cidade, pela União Democrática Nacional.



Ilustração 26: Fotografia de Zeny na Associação Feminina Santista, 7 de junho de 1944. A Professora Zeny de Sá Goulart discursa na comemoração do 41º aniversário da fundação da instituição, em fotografia publicada na Revista Flama do mês.

Também à formação de professores se dedicou Antonio Eberle dos Santos. Aprovada em 1927 pelo Governo do Estado, a Escola Normal José Bonifácio situou-se na Vila Nova, próximo ao Grupo Escolar, e era composto por notáveis professores das iniciativas pública e privada, como Valdomiro Silveira,

²²⁴ PEREIRA; 1992.

Tomás Catunda, Padre Gastão de Moraes e Eugênio Porchat de Assis, sob a direção do médico Adolpho Porchat de Assis²²⁵. Nelson Ribeiro narrava desta forma as aulas de Aritmética a que assistiu de Eberle²²⁶:

Mal dava o sinal, logo entrava em aula, fazia rapidamente a chamada, punha o relógio sobre a mesa e começava a lecionar. Dava o máximo de si a fim de que todos aprendessem a matéria. Era enorme o esforço que despendia, e honra seja feita, os alunos correspondiam. Não havia quem não ficasse sabendo dos intrincados problemas. Repetia sempre o ponto quando percebia se fazer necessário e testava os discípulos no quadro-negro. Nervoso, agitado, mas respeitado por todos.



Ilustração 27: Fotografia de Eberle na Igreja de Santo Antonio do Embaré, dezembro de 1948. Rodeado de normalistas, Antonio Eberle dos Santos participa da missa de formatura da Escola Normal José Bonifácio.

É possível que a atuação de Eberle no Grupo Escolar *Visconde de São Leopoldo* e na Escola Normal *José Bonifácio* tenha estabelecido uma razoável relação entre as duas instituições. Nos anos 30, o corpo docente do Grupo Escolar se dividia entre Adjuntos formados pelas Escolas Normais Estaduais e

²²⁵ RODRIGUES; 1971.

²²⁶ RODRIGUES; 1976.

Substitutos Efetivos, formados pelas Escolas Normais locais; destes, quatro quintos havia se formado na Escola Normal *José Bonifácio*²²⁷.

Apesar dos Substitutos Efetivos e da rotatividade de professores, não se pode afirmar que o corpo docente era inexperiente. Quando ingressaram no Grupo Escolar, os Adjuntos já possuíam experiência docente de, no mínimo, dez anos. A maioria era formada na capital (Escolas Normais da Praça e do Braz), mas também vinham professores formados em Casa Branca, Piracicaba, Campinas, São Carlos e Guaratinguetá.

A trajetória dos normalistas pelo Estado se constitui em história à parte. Por exemplo, a adjunta Helena Caiuby Crescenti nasceu em Campinas (1899), formou-se professora em Piracicaba (1916) e residiu em Ribeirão Preto e Rio Claro antes de se fixar em Santos (1934). Casada com Pedro Crescenti, diretor por vinte anos da Escola Industrial Estadual Dona Escolástica Rosa, seus filhos também não estudaram em escolas públicas, mas em colégios católicos²²⁸.

Estes dados podem indicar que, apesar de serem consideradas escolas modelares, os Grupos Escolares, em Santos, não eram vistos como instituições formadoras das elites. É possível que fossem uma opção de ensino para muitos que não possuíam condições de matricular seus filhos em escolas que a tradição havia consagrado como boas instituições.

Indicam também uma boa diferença salarial entre as diversas categorias de professores do Estado. Não que os professores adjuntos dos Grupos Escolares ganhassem altos salários, mas sim que a docência no Grupo Escolar significava não só ter um salário melhor, mas também ter um tempo livre para desenvolvimento de outras atividades, como o trabalho em outras instituições.

Neste sentido, evidencia-se uma separação sexual entre o professor, que busca novas posições e melhores salários, e da professora, que se estabelece na escola. É o caso de Otílio de Oliveira, que se casa após a reunião de

²²⁷ GRUPO ESCOLAR VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO; Resumo Estatístico; 1934.

²²⁸ Colégio Coração de Maria e Colégio Santista.

sua escola isolada ao Grupo, e depois ascende na hierarquia administrativa²²⁹; mas também é o caso de Alfredina Pereira Baraúna e Elisa Ramos Vasconcellos²³⁰, que não mudam de posição mesmo após o casamento. Desta forma, o Grupo Escolar significou um importante espaço de profissionalização do professor.

O Patrono, o Diretor, o Inspetor e outras personagens: Práticas e Conteúdos de Ensino.

Além de alunos e professores, outras personagens intervinham no cotidiano do Grupo Escolar de Vila Macuco, assim como a escola também intervinha no cotidiano do bairro e da cidade.

Em 11 de abril de 1916, a visita do Deputado Estadual Antonio da Silva Azevedo Junior²³¹ à cidade foi registrada pela imprensa local. Acompanhado pelo Coronel Joaquim Montenegro, vice-prefeito, o deputado visitou o Grupo Escolar *Barnabé* e o Grupo Escolar de Vila Macuco, sendo nesta recebido por Olivar, que conduziu as autoridades pelas dependências do edifício, culminando em uma apresentação musical e de ginástica no Salão Nobre²³², de acordo com o seguinte programa²³³:

- 1) “Marselheza” – Solo e coro.
- 2) “Soldadinhos” – Cântico gymnastico.
- 3) “Cara pátria” – Cântico patriótico.
- 4) Hymno Nacional.

O clima de festividade exaltava valores republicanos e exibia a formação disciplinar e artística do corpo discente, como já acontecia em outros eventos do cotidiano escolar.

²²⁹ De acordo com o Livro de Ponto, o adjunto goza Licença Gala entre 24 e 26 de abril de 1916.

²³⁰ De acordo com os Livros de Ponto, as adjuntas assinavam Alfredina H. de Arruda Pereira (1915) e Elisa Ramos (1915-9).

²³¹ Comerciante de café, Azevedo Júnior foi vereador e presidente da Câmara Municipal de Santos, Deputado Estadual e Senador Federal. Além de participar ativamente da Associação Comercial de Santos, que presidiu, colaborou também com a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, a Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio e com a Sociedade Portuguesa de Beneficência, no centro urbano, e com a Sociedade São Vicente de Paulo e Associação Protetora da Infância Desvalida, na Vila Macuco (RODRIGUES; 1973; 104).

²³² Como o edifício não era dotado de Salão Nobre, acredita-se que a Sala do Conselho teria servido para este fim, com alunos se apresentando no Pavilhão Coberto.

²³³ A TRIBUNA; 12 abr. 1916; 3.

Sem dúvida, é em torno dos ideais republicanos que mudanças simbólicas serão realizadas por volta de 1920. Na cidade, o município promovia mudanças das denominações dos logradouros públicos, trocando aquelas definidas pelos hábitos e costumes por representantes da nação brasileira.

Na Vila Macuco, a Rua Guerra, que era definida pelo domínio de Antonio de Souza Guerra e Rita Macuco, passava a se denominar João Guerra, em homenagem ao vereador e líder dos movimentos abolicionista e republicano local. Este é um dos exemplos do processo que sepultava a memória da tradicional família santista e do investimento na propaganda republicana²³⁴. Também o Grupo Escolar de Vila Macuco recebe o Visconde de São Leopoldo como patrono a partir de 1922.



Ilustração 28: Retrato do Visconde de São Leopoldo.

Imagem do Patrono, fixada no corredor central do Grupo Escolar.

Apesar de ter nascido na vila de Santos em nove de maio de 1774, a vida pública de José Feliciano Pinheiro Fernandes está relacionada ao Império de D. Pedro II: depois de se bacharelar em Portugal (1799), o filho de Coronel de Milícias foi Ministro do Império, Deputado às Cortes, Senador do Império e Conselheiro do Imperador; criou o Instituto Histórico e Geográfico

²³⁴ Dos logradouros denominados pela família Macuco, somente a Rua de Dona Luiza Macuco permanece. É somente em 1951, em homenagem da Câmara ao nascimento de seu ilustre vereador, que a Rua José André do Sacramento Macuco é instituída no antigo Sítio do Pau Grande, arredores de Vila Macuco (RODRIGUES; 1973).

Brasileiro e instituiu os cursos jurídicos no Brasil; no Rio Grande do Sul, ocupou o cargo de Juiz das Alfândegas, tornou-se primeiro presidente da Província, fundou a cidade de São Leopoldo e morreu na cidade de Porto Alegre, em seis de julho de 1847²³⁵.

Representa, portanto, o ideal positivista e republicano, no sentido de poder pelo saber, pela ordem que promove o progresso. Mas representa também uma mudança na identidade da escola, que se desvinculava do bairro, que não crescia segundo o ideal de cidade que os sanitaristas promoviam.



Ilustração 29: Fotografia de José Olivar da Silva.

Imagem do Primeiro Diretor, também fixada no corredor central do Grupo Escolar.

Ao lado do Visconde de São Leopoldo, a imagem do Professor José Olivar da Silva é ainda hoje preservada no corredor principal da escola, numa justa homenagem ao diretor que organizou o Grupo Escolar por vinte anos. Além de estabelecer relações internas, Olivar participou ativamente do cotidiano urbano do bairro, de forma que a Câmara Municipal decidiu atribuir, em 1950, seu nome a um dos logradouros públicos abertos no Sítio do Pau Grande, hoje bairro do Estuário, nos arredores de Vila Macuco.

²³⁵ RODRIGUES; 1973; 575-6.

No final da gestão de Olivar, o Grupo Escolar *Visconde de São Leopoldo* gozava de prestígio na cidade, de forma que outras instituições o procuravam no sentido de estabelecer alianças públicas.

É o caso da Sociedade União Operária, que após constituir nova diretoria em 1928, solicitou da escola a mesma atenção despendida às direções anteriores²³⁶. Ou da Sociedade Protetora dos Animais, que agradecia o apoio dos diretores dos Grupos Escolares na aprovação de lei que obrigava a instalação de breques nas carroças, visando evitar desastres como o atropelamento dos muares por bondes elétricos²³⁷.

Além do Grupo Escolar Barnabé, que cumprimentava anualmente o Grupo Escolar pela passagem de seu aniversário de fundação²³⁸, também o Instituto de Pesca Marítima teve estreita relação com o Grupo Escolar, na época que constituiu uma escola preliminar na Ponta da Praia²³⁹. Além de organizar os horários escolares desta instituição, Olivar também fornecia instruções administrativas e pedagógicas. Estabeleceu-se o intercâmbio de alunos²⁴⁰ e de correspondência entre as duas escolas, destacando-se o interesse de alunos do Grupo Escolar em prosseguir seus estudos na Marinha²⁴¹.

²³⁶ SOCIEDADE UNIÃO OPERÁRIA; Ofício; 16 jan. 1928.

²³⁷ SOCIEDADE PROTETORA DOS ANIMAIS; Ofício; 12 fev. 1928.

²³⁸ ESCOLA BARNABÉ; Ofício 8; 18 fev. 1929.

ESCOLA BARNABÉ; Ofício 7; 18 fev. 1930.

²³⁹ INSTITUTO DE PESCA MARÍTIMA; Ofício; 23 set. 1933.

²⁴⁰ Ibidem; Ofício; 15 fev. 1935.

²⁴¹ Ibidem; Ofício; 9 mar. 1934.

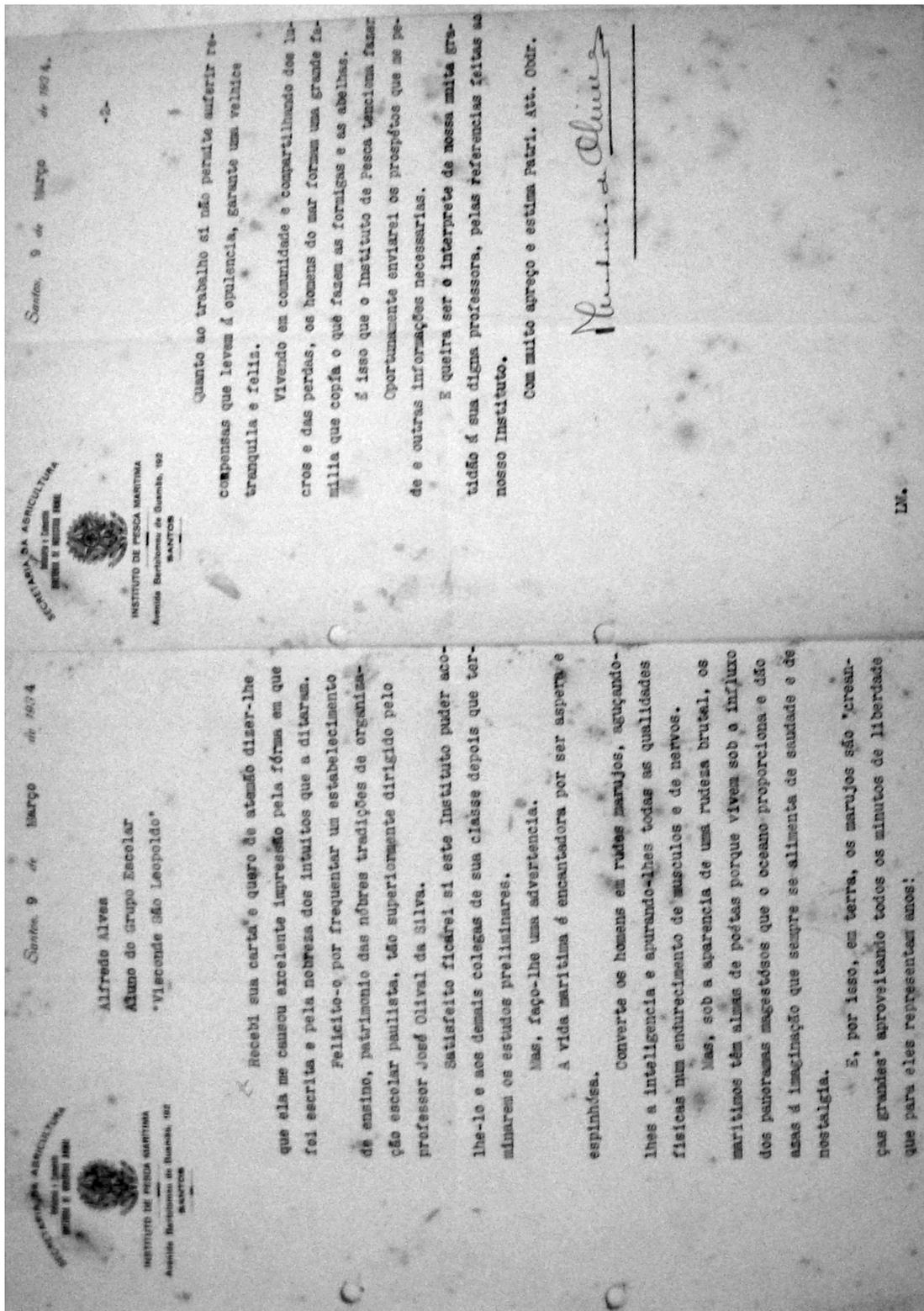


Ilustração 30: Ofício do Instituto de Pesca Marítima, 9 de março de 1934. Resposta do Diretor do Instituto ao aluno Alfredo Alves, sobre os estudos e a vida na Marinha.

Campanhas de interesse social eram realizadas no Grupo Escolar. Para mitigar a dor das vítimas do desabamento do Monte Serrate, em 1928, um rateio realizado entre pais e professores doou 461\$000 à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia²⁴². Também por rateio, o Grupo Escolar doou 170\$000 à Comissão Pró-Monumento a Caetano de Campos, na Capital²⁴³. Na Campanha anti-tuberculose²⁴⁴, a compra de selos pelos alunos “criava a educação higienica” e proporcionava “os recursos financeiros para a luta contra o terrível mal”.

Representado pelo adjunto João Carlos de Almeida, que serviu em Itanhaém, o Grupo Escolar participava da Campanha Constitucionalista de 1932²⁴⁵. No ano seguinte, o prédio serviu às eleições da Assembléia Constituinte, atendendo às 21ª e 22ª seções da 108ª Zona Eleitoral de Santos²⁴⁶.

Um aspecto marcante do Grupo Escolar é a disciplina de corpos através da vigilância constante. Na sala de aula, esta vigilância é promovida pelo professor, na disposição dos alunos em posições específicas no espaço determinado pelas mesas escolares. Fora da sala, o movimento do aluno é vigiado pelo Diretor e demais funcionários administrativos²⁴⁷. Além dos muros escolares, a Guarda Civil de São Paulo destacava, em 1931, funcionários para a entrada e saída de alunos²⁴⁸, e os Inspectores Escolares fiscalizavam o trabalho docente e administrativo.

Não foram encontrados os relatórios das inspeções realizadas por Mauricio de Camargo, mas são registradas suas visitas ao Grupo Escolar em seis de maio, 20 a 24 de setembro de 1915, 15 e 18 de fevereiro, 28 de março e 27 de abril de 1916²⁴⁹.

Ao contrário, não foram encontradas vistorias do Inspetor Antonio Primo Ferreira ao Grupo Escolar, mas é de se destacar a correspondência

²⁴² IRMANDADE DA SANTA CASA DE MISERICORDIA DE SANTOS; Ofício; 26 mar. 1928.

²⁴³ DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Ofício; 9 ago. 1929.

²⁴⁴ Ibidem; Circular; 21 out. 1929.

²⁴⁵ BATALHÃO DE RESERVISTAS DE SANTOS; Ofício; 20 jul. 1932. Ofício 329; 30 set. 1932.

²⁴⁶ JUIZO DE DIREITO; Ofício; 23 abr. 1933.

²⁴⁷ DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Circular 10; 08 mar. 1928.

²⁴⁸ GUARDA CIVIL DE SÃO PAULO; Memorando; 11 mar. 1931.

²⁴⁹ GRUPO ESCOLAR VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO; Livro de ponto; 1915-6.

que deixou no sentido de organizar seu próprio trabalho. Além de fiscalizar o Visconde de São Leopoldo, Primo Ferreira também fiscalizava os Grupos Escolares Dr. Cesário Bastos e da Bocaina, além das escolas isoladas da Ponta da Praia, do Boqueirão e de Vila Mathias no município de Santos. Os estabelecimentos de ensino de Itanhaém e Cananéia estavam sob o olhar atento de seu gabinete²⁵⁰.

O Delegado de Ensino Luiz Damasco Penna registrava que tanto o número de inspetores escolares quanto as verbas para transporte eram insuficientes para a atividade, que cobria todo o litoral paulista. Além disso, ao contrário do litoral sul que era dotado de serviços regulares de transporte ferroviário e marítimo, o litoral norte possuía escassos meios de comunicação²⁵¹.

Assim, Primo Ferreira comunicava normas e decisões superiores por circulares encaminhadas às instituições de ensino, e solicitava o envio de documentos para sua análise no gabinete. Aparentemente, o Diário Oficial do Estado de São Paulo (1891) já se constituía na principal fonte de comunicação das decisões do Executivo, mas o conhecimento dos detalhes operacionais dessas decisões se constitui no principal objeto tratado entre o Inspetor e os diretores.

Conteúdos e práticas de ensino também eram discutidos nestas circulares. Por exemplo, o ensino da higiene alimentar incluía a ênfase na regularidade das refeições, na boa escolha de alimentos e asseio, no combate ao uso de bebidas alcoólicas e na leitura desses assuntos, mas também incluía a pesagem dos alunos e revista das merendas pelo professor²⁵².

O ensino profilático sobre doenças contagiosas, especialmente da febre amarela, tomou parte da correspondência da escola em 1929. A campanha de combate distribuiu prêmios aos alunos²⁵³:

²⁵⁰ PENNA; 1933.

²⁵¹ Ibidem.

²⁵² DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Circular; 23 abr. 1928.

²⁵³ Ibidem; Memorando; 2 mar. 1929. Circular; 30 mar. 1929. Circular; 23 abr. 1929. Circular; 11 maio 1929.

Santos, 11 de maio de 1929

Ilmo. Sr. Diretor do Grupo Escolar
“Visconde de São Leopoldo”

De ordem do Sr. Doutor Director Geral da Instrução Pública, solicito vossas providencias no sentido de ser enviada a esta Inspeção até o dia 26 do corrente, sem falta, uma relação dos alumnos, desse estabelecimento de ensino, que se distinguiram na profilaxia da febre amarella.

Da lista, devem constar sómente os nomes daquelles alumnos que, em relação aos outros, realmente se destacaram na pratica das medidas sanitárias, afim de que possam fazer júz aos prêmios que serão distribuídos pela Diretoria Geral da Instrução Pública.

Attenciosas Saudações

Antonio Primo Ferreira
Inspector-districtal

A obediência à lei que estabelecia medidas à caça e pesca no território foi objeto de ensino²⁵⁴. Estes dados indicam, em boa parte, a preocupação em fazer o aluno participar dos problemas urbanos e sanitários, mas também indicam que as medidas saneadoras empregadas na cidade não resolveram o problema no bairro. A fixação de cartazes educativos em lugares convenientes²⁵⁵ e nove casos de escabiose, maleita e conjuntivite evidenciavam esta situação²⁵⁶.

Os meios empregados para o ensino de Geografia, Aritmética, Linguagem e História foram objeto de fiscalização do Inspetor Escolar, aparentemente atendendo denúncia de periódico local²⁵⁷.

A separação de conteúdos exigia também avaliação em separado dos exames. No 2º ano, o exame de Linguagem era exigido separadamente, com peso equivalente aos de Leitura e Cálculo. Os exames orais de Geografia e História do 1º ano podiam ser escritos, mas a Linguagem não deveria exercer influência no julgamento²⁵⁸.

Neste sentido, a escola parece promover estratégias de ensino que não eram comuns à época, realizando a integração de conteúdos e de

²⁵⁴ DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Circular; 21 out. 1929.

²⁵⁵ Ibidem; Ofício 765; 18 jun. 1928.

²⁵⁶ SERVIÇO SANITÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Boletins de profilaxia; 1936.

²⁵⁷ DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Ofício; 19 nov. 1928.

²⁵⁸ DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA; Circular; 16 out. 1929.

conhecimentos, inclusive. Contudo, alheio à experimentação, Primo Ferreira criava mecanismos que, ao menos, faziam presentes sua autoridade fiscalizadora.



Ilustração 31: Certificado de Habilitação, 1933.

Em 30 de novembro de 1933, Nelson Filippe, filho de José Lopes Filippe, nascido em Santos, a 22 de maio de 1922, depois de ser aprovado no 4º ano primário, recebia do Diretor do Grupo Escolar o documento máximo.

De fato, era o exame e a exposição de final de ano que se constituíam nas principais atividades fiscalizadoras do Grupo Escolar desenvolvidas pelo Inspetor, que exigia a adoção de pastas com as provas mensais de Linguagem, Aritmética, Desenho ou Cartografia de cada aluno²⁵⁹ para facilitar seu trabalho.

Incapaz de acompanhar o ensino de Atividades Manuais, o Inspetor Distrital solicitava que os trabalhos realizados pelos alunos só fossem

²⁵⁹ Ibidem; Circular 50; 16 jul. 1928.

encaminhados a ele quando solicitados²⁶⁰; pedia a instalação de espaço específico para esta disciplina, bem como que o seu ensino contemplasse a adoção de sobras domésticas e o estímulo à integração entre ensino manual e mental²⁶¹; exigia o cumprimento à norma da disciplina, recomendando que as alunas executassem peças de vestuário na escola, ao invés de almofadas e toalhas em casa, estimulando o papel da costura na economia do lar²⁶².

Tais exigências desconsideravam a realidade escolar e local. Em 1920-1, as duas Salas de Atividades Manuais foram ocupadas como salas de aulas em face da Reforma de Ensino de Sampaio Dória; e uma delas ainda permaneceu com este uso nos anos posteriores²⁶³.

No que se refere ao papel da costura na economia doméstica, é preciso lembrar que o Grupo Escolar situa-se no bairro em que a empresa de tecelagem se constituía em principal empregadora de mulheres, que costuravam os sacos de aniagem para o café nas suas próprias residências.

²⁶⁰ Ibidem; Circular; 22 abr. 1928.

²⁶¹ Ibidem; Circular 47; 2 jul. 1928.

²⁶² Ibidem; Circular 14; 13 mar. 1929.

²⁶³ APENDICE III; Tabela 2

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os objetivos traçados no início desta pesquisa, o encontro e a reunião de documentos sobre o Grupo Escolar *Visconde de São Leopoldo*, em Vila Macuco, permitiu aprofundar o conhecimento histórico sobre a escolarização da infância na cidade de Santos/SP, durante a Primeira República.

Apesar de esforços de notáveis profissionais, os arquivos ainda se encontram em níveis incompatíveis com a tecnologia disponível para a conservação dos documentos e para a sistematização de dados. Também as políticas de preservação e de divulgação da memória pouco conseguem no resgate de documentos guardados nas gavetas e nos armários dos lares. Nestes termos, esta pesquisa ainda busca novas fontes para uma conclusão à altura do que representou o Grupo Escolar de Vila Macuco para a cidade de Santos.

Foi possível, porém, estabelecer algumas referências e diretrizes. A origem de Vila Macuco remonta ao sítio de Outeirinhos, quando doação do rossio público favoreceu José Bonifácio de Andrada e Silva em 1820. Impossibilitado pelos seus ofícios governamentais de construir ali uma chácara, Andrada parcelou a gleba e alugou os lotes.

Uma dessas chácaras foi arrendada a Francisco Manoel do Sacramento, um português que passou a tirar renda do uso do solo como pastagem de

animais e da caça de aves, como o Macuco, que comercializava no seu açougue, no centro urbano.

Foram os herdeiros de Francisco, apelidado *Macuco*, que deram o maior impulso à ocupação do solo local. Já em 1838, sua viúva adquiria toda a gleba do espólio de José Bonifácio. Cinqüenta anos depois, um projeto tratava do loteamento de parte desta gleba, no quadrilátero hoje formado pelas ruas Xavier Pinheiro, 28 de Setembro, Luiz Gama e Avenida Conselheiro Nébias.

Parece que foi a morte de dona Luiza Maria do Sacramento Macuco, filha de Francisco, em 1880, que determinou esse novo parcelamento. Contudo, as denominações das ruas Borges e Guerra indicam a partilha por dote pelos casamentos de Ângela Macuco com João Borges Vieira e de Rita Macuco com Antonio de Souza Guerra, filhas de Luiza Macuco.

O certo é que a economia de Vila Macuco já estava estabelecida em 1887, na extração de cal a vapor junto do Outeirinho Norte e no comércio local, destacando-se o proporcionado pelo Hotel América, prostíbulo que atendia toda a cidade. Joaquim Xavier Pinheiro e José André do Sacramento Macuco despontavam como lideranças locais.

A implantação da estrutura capitalista, representada pela construção da ferrovia (inaugurada em 1867) e do novo porto (iniciado em 1892), impulsionou o crescimento populacional. Escravos e trabalhadores europeus, vindos do interior e do exterior, adensaram o centro urbano nos viveiros de morte que representavam os cortiços, apropriações das antigas residências das elites locais. Epidemias jamais vistas evidenciavam o caos urbano e as péssimas condições de higiene e de salubridade das edificações.

O Estado intervém em 1893, instituindo a Comissão Sanitária e a Comissão de Saneamento. Enquanto a primeira destruía a cidade, a outra a reconstruía segundo as melhores tecnologias concebidas pela engenharia moderna. Mas, não bastava oferecer melhores condições de vida, era necessário ensinar a população a transformar uma cidade real em outra, ideal.

Depois de algum tempo, o Estado decidiu pela construção de Grupos Escolares na cidade. Instalou, em 1900, o *Dr. Cesário Bastos* em prédio improvisado; em 1902, inaugurou o edifício do *Barnabé*, construído com recursos de importante comerciante local. Apesar dos insistentes pedidos de Guilherme Álvaro, chefe da Comissão Sanitária, o Estado só resolveu construir outros dois edifícios escolares dez anos depois, quando o crescimento populacional de determinados núcleos se constituiu em problema espacial para a instrução pública. Incapaz de oferecer classes para a demanda de alunos, o Grupo Escolar *Dr. Cesário Bastos* já ocupava salas do Grupo Escolar *Barnabé*, até então o único prédio construído especificamente para a instrução na cidade.

Refletindo os embates que aconteciam na cidade, entre o grupo sanitarista e interventor, contra o grupo conservador e proprietário de glebas, a instalação destes Grupos Escolares também foi resultado de negociação: Guilherme Álvaro, chefe da Comissão Sanitária, os queria próximos da população; Saturnino de Brito, chefe da Comissão de Saneamento, os queria junto às grandes avenidas sanitárias; Belmiro Ribeiro, Prefeito Municipal, os queria junto do bairro operário que construía em suas terras.

Perdeu a cidade ideal de Saturnino, venceu a cidade real de Belmiro Ribeiro, que conquistou o palácio escolar de Vila Mathias. Guilherme Álvaro teve que se contentar com o Grupo Escolar de Vila Macuco, mas passou a reivindicar outras instalações escolares no Valongo, bairro dominado por cortiços, e no Boqueirão, próximo ao seu novo Hospital de Isolamento e junto do novo bairro das elites locais.

Assim, os recursos destinados ao Grupo Escolar de Vila Macuco não foram os mesmos de Vila Mathias. Apesar de não ostentar, o Grupo Escolar de Vila Macuco foi o melhor edifício construído na região dominada pelos chalés de madeira, edificadas em regime de mutirão pela população (operários da ferrovia, do porto e das demais empresas empregadoras). Seu espaço escolar se adaptou às necessidades sociais, sanitaristas principalmente, e seu tempo de funcionamento procurava se adaptar às necessidades culturais, como o horário de entrada dos pais nas empresas ou como o tempo gasto no transporte público.

Com professores formados nas diversas Escolas Normais do Estado, foi possível desenvolver estratégias particulares de ensino. Mas foi graças à reunião de escolas isoladas de Maria Fontes, Otílio de Oliveira, Amália Labruciano e Deborah Ratto, em 1915, que o Grupo Escolar se estruturou. Quatro anos depois de sua inauguração, as classes de Antonio Eberle dos Santos e de Zeny de Sá Goulart também foram reunidas ao Grupo Escolar, e estes professores se destacaram na vida pública, formando novos docentes nas escolas normais locais. Zeny foi a primeira mulher eleita Vereadora no Município, em 1936.

O primeiro diretor do Grupo de Vila Macuco, José Olivar da Silva, teceu relações com as mais diversas e variadas instituições da região por vinte anos, conseguindo importantes benfeitorias para o bairro. O ensino modelar da instituição serviu de exemplo para outras escolas, como para a escola primária do Instituto de Pesca Marítima, instalada em 1933 na Ponta da Praia.

Quanto aos alunos, em maioria, eram moradores de Vila Macuco, nascidos em nossa cidade, filhos de brasileiros e de operários urbanos. Destacaram-se, porém, os moradores da Barra, filhos de portugueses ou espanhóis, de trabalhadores rurais ou urbanos, nascidos nas mais variadas cidades brasileiras. Eles foram aprovados em séries não subseqüentes, o que indica que talvez complementassem o curso primário em outras escolas da região.

Na relação de alunos aprovados, algumas personagens se destacaram na sociedade local, como Miroel Silveira, Antonio Andrade, Paulo Prata e Rosendo Amado. Também se encontraram filhos de professores da instituição, como Filinto Leituga, Maria de Lourdes Pinto Blandy, José Eberle dos Santos e Maria de Lourdes de Sá Goulart, além de futuras professoras da instituição, como Amélia de Azevedo Branco Coelho, Aracy Silva, Wanda de Freitas, Alzira Fonseca Leite e Nair Teixeira Luz.

A escolarização das crianças de Vila Macuco, entretanto, não teve origem no Grupo Escolar; não encontramos escolas ali até 1898, quando foi instalada a Associação Protetora da Criança Desvalida. Na sociedade organizada da época, a educação se fazia em casa, na atividade do mestre-escola. Foi a ausência do

lar que determinou a primeira escola local, oferecida aos órfãos das grandes epidemias. Também foi o trabalho das irmãs da Congregação das Irmãs do Coração de Maria que alargou aos não-órfãos do bairro e da cidade o acesso à instituição escolar.

A família Macuco, como se demonstrou, somente investiu na escolarização da infância sob três aspectos: sob o aspecto familiar, José André do Sacramento Macuco pagava uma professora francesa para ensinar, além da administração doméstica, uma cultura geral às suas filhas; sob o aspecto assistencialista, João Francisco e José André do Sacramento Macuco colaboraram com recursos necessários para a instalação da Associação Protetora da Infância Desvalida, na Vila Macuco, que cuidou de órfãos e de crianças locais; sob o aspecto econômico, José André também investiu na Escola do Povo, no centro urbano, criando melhores condições para o trabalhador do comércio, base econômica da cidade.

Nestes três aspectos, a escola possuiu caráter doméstico, no sentido de fornecer à criança a cultura ampla que os pais não podiam oferecer. Nessa direção, a iniciativa pública também vai investir, instalando ao menos uma escola isolada nos principais núcleos populacionais.

No ano seguinte, era a Professora Municipal Augusta Benvinda dos Santos Moraes que chegava ao território, lecionando para 35 crianças. Até 1913, o poder público possuía três classes municipais e duas estaduais; somente duas escolas particulares completavam a rede escolar local.

Em 1915, quando é instalado o Grupo Escolar de Vila Macuco, o Governo Estadual ampliava ali a capacidade de ensino público, com oito classes, mas extinguiu as suas escolas domésticas, as do Município e as da iniciativa privada. Logo em seguida, dividiu este espaço escolar em dois tempos, dobrando a capacidade para 16 classes em face da procura por vagas na instituição. A medida extinguiu classes nos núcleos periféricos da orla, e o Grupo Escolar de Vila Macuco passou a atender toda a porção sudeste da ilha de São Vicente.

Graças à construção da bacia do Macuco, o Grupo Escolar também atendeu à ilha de Santo Amaro, dada a sua proximidade proporcionada por via marítima. Demorou dez anos para Santos ganhar o quarto Grupo Escolar (o *Bartolomeu de Gusmão*), e outros sete anos para o distrito santista de Guarujá conquistar seus primeiros dois (o *Marcílio Dias* e o *Vicente de Carvalho*).

Até 1932, são nove Grupos Escolares Estaduais no município. Mas, dois anos antes, o Grupo Escolar, agora denominado de *Visconde de São Leopoldo*, sofreu nova divisão do tempo, passando para três períodos letivos, o que evidenciava o crescimento de Vila Macuco e a ampliação do papel desta escola na cidade.

O Grupo Escolar não resolveu completamente o problema de escolarização do bairro. Há, contudo, no primeiro ano, a diminuição de escolas privadas e a eliminação de escolas públicas tanto em Vila Macuco quanto nos seus arrabaldes. Mas, nos anos seguintes, as três esferas de poder (Federação, Estado e Município) vão instalar outras escolas isoladas, evidenciando o crescimento populacional do núcleo em direção à orla.

Não se pode afirmar, contudo, que o Grupo Escolar funcionava em regime de super-lotação: com capacidade para atender 672 alunos em período desdobrado, o Grupo Escolar se manteve, até 1925, abaixo desse limite. Por outro lado, era maior a procura pelos primeiros anos, gerando salas cheias ao contrário do 3º e do 4º anos. As matrículas parecem se encerrar quando se garantia uma sala de aula para cada classe e quando o espaço escolar não permitia a criação de novas turmas.

A Reforma de Ensino promovida por Sampaio Dória em 1920 permitiu maior acesso à escola: a eliminação do 4º ano no Grupo ampliou o número de salas de primeiro ano, provocando dois picos de audiência nos anos vinte. Mas, o ensino seriado foi pouco cursado pelos alunos no Grupo Escolar: em geral, as crianças realizavam um ou dois anos não subseqüentes. É possível que a seriação se completasse em outras escolas primárias, tradicionais ou mais próximas às residências.

Dos alunos que retornam como professores no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, evidencia-se a falta de uma Escola Normal na cidade e a formação oferecida pelas instituições locais, como a Associação Instrutiva José Bonifácio e o Colégio São José. Por outro lado, a criação destas instituições particulares ampliou os locais de trabalho dos professores do Grupo Escolar, especialmente após 1930.

Como é possível localizar professores em outros cargos da administração escolar pública, também havia professoras participando de instituições da Igreja e do Estado. Assim, as relações tecidas por professores do Grupo Escolar em Vila Macuco e na cidade permitiram não só uma ascensão na hierarquia profissional, mas também nas demais esferas políticas.

As práticas estimuladas pelo diretor do Grupo fizeram do espaço escolar uma instituição referencial para o bairro e para o subúrbio da cidade. Além de planejar e instituir estratégias de ensino, apropriadas inclusive por novos estabelecimentos escolares, que eram instituídos no bairro e no entorno, o diretor também participou na solução de problemas urbanos.

Enfim, o Grupo Escolar *Visconde de São Leopoldo* desempenhou importante papel nas mudanças que se processavam no bairro de Vila Macuco durante a Primeira República, aliando-se às demais instituições no sentido de construir uma nova ordem social, política e econômica. Do ponto de vista cultural, sua ação se destacou pela organização de uma ordem escolar diferente dos modelos de ensino empregados na região.

No contexto da escolarização da infância, do ponto de vista da organização de uma rede de instituições formais de ensino, o Grupo Escolar não foi, e nem se tornou, modelo hegemônico em Vila Macuco. As escolas domésticas e isoladas persistiram ainda por algum tempo além do período estudado. Em linhas gerais, estas são algumas das conclusões que nossa pesquisa alcançou.

FONTES

ESCOLA ESTADUAL VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO

GRUPO ESCOLAR VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Álbum de Fotografias (1915-1965).

- _____. **Convite da Comemoração do Jubileu de Ouro (18 fev. 1965).**
- _____. **Livro de Freqüência de Funcionários (12 fev. 1915 – 23 set. 1916).**
- _____. **Livro de Freqüência de Funcionários (1 abr. 1918 – 15 dez. 1919).**
- _____. **Livro de Freqüência de Funcionários (15 jan. 1920 – 25 fev. 1921).**
- _____. **Livro de Freqüência de Funcionários (27 maio 1930 – 06 mar. 1931).**
- _____. **Livro de Freqüência de Funcionários (07 mar. 1931 – 22 set. 1931).**
- _____. **Livro de Freqüência de Funcionários (17 jun. 1932 – 09 jun. 1933).**
- _____. **Livro de Freqüência de Funcionários (10 jun. 1933 – 26 fev. 1934).**
- _____. **Livro de Freqüência de Funcionários (29 set. 1934 – 18 maio 1935).**
- _____. **Livro de Matrículas: Seção Feminina (1931).**
- _____. **Livro de Matrículas: Seção Masculina (1933-4).**
- _____. **Livro de Matrículas: Seção Feminina (1933-4).**
- _____. **Livro de Promoções dos Alunos (1915-25).**

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA BAIXADA SANTISTA
(Fundo Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo)

ALMOXARIFADO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA. **Circular de 24/03/1928.** Encaminha relação de livros já solicitados e não existentes, solicitando substituição aos disponíveis em estoque.

_____. **Impresso de 05/12/1933.** Pedido de Material Escolar do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo para atender às 10 salas de aula, 11 classes de 1º ano (420 alunos), 9 do 2º (339), 6 do 3º (229) e 4 do 4º (138), totalizando 30 classes de 1126 alunos.

_____. **Impresso de 07/12/1934.** Pedido de Material Escolar do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo para atender às 10 classes de 1º ano, 8 do 2º, 8 do 3º e 4 do 4º, totalizando 30 classes.

_____. **Memorando de 02/08/1929.** Agradece o envio de matérias publicadas em A Tribuna.

_____. **Ofício 345-B de 05/06/1928.** Pergunta sobre as dimensões do linoleum para envio ao gabinete dentário do estabelecimento.

_____. **Ofício 350-B de 11/06/1928.** Informa que não recebeu pedido de cortinas.

_____. **Ofício 437-B de 16/07/1928.** Informa que remeteu giz ao estabelecimento.

_____. **Ofício 510-ACN de 09/08/1928.** Informa que enviou, além de toalhas, cinco metros de borracha para filtro, que devem estar em poder do Inspetor Distrital; mas deixou de enviar guardanapos por falta de requisição.

_____. **Ofício 665-B de 21/09/1928.** Autoriza o gasto de cento e sessenta mil réis para confecção de placa com o nome do estabelecimento em letras bem legíveis.

_____. **Ofício 689-B de 01/10/1928.** Informa o envio de dez litros de álcool e um armário, além do envio, por engano, do linoleum ao Grupo Escolar Azevedo Júnior.

_____. **Ofício 762-B de 03/11/1928.** Informa que está providenciando o envio de novo gongoleum, já que o anterior foi, por engano, enviado ao Grupo Escolar Azevedo Júnior.

_____. **Ofício 704-B de 11/10/1928.** Informa que solicitou ao diretor do Grupo Escolar Azevedo Júnior a devolução do gongoleum, enviado por engano àquele estabelecimento.

_____. **Ofício 27 de 12/01/1929.** Comunica o envio de cortinas.

_____. **Ofício 433 de 13/07/1929.** Comunica o envio de material, mas não de 10 berços de mata-borrão, 1 machadinha, 10 tympanos e 1 ambulância escolar.

_____. **Ofício 575 de 04/09/1929.** Comunica o envio de 20 caixas de giz de cor, 2 latas para lixo, 2 capachos de ferro, mas não de 10 vidros de tinta vermelha.

_____. **Ofício 594 de 09/09/1929.** Comunica o envio de giz branco e colorido, mas não de 10 berços de mata-borrão, 20 borrachas para professores, 6 metros dobradiços, 1 machadinha, 10 tympanos para as mesas das professoras e 1 ambulância escolar.

_____. **Ofício 71 de 26/05/1933.** Comunica o envio pelo correio de cento e quarenta e cinco mil réis para execução de serviços.

BATALHÃO DE RESERVISTAS DE SANTOS. Ofício de 20/07/1932. Comunica o alistamento do adjunto João Carlos de Almeida.

_____. **Ofício 329 de 30/09/1932.** Comunica que o adjunto João Carlos de Almeida foi destacado para Itanhaém.

108ª ZONA ELEITORAL DE SANTOS. Ofício de 23/04/1933. Comunica a designação do prédio para funcionar as 21ª e 22ª seções eleitorais da zona.

CITY OF SANTOS IMPROVEMENTS COMPANY LIMITED. Ofício 4174 de 13/02/1928. Informa que examinou o medidor e as instalações elétricas do estabelecimento, verificando descarga de corrente na instalação e recomenda contratação de eletricitista para correção do problema.

_____. **Ofício 441/934 de 06/02/1934.** Comunica que apurou vazamento de água em gabinete sanitário.

COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLÓGICA. Ofício 219 de 02/06/1931. Envia uma Carta Geral do Estado e dois Relatórios do Litoral (1ª e 2ª Seção), a pedido.

DELEGACIA REGIONAL DE ENSINO. Circular 58 de 12/02/1931. Proíbe o comércio de livros e material escolar no interior dos estabelecimentos, exceto quando se tratar de exercício da vida real.

_____. **Ofício 18 de 24/01/1931.** Comunica que só autorizará o tresdobramento de classes nos grupos escolares após o envio de relação de alunos de 8, 9 e 10 anos que não foram contemplados pela matrícula por falta de vagas.

_____. **Ofício 3047 de 14/12/1934.** Agradece o auxílio de José Olivar da Silva na chefia de zona do Recenseamento Estadual de 1934.

_____. **Ofício 440 de 11/03/1935.** Comunica que não há como atender, em urgência, o fornecimento de cortinas.

_____. **Ofício 3385 de 26/11/1936.** Solicita informações sobre número de alunos atacados por Maleita.

_____. **Ofício 3128 de 26/10/1937.** Solicita informações sobre número de alunos atacados por Conjuntivite.

DELEGACIA REGIONAL DE POLÍCIA. **Ofício 1120 de 22/04/1932.** Informa que desconhece a instalação de conventilho na Rua Silva Jardim 295, defronte ao Grupo Escolar.

DESTACAMENTO DA FORÇA PÚBLICA. **Ofício 413 de 15/05/1930.** Agradece o envio de ofício encaminhado com elogios.

DIRETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA. **Circular 10 de 08/03/1928.** Dispensa adjuntos da vigilância do recreio, que passa a ser feita pelo Diretor, com auxílio dos funcionários administrativos.

_____. **Circular 47 de 02/07/1928.** requer instalação de espaço dedicado ao ensino manual nos Grupos Escolares e providencias no sentido de realizar, por todo o ano letivo, o ensino manual acompanhando o ensino mental, utilizando material de alcance a todos os alunos, como sobras domésticas.

_____. **Circular 60 de 10/08/1928.** Solicita relação de livros escolares estocados nos Grupos Escolares para aproveitamento nas Escolas Isoladas.

_____. **Circular 34 de 22/08/1928.** Recomenda que sejam facilitadas o desempenho dos funcionários de higiene pública dentro e fora do estabelecimento escolar.

_____. **Circular 77 de 09/11/1928.** Requer empenho na organização da comemoração do dia de Proclamação da República.

_____. **Circular 78 de 10/11/1928.** Requer que seja evitada a cessão dos prédios escolares para realização de bailes e quermesses sem permissão do setor.

_____. **Circular 11 de 20/02/1929.** Solicita o número exato de crianças analfabetas, entre 7 e 12 anos, que não conseguiram matrícula no estabelecimento por falta de lugar.

_____. **Circular 14 de 13/03/1929.** Solicita cumprimento à norma de trabalhos manuais, recomendando que as alunas executem peças de vestuário, ao invés de almofadas e toalhas, na escola, e não em casa, procurando estimular o gosto pela costura que contribui com a economia do lar.

_____. **Circular 23 de 19/04/1929.** Solicita empenho nas comemorações do Dia da Ave, em 27/04, a ser realizado dentro e fora do estabelecimento, em parques públicos, buscando associação com o povo.

_____. **Circular 27 de 24/04/1929.** Solicita o envio de fotos e biografia dos alunos mais distintos de 3º e 4º anos para publicação na seção “Esperança do Brasil”, do jornal “O Estado de São Paulo”.

_____. **Circular de 07/05/1929.** Solicita o envio de fotografia 17x23cm, com negativo, apropriado para reprodução em clichê de retícula fina, sem qualquer pessoa, do prédio do estabelecimento, para encaminhar álbum ao 3º Congresso Nacional de Educação.

_____. **Circular 41 de 04/06/1929.** Comunica que, ao se reiniciar as aulas do segundo semestre, deverá ser remetido ao setor os contos, descrições, desenhos e relatos diversos sobre as atividades dos alunos nas férias, acerca dos cuidados com aves e árvores.

_____. **Circular 83 de 11/11/1929.** Recomenda empenho nas comemorações da Proclamação da República, às 09 da manhã.

_____. **Ofício 2265 de 24/04/1928.** Agradece o envio de matéria publicada em jornal local sobre as atividades do posto dentário Dr. Samuel Baccarat, dirigido por d. Philomena de Freitas, em funcionamento no estabelecimento.

_____. **Ofício 6341 de 05/11/1928.** Adia para o próximo ano a pintura do edifício do Grupo Escolar.

_____. **Ofício 290 de 23/07/1929.** Comunica que autorizou o orçamento de serviços necessários ao prédio de Ricardo Gonzalez, no valor de 468 mil réis.

_____. **Ofício 955 de 25/10/1929.** Apresenta D. Rosa Orifice, nomeada como Servente no lugar de D. Jurandyra da Silva, e Sr. Armando de Mello, nomeado como Servente no lugar de do Sr. Julio Nascimento.

_____. **Ofício 599 de 04/04/1930.** Determina o trespasseiro de aulas no estabelecimento conforme parecer do Inspetor Geral João Toledo, instalando mais três classes do primeiro ano para crianças maiores de oito anos. O horário passou a ser das 07H00-10H30, das 10H40-13H40, das 13H50-16H50, com regência de adjuntas no 1º e 3º períodos, com classes masculinas mais adiantadas no 1º período. As classes com professoras de um só período continuam a funcionar no horário antigo, das 8H00-12H00 e das 12H30-16H30. Como é facultado à professora aceitar a nova classe, pode esta ser entregue às professoras dos demais anos após a recusa.

_____. **Ofício 1055 de 06/06/1930.** Comunica o aumento de verba mensal destinada ao Grupo Escolar para 115 mil réis a partir de abril.

_____. **Ofício 1076 de 08/07/1930.** Comunica o aumento de verba mensal destinada ao Grupo Escolar para 115 mil réis.

DIRETORIA GERAL DE ENSINO. **Ofício 1569 de 02/04/1934.** Comunica a obrigatoriedade de envio de informações sobre o posto dentário à Inspetoria de Higiene e Assistência Dentária.

ESCOLA BARNABÉ. **Ofício 8 de 18/02/1929.** Felicita o Grupo Escolar pelos 14 anos de fundação do modelar estabelecimento de ensino.

_____. **Ofício 7 de 18/02/1930.** Cumprimenta o estabelecimento pelo aniversário.

GUARDA CIVIL DE SÃO PAULO. **Memorando de 11/03/1931.** Destaca Conrado Lucio Keneipp para o serviço de entrada e saída de alunos.

_____. **Ofício 16 de 17/05/1930.** Comunica que a substituição de guarda escalado para o policiamento do estabelecimento ocorreu por motivo de moléstia, estando o anterior internado na Santa Casa local.

GRUPO ESCOLAR VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Resumos Estatísticos (1934 – 1957).

INSPETORIA DE EDUCAÇÃO SANITÁRIA E CENTROS DE SAÚDE. Ofício 765 de 18/06/1928. Encaminha cartazes educativos e pede sua fixação em lugares convenientes para que sirvam de lição permanente de higiene às crianças.

INSPETORIA DE ESTUDOS FÍSICOS. Circular 298 de 10/02/1928. Solicita empenho dos professores junto à municipalidade para implantação de campo adequado para prática de esportes junto aos Grupos Escolares.

_____. **Circular 297 de 10/02/1929.** Agradece o envio de fotografias que serviram para patentear o devotamento à causa do ensino e pelas disciplinas Ginástica e Escotismo; comunica a instituição do Dia da Raça, em 03 de maio, para propaganda da cultura física através do culto ao físico, à saúde e à raça; pede providências para a comemoração do dia.

INSPETORIA DISTRITAL. Circular de 22/04/1928. Comunica que trabalhos gráficos de alunos só devem ser enviados à Diretoria quando for solicitado.

_____. **Circular de 23/04/1928.** Comunica normas para encaminhamento de ofícios à Diretoria.

_____. **Circular de 23/04/1928.** Comunica que o Diretor deve fiscalizar os professores sobre o ensino de higiene alimentar: regularidade das refeições, boa escolha de alimentos e asseio, combatendo o uso de bebidas alcoólicas, realizando a pesagem dos alunos, revistando as merendas e estimulando a leitura desses assuntos.

_____. **Circular de 23/04/1928.** Comunica que as decisões da Diretoria Geral de interesse dos funcionários não serão mais científicas em ofícios, mas publicados no Diário Oficial.

_____. **Circular 48 de 16/07/1928.** Comunica que reformas parciais de prédios e obstrução de encanamento causam transtornos, mas não exigem o fechamento do estabelecimento, de forma que a interrupção de aulas pelos diretores e inspetores deverão ser aprovadas pela Diretoria Geral.

_____. **Circular 50 de 16/07/1928.** Comunica a adoção de pastas individuais contendo as provas mensais de linguagem, de aritmética, de desenho ou cartografia a fim de se verificar, nas exposições de fim de ano, os progressos feitos pelo aluno durante o ano.

_____. **Circular 58 de 07/08/1928.** Comunica da desnecessidade dos Diretores dos Grupos Escolares em enviar ofício encaminhando portarias de licença de seus professores, bem como que irá comunicar somente ao Inspetor os substitutos desses professores.

_____. **Circular de 29/01/1929.** Comunica o horário das aulas de música (15min 2x por semana no 1º ano; 20min 2x por semana no 2º ano; 25min 2x por semana nos 3º e 4º anos); além disso, 50min semanais para ensaio do Orpheão (3º e 4º anos) nos dias pares, e mais 40 min semanais em conjunto com 1º e 2º anos, nos dias ímpares; canto de hino durante o recreio; Uso dos cadernos de caligrafia musical, de J. A. Vieira, do 1º ao 3º caderno no 2º ao 4º ano, com envio do melhor de cada classe à inspetoria, semestralmente.

_____. **Circular de 30/03/1929.** Solicita o envio semanal de relatórios sobre a campanha contra a febre amarela.

_____. **Circular de 11/05/1929.** Solicita o envio de relação de alunos que se destacaram na profilaxia de febre amarela, a fim de fazer jus a prêmio distribuídos pela Diretoria Geral.

_____. **Circular de 16/10/1929.** Comunica a obrigatoriedade do exame de Linguagem em todas as classes; no 2º ano, a prova será equivalente às de Leitura e Cálculo; os exames de Geografia e História, no 1º ano são orais; em condições especiais, estas provas podem ser escritas, não devendo a Linguagem exercer influência no julgamento.

_____. **Circular de 21/10/1929.** Comunica que será enviado ao estabelecimento os Selos da campanha anti-tuberculose, a ser vendido entre os alunos, que “cria a educação higienica, a educação antituberculosa e proporciona os recursos financeiros para a luta contra o terrível mal”.

_____. **Circular de 21/10/1929.** Comunica que os professores devem expor em aula sobre a necessidade de obediência à Lei que estabelece medidas relativas à caça e pesca no território estadual.

_____. **Memorando de 02/03/1929.** Recomenda o ensino veemente de campanhas profiláticas das doenças contagiosas, especialmente febre amarela, junto com a autoridade sanitária local.

_____. **Memorando de 04/10/1930.** Solicita relação de alunos matriculados por classe, incluindo o número de alunos a serem aprovados no final de ano.

_____. **Ofício de 19/11/1928.** Requer informações sobre meios empregados para prender a atenção dos alunos e sobre o ensino de Geografia, Aritmética, Linguagem e História; aparentemente, atendendo reportagem de A Tribuna.

_____. **Ofício de 09/08/1929.** Agradece o envio de 170 mil réis proveniente de coleta realizada entre alunos e professores do estabelecimento em nome da Comissão Pró-Monumento a Caetano de Campos.

_____. **Ofício de 16/11/1929.** Comunica a data de 23 a 28/11 para exposição dos trabalhos escolares.

_____. **Ofício de 22/01/1930.** Comunica que o tresdobramento dos Grupo Escolars só poderá ser autorizada para alunos em idade obrigatória (8 anos completos

e 11 incompletos), medida que evita prejuízo das escolas isoladas nas imediações dos Grupos. O critério para o trabalho de adjuntos em dois períodos é o de alunos promovidos no ano anterior, com preferência aos professores de 1º ano.

INSPETORIA DE HIGIENE E ASSISTÊNCIA DENTÁRIA. **Circular 92 de 13/03/1933.** Solicita informações sobre a situação do Gabinete Dentário instalado no estabelecimento.

INSTITUTO AGRONÔMICO. **Ofício 1411 de 18/07/1934.** Comunica que despachou duas mudas de café ao estabelecimento, a pedido.

INSTITUTO DE PESCA MARÍTIMA. **Ofício de 23/09/1933.** Agradece o envio dos horários escolares do Grupo Escolar para basear a organização das escolas de alfabetização do instituto.

_____. **Ofício de 09/03/1934.** Responde ao aluno Alfredo Alves, colocando-se à disposição para acolhê-lo, assim como aos demais colegas, após o término dos estudos preliminares.

_____. **Ofício de 15/02/1935.** Transfere ao Grupo Escolar as alunas Carmen Salafia Fiasco, Lucília Pereira Leite, Nair Okida e Julia Marcellino, conforme combinado com o Delegado Regional, Prof. Luiz Damasco Penna.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. **Memorando 407 de 27/10/1933.** Comunica que verificará a possibilidade de reparar os passeios do prédio após o término do calçamento da rua.

_____. **Memorando de 11/09/1934.** Agradece o convite para assistir às festividades do Dia da Pátria, no estabelecimento.

_____. **Ofício 687 de 03/09/1928.** Informa que instruiu o departamento competente pela irrigação de ruas a proceder a irrigação diária da Rua João Guerra e circunvizinhas ao Grupo Escolar.

_____. **Ofício 913 de 05/12/1928.** Agradece o convite feito pelo diretor para assistir ao festival de encerramento do ano escolar, realizado em 30/11/1928 no Teatro Colyseu.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE SANTOS. **Ofício de 26/03/1928.** Agradece a doação de quatrocentos e sessenta e um mil réis, proveniente de rateio entre professores e alunos do estabelecimento, para mitigar a dor das vítimas do acontecido em 10/03/1928 (desabamento de parte da encosta do Monte Serrate).

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE PÚBLICA. **Ofício 1501 de 02/12/1933.** Comunica que a adjunta do Grupo Escolar de Taquaritinga, Mercedes Veiga Priolli, só poderá reassumir o exercício no lugar de João Carlos de Almeida, após inspeção de saúde.

_____. **Ofício 1511 de 13/12/1933.** Comunica que a adjunta do Grupo Escolar de Taquaritinga, Mercedes Veiga Priolli, está apta para reassumir o exercício no lugar de João Carlos de Almeida, em virtude de inspeção de saúde.

SECRETARIA DOS NEGÓCIOS DO INTERIOR. **Circular 1 de 16/01/1928.** Comunica normas para envio de verbas aos estabelecimentos.

_____. **Circular 1 de 02/01/1930.** Comunica que a Coletoria Estadual local está autorizada a efetuar o pagamento das verbas do estabelecimento.

_____. **Ofício 320 de 31/03/1928.** Destina oitenta mil réis para realização de serviços no estabelecimento.

_____. **Ofício 109 de 22/02/1929.** Comunica que, após análise do laudo de inspeção de saúde, autorizou a adjunta, D. Coralina Fonseca Ribeiro a reassumir o exercício do cargo.

_____. **Ofício 88 de 15/01/1930.** Autoriza o gasto de 1:820\$000 com serviços de manutenção do estabelecimento.

_____. **Ofício 344.** Comunica que requisitou o pagamento de 115 mil réis ao estabelecimento.

SECRETARIA DE VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS. **Ofício 875 de 23/07/1929.** Comunica que encaminhou orçamento para reparos e pintura do estabelecimento à Secretaria do Interior.

_____. **Ofício de 17/08/1934.** Comunica a contratação de Fortunato Baruffaldi & Cia para realizar os reparos urgentes pelo valor de 2:100\$000.

SERVIÇO SANITÁRIO. **Ofício 138 de 23/03/1933.** Agradece o relatório dos serviços realizados pelo Posto Dentário Dr. Samuel Baccarat.

_____. **Ofício 196 de 06/04/1933.** Agradece o relatório dos trabalhos realizados por Emilio Falcão, cirurgião dentista do Grupo Escolar.

_____. **Ofício 597 de 16/10/1933.** Agradece o relatório dos trabalhos realizados por Emilio Falcão, cirurgião dentista do Grupo Escolar.

_____. **Ofício 701 de 20/11/1933.** Agradece o relatório dos serviços realizados pelo Posto Dentário Dr. Samuel Baccarat.

_____. **Ofício 607 de 23/04/1934.** Agradece o relatório dos serviços realizados pelo Posto Dentário Dr. Samuel Baccarat.

_____. **Ofício 633 de 07/05/1934.** Agradece o relatório dos serviços realizados pelo Posto Dentário Dr. Samuel Baccarat.

_____. **Ofício 691 de 05/07/1934.** Agradece o relatório dos serviços realizados pelo Posto Dentário Dr. Samuel Baccarat.

_____. **Ofício 836 de 11/09/1934.** Agradece o relatório dos serviços realizados pelo Posto Dentário Dr. Samuel Baccarat.

_____. **Ofício 879 de 08/10/1934.** Agradece o relatório dos serviços realizados pelo Posto Dentário Dr. Samuel Baccarat.

SOCIEDADE PROTETORA DOS ANIMAIS. **Ofício de 15/02/1928.** Agradece o apoio dos diretores dos Grupos Escolares, informando que a municipalidade decretara lei obrigando a instalação de breques nas carroças, a fim de evitar desastres e que iria pedir ao vice-prefeito, Benedito Pinheiro, a primazia de livre transito para veículos de tração animal.

SOCIEDADE UNIÃO OPERÁRIA. **Ofício de 16/01/1928.** Comunica a posse de nova diretoria, solicitando as mesmas atenções dispensadas às anteriores.

(Fundo Jornal A Tribuna)

Edição Comemorativa do Centenário da Cidade de Santos (26 jan. 1939).

Edição Comemorativa do Cinquentenário de A Tribuna (26 mar. 1964).

HEMEROTECA MUNICIPAL ROLDÃO MENDES ROSA

(Fundo Jornal A Tribuna)

Livros das Edições de 1915-6: Expediente da Câmara Municipal de Santos.

Livros das Edições de 1915-6: Seção No Macuco.

Livros das Edições de 1915-6: Seção Pela Instrução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARO, Guilherme. **A campanha sanitária de Santos: Suas causas e seus efeitos.** São Paulo: Serviço Sanitário do Estado de São Paulo; Casa Duprat, 1919.

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. **O discurso do progresso: A evolução urbana de Santos 1870-1930.** 1989. Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFLCH-USP. Inédito.

ARAÚJO, Braz José de. **Operários em luta: Metalúrgicos da Baixada Santista (1933-1983).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ARAÚJO FILHO, José Ribeiro de. **Santos, o porto do café.** Rio de Janeiro: IBGE, 1969.

BANDEIRA JÚNIOR. **Historia do carnaval santista.** Santos: A Tribuna, s.d.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar.** São Paulo: Cortez, 2005.

_____ (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: Itinerários históricos.** São Paulo: Cortez, 2007.

BERNARDINI, Sidney Piochi. **Os planos da cidade: As políticas de intervenção urbana em Santos, de Estevan Fuertes a Saturnino de Brito (1892-1910).** São Carlos, SP: Rima, 2006.

BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. **A planta de Santos.** São Paulo: Rothschild, 1915.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e Educação: Organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas (1893/1971).** São Carlos: EdUFSCar/INEP, 2002.

- CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS. **Actas de 1917**. Santos: A Tribuna, 1921.
- CARDOSO, Maria Alice Fernandes. **O Macuco do meu tempo**. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2006.
- CERTEAU, Michel De. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 2001.
- _____. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão; NEVES, Hélia Maria Vendramini; MELLO, Mirela Geiger de. **Arquitetura escolar paulista: 1890-1920**. São Paulo: FDE, 1991.
- CORVAL, José Roberto. **A Igreja de São José Operário**. 1986. Monografia (Bacharelado em História). Santos: FAFIS-Unisantos. Inédito.
- COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001. 2v.
- COSTA E SILVA SOBRINHO, José. **Santos noutros tempos**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1953.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Dos pardieiros aos palácios: Cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2007.
- FERREIRA, Avany de Francisco; CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão; MELLO, Mirela Geiger de. **Arquitetura escolar paulista: Restauro**. São Paulo: FDE, 1998.
- FONSECA, Claudia. **Pátria Vermelha: O comunismo em Santos (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: A arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do mar: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana em Santos (1889-1914)**. São Paulo: UNESP, 1992.
- GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e sonhos: Cultura política e hegemonia progressista em Santos (1945-1962)**. São Paulo: UNESP, 1995.
- HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **Tempos de escola: Fontes para a pesquisa feminina na educação (São Paulo, séc. XIX)**. São Paulo: Centro de Memória da Educação; FEUSP; Plêiade, 1999.

- HONORATO, Cezar. **O polvo e o porto: A Cia. Docas de Santos (1888-1914)**. Santos: Hucitec, 1996.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Uma cidade na transição: Santos: 1870-1913**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LICHTI, Fernando Martins. **Poliantéia Santista**. São Vicente: CAUDEX, 1986.
- LIMA, Aducto; CARVALHO, Vicente de. **Indicador Santista**. Santos, 1887.
- NOFERI, Luiz. **Almanak comercial, administrativo, industrial e indicador ilustrado de Santos e São Vicente**. São Paulo, 1910.
- LOBO, Helio. **Docas de Santos: Suas origens, lutas e realizações**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1936.
- LOPES, Betralda. **O porto de Santos e a febre-amarela**. 1974. Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFLCH. Inédito.
- LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Org.). **Disciplinas e integração curricular: História e políticas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da Escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imesp, 2005.
- MARQUES, Nelson Salazar. **Imagens de um mundo submerso**. Santos: Leopoldianum, 1995. vol. 1.
- _____. **Imagens de um mundo submerso**. São Paulo: Luz e Silva, 2000. vol. 2.
- MATOS, Maria Izilda de. **Trama e poder: Um estudo sobre as indústrias de sacaria para o café (São Paulo 1888-1934)**. Brasília: Sesi, 1994.
- NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Schola mater: A antiga Escola Normal de São Carlos**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.
- PENNA, Luiz Damasco. **Delegacia de Santos: Relatórios de 1933 a 1935**. Santos: Arquivo Particular de Maria Aparecida Martins Rolo Montero del Rio. Inédito. 2v.
- PEREIRA, Maria Aparecida Franco. **A Igreja e a pobreza em Santos (1924-1941)**. 1992. Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFLCH-USP. Inédito.
- _____. (org.). **Santos, Café & Historia**. Santos: Leopoldianum, 1995.
- _____. **Santos nos caminhos da educação popular: (1870-1920)**. São Paulo: Loyola, 1996.
- PRATA, Ranulpho. **Navios iluminados**. São Paulo: Scritta, 1996.

REIS FILHO, Casemiro dos. **A educação e a ilusão liberal:** origens do ensino público paulista. São Paulo: Autores Associados, 1995.

RODRIGUES, Olao. **Almanaque de Santos.** Santos, 1971.

_____. **Veja Santos.** Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1973.

_____. **Nos tempos de nossos avós:** Santos de ontem. Santos: A Tribuna, 1976.

ROSEMBERG, André. **Ordem e burla:** Processos sociais, escravidão e justiça em Santos na década de 1880. São Paulo: Alameda, 2006.

ROSSI, Telma de Andrade. **A questão dos outeirinhos:** A concessão da construção do cais do porto de Santos. 2004. Monografia (Bacharelado em História). Santos: CCE-Unisantos. Inédito.

SANTOS, Francisco Martins dos. **História de Santos.** São Vicente: Caudex, 1986. vol. 1-2.

SANTOS, Ricardo Evaristo dos; MATOS, Paulo. **Transporte coletivo em Santos:** história e regeneração. Santos: Prodesan, 1987.

SARTI, Ingrid. **Porto vermelho.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SAVIANI, Dermeval (org.). **O legado educacional do século XIX.** Campinas, Autores Associados, 2006.

SECUTTI, Adriana. **A vida de Zeny de Sá Goulart.** 1996. Monografia (Bacharelado em História). Santos: FAFIS-Unisantos. Inédito.

SILVA, Fernando Teixeira da. **A carga e a culpa:** Os operários das Docas de Santos: direitos e cultura de solidariedade (1937-1968). São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. **Operários sem patrões:** os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras. Campinas: Unicamp, 2003.

SILVA, Osmar Gomes da. **Rumo ao paraíso e outras histórias.** São João da Boa Vista: Gráfica Sanjoanense, 2005.

SILVEIRA, Sérgio dos Santos. **Jabuca dos nossos corações.** São Paulo: Parma, 2002.

SOUZA, Rosa Fátima. **Templos da Civilização:** A implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Unesp, 1998.

_____; VALDEMARIN, Vera Tereza (orgs.). **A cultura escolar em debate:** Questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2005.

STIEL, Waldemar Corrêa. **História dos transportes coletivos em São Paulo**. São Paulo: McGraw-Hill, 1978.

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. **O porto vermelho: A maré revolucionária: 1930 - 1951**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

_____. **A “moscouzinha” brasileira: Cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954)**. São Paulo: Humanitas, 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

TRINDADE, Laércio. **Indicador Santense**. Santos: Casa Rembrandt, 1914.

VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Grupos Escolares: Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

_____. **Culturas escolares: Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história: Estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2005.

APENDICE I

Índice de Professores do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, de 1915 a 1935

AGUIAR, Maria Lourdes Gomes (Substituta Efetiva, 1931-35). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1930.

AGUIAR, Rosalva (Substituta Efetiva, 1933-34). Formada pela Escola Normal São José em 1932.

ALMEIDA, Amália Ricci de (Adjunta, 1932-34). Formada pela Escola Normal do Braz em 1926.

ALMEIDA, Julia Nogueira de (Substituta Efetiva, 1915-16).

ALMEIDA, Zeferina Pimenta de (Adjunta, 1917-18).

ALVES, Anna Rodrigues (Substituta Efetiva, 1922).

ALVES, Custódia Borges (Substituta Efetiva, 1919).

AMARAL, Stella (Adjunta, 1917-21).

AMORIM, Anésia Alves de (Adjunta, 1915-18). Exonerada em 13 abr. 1918.

ANTUNES, Alzira Pinto (Substituta Efetiva, 1934-35). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1933.

ANTUNES, Lucilia Pinto (Substituta Efetiva, 1934-35). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1933.

AZEVEDO, Hercília Andrade (Substituta Efetiva, 1918).

BARBOSA, Custódia Alves (Substituta Efetiva, 1921-22).

BARAÚNA, Alfredina Pereira (Adjunta, 1915-35). Formada pela Escola Normal Secundária da Praça em 1915. Em 1915, assinava Alfredina H. de Arruda Pereira.

BARROS, Zulmira de (Substituta Efetiva, 1915-16). Normalista primária (A TRIBUNA; 30 mai 1915; 05).

BARROSO, Esther Alves (Adjunta, 1920-24). Formada pela Escola Complementar de Campinas em 1910.

BLANDY, Marietta Pinto (Adjunta, 1917-22).

BRAGA, Arminda (Substituta Interina, 1921).

BURGOS, Edith de Lima (Substituta Efetiva, 1935). Formada pela Escola Normal São José em 1934.

CAMARGO, Carmen Ribeiro dos Santos (Adjunta, 1915 a 1918).

CARVALHO, Alice Teixeira de (Substituta Efetiva, 1920-22).

CARVALHO, Maria Magdalena de (Substituta Efetiva, 1934-35). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1930.

CASTRO, Nair de (Adjunta, 1932-35). Formada pela Escola Normal de São Paulo em 1920.

CEZAR, Angélica Cerqueira (Adjunta, 1915). Em 1914, estava estabelecida na escola feminina diurna à Rua General Câmara, 260.

CHIARELLI, Zaira (Adjunta, 1935). Formada pela Escola Normal do Braz em 1921.

CIOFFI, Elza G. (Adjunta, 1935). Formada pela Escola Normal Primária de Botucatu em 1915.

COELHO, Amélia de Azevedo Branco (Substituta Efetiva, 1921-25). Aluna de Alfredina Pereira Baraúna no 2º ano (1916), Albertina Barbosa Leituga no 3º ano (1917) e Maria Cândida Freire Gomes no 4º ano (1918).

COELHO, Neuza Teixeira (Substituta Efetiva, 1935). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1934.

COELHO, Odair de Souza (Substituto Efetivo, 1934-35). Formado pela Escola Normal José Bonifácio em 1933.

COELHO, Orietta de Souza (Substituta Efetiva, 1934-35). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1933.

COLLAÇO, Zulmira (Substituta Efetiva, 1922).

CRESCENTI, Helena Caiuby (Adjunta, 1934-35). Formada pela Escola Normal de Piracicaba em 1916. Nascida em Campinas (1899), casada com Pedro Crescenti, diretor da Escola Industrial Escolástica Rosa.

DAMY, Zélia (Adjunta, 1924-35). Formada pela Escola Complementar da Capital em 1908.

DIAS, Cleonice Rodrigues (Adjunta, 1932-35). Formada pela Escola Normal Secundária da Capital em 1918.

DOMINGUES, Araceli Franco (Substituta Efetiva, 1935). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1934.

DOMINGUES, Helena Franco. (Substituta Efetiva, 1935). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1930.

DORIA, Antonio (Adjunto, 1923-24). Formado pela Capital em 1905.

DORIA, Gertrudes da Silva (Adjunta, 1920-22).

DUARTE, Oriette Bueno (Substituta Efetiva, 1934-35). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1933.

EIRA, Beatriz Marques da (Adjunta, 1918-35). Formada pela Escola Normal Primária da Capital em 1915.

FARIAS, Ruth (Substituta Efetiva, 1918).

FERNANDES, Dolores. Ver: MILLER, Dolores Fernandes.

FILGUEIRAS, Maria Andrade (Substituta Efetiva, 1934). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1933.

FONTES, Maria (Adjunta, 1915-25). Em 1914, estava estabelecida na escola feminina diurna à Rua Guerra, 22.

FONSECA, Deocacina M. (Adjunta, 1935). Formada pela Escola Normal Primária de São Paulo em 1915.

FRANÇA, Clarice (Adjunta, 1917-24).

FRANCO, Maria da Silveira (Adjunta, 1932-35). Formada pela Escola Normal da Praça em 1908.

FREITAS, Delourdes (Substituta Efetiva, 1919)

FREITAS, Wanda de (Substituta Efetiva, 1934-35). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1933. Aluna de Marietta Pinto Blandy no 1º ano (1921) e Alfredina Pereira Baraúna no 1º ano médio (1924)

GOMES, Maria Cândida Freire (Adjunta, 1915-19).

GOULART, Neomesia (Adjunta, 1918-25).

GOULART, Zeny de Sá (Adjunta, 1919-34). Nasceu em Niterói em 26 de março de 1882. Em 1888, mudou-se para São Paulo com o pai (engenheiro), formando-se na Escola Complementar da Capital em 1901. Lecionou na Capital e em Amparo, onde se casou com Mauro Goulart Penteado (funcionário público). Mudou-se para Santos em 1904, e em 1914, estava estabelecida na escola mista diurna à Avenida Conselheiro Nébias, 329. Lecionou ainda no Grupo Escolar Cesário Bastos, no Liceu Feminino Santista, no Colégio São José e no Colégio Coração de Maria. Quando sua escola se integra ao Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo em 1919, oito alunas são aprovadas para o 3º ano, incluindo sua filha, Maria de Lourdes Sá Goulart. Aposentou-se em 1934 e, em 16 de março de 1936, foi eleita a primeira vereadora na cidade pela UDN, União Democrática Nacional. Faleceu em Santos em 05 de setembro de 1960.

GUIMARÃES, Berenice (Substituta Efetiva, 1931-34). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1930.

HALLIER, Regina (Adjunta, 1931-35). Formada pela Escola Normal Secundária de São Paulo em 1916.

JULIÃO, Sebastião Silvio (Adjunto, 1932-35). Formado pela Escola Normal de Guaratinguetá em 1920. Em 1935, é nomeado Diretor do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo e, no mesmo ano, Inspetor Escolar do Interior.

LABRUCIANO, Amália (Adjunta, 1915-23). Em 1914, estava estabelecida na escola feminina diurna no Largo Marques de Monte Alegre.

LEITE, Alzira Fonseca (Substituta Efetiva, 1934-35). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1933. Aluna de Neomésia Goulart no 2º ano (1922).

LEITUGA, Albertina Barbosa (Adjunta, 1915-23).

LEMOS, Hortência da Silva (Adjunta, 1935). Formada pela Escola Normal Secundária da Capital em 1919.

LUZ, Nair Teixeira (Substituta Efetiva, 1935). Formada pela Escola Normal São José em 1934. Aluna de Esther Alves Barroso no 1º ano (1920).

MAIA, Coralina Ribeiro (Adjunta, 1923-35). Formada pela Escola Normal de Campinas em 1917. Até 1924, assinava Coralina Fonseca Ribeiro.

MARQUES, Sarah de Azevedo (Substituta Efetiva, 1918-21).

MARTINS, Aureliana Oliveira (Adjunta, 1917-35). Formada pela Escola Normal de São Carlos em 1916.

MESQUITA, Ada (Substituta Efetiva, 1920-21).

MILLER, Dolores Fernandes (Adjunta, 1923-35). Formada pela Escola Normal Primária da Praça em 1918. Até 1925 assinava Dolores Fernandes.

MILLON, Isa Aimée (Substituta Leiga, 1915).

MONTANDOR, Augusta (Substituta Efetiva, 1917-18).

MORAES, Olívia Pinto de (Substituta Efetiva, 1931-34). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1930.

MOREIRA, Francisca Pinto Queiroz (Substituta Efetiva, 1934-35). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1933.

NOBREGA, Maria Francisca Amaral Gurgel (Adjunta, 1926-35). Formada pela Escola Normal de São Paulo em 1910.

NOGUEIRA, Alzira Lobo Vianna (Substituta Efetiva, 1934). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1933.

OLIVEIRA, Adelaide (Adjunta, 1925).

OLIVEIRA, Elzira (Adjunta, 1929-35). Formada pela Escola Normal Primária da Capital em 1915.

OLIVEIRA, Georgina Merlach (Adjunta, 1920-23).

OLIVEIRA, Ida Guedes de (Substituta Interina, 1915-16).

OLIVEIRA, Irene Pires de (Substituta Efetiva, 1934-35). Formada pela Escola Normal Livre São Simão em 1932.

OLIVEIRA, Ottilio de (Adjunto, 1915-19). Em 1914, estava estabelecido na escola masculina diurna à Rua Dona Luiza Macuco, 26. Casou-se em abril de 1916. Exerceu a secretaria na Delegacia Regional de Ensino de Santos, até ser removido para a Capital.

ORTIZ, Maria Amália (Adjunta, 1915-18).

ORTIZ, Zelinda (Substituta Leiga, 1916).

PEREIRA, Alfredina H. de Arruda. Ver: BARAÚNA, Alfredina Pereira.

PEREIRA, Elvira Augusta (Adjunta, 1916-23).

PEREIRA, Idalina Baptista (Adjunta, 1921-35). Formada pela Escola Normal da Capital em 1915.

PINHEIRO, Maria Conceição (Adjunta, 1920-21).

PINTO, Alda dos Santos (Substituta Efetiva, 1934-35). Formada pela Escola Normal São José em 1933.

PINTO, Esther (Adjunta, 1932-35). Formada pela Escola Normal de Botucatu em 1925.

QUARESMA, Júlia (Substituta Efetiva, 1934-35). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1933.

RAMOS, Elisa. Ver: VASCONCELLOS, Elisa Ramos de.

RATTO, Deborah (Adjunta, 1915-16). Em 1914, estava estabelecida na escola feminina diurna à Praça dos Andradas, 36.

RIBEIRO, Coralina Fonseca. Ver: MAIA, Coralina Ribeiro.

RIBEIRO, Lucília Eugênia Martins (Adjunta, 1915-19).

ROCHA, Eulália (Substituta Efetiva, 1931-35). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1930.

ROCHA, Maria Conceição Silva (Adjunta, 1925-35). Formada pela Escola Normal Primária da Casa Branca em 1919.

RODRIGUES, Rosalina Alves (Adjunta, 1915-35). Formada pela Escola Normal da Capital em 1903. Aposenta-se em 1935.

RODRIGUES, Zulmira Almeida (Adjunta, 1931-34). Formada pela Escola Normal de Piracicaba em 1916.

SÁ, Maria Eulália de (Adjunta, 1935). Formada pela Escola normal Secundária de Itapetininga em 1928.

SALGADO, Conceição (Adjunta, 1922-24).

SALLES, Adalgisa (Adjunta, 1915 a 1923).

SALLES, Ambrosina (Adjunta, 1915-17).

SALLES, Anália (Adjunta, 1924-35). Formada pela Escola Complementar da Praça em 1905.

SALLES, Ruth (Substituta Efetiva, 1933-35). Formada pela Escola Normal José Bonifácio em 1932.

SANT'ANNA, Rosa Oliveira (Adjunta, 1932-35). Formada pela Escola Normal do Braz em 1920.

SANTOS, Antonio Eberle dos (Adjunto, 1919-35). Formado pela Escola Complementar da Praça em 1910. Quando sua escola se integra ao Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo em 1919, dez alunos são aprovados para o 2º ano e onze para o 3º ano. Professor de Aritmética da Escola do Comércio da Associação Instrutiva José Bonifácio nos anos 40.

SANTOS, Ignácia Cardoso (Adjunta, 1916).

SANTOS, Iracema dos (Adjunta, 1934-35). Formada pela Escola Normal do Braz em 1920.

SANTOS, Juracy (adjunta, 1935). Formada pela Escola Normal do Braz em 1918.

SANTOS, Lourdes de Almeida (Adjunta, 1915-25).

SICCHIEROLLI, Odete (Substituta Efetiva, 1934). Formada pela Escola Normal Livre de Franca em 1933.

SILVA, Aracy (Substituta Interina, 1921). Aluna de Maria Cândida Freire Gomes no 4º ano (1917).

SILVA, João de Oliveira e (Adjunto, 1915-16). Obtém licença a partir de 02 de agosto de 1915, falecendo em 06 de agosto de 1916.

SILVA, Marina Campos de Andrade e (Adjunta, 1916).

SILVEIRA, Ismênia (Substituta Efetiva, 1918)

SORRENTINO, Philomena (Adjunta, 1932-35). Formada pela Escola Normal da Praça em 1918.

SOUZEDO, Maria Lydia (Adjunta, 1932-35). Formada pela Escola Normal do Braz em 1929.

TOLEDO, Maria Augusta de (Adjunta, 1918-35). Formada pela Escola Normal Primária da Capital em 1916. Removida de 14 de abril de 1918 a 16 de novembro de 1920.

VASCONCELLOS, Elisa Ramos de (Adjunta, 1915-23). Até 1919, assinava Elisa Ramos. Veio transferida do GE Dr. José Alves Guimarães Júnior, de Ribeirão Preto (A TRIBUNA; 14 maio 1915; 14).

VEIGA, Cynira (Adjunta, 1932-35). Formada pela Escola Normal de São Paulo em 1915.

VIANNA, Maria Alves (Adjunta, 1919-24).

VILLAÇA, Ignez Ferraz de Paula (Adjunta, 1934). Formada pela Escola Complementar de Piracicaba em 1916.

WERNER, Alayde (Substituta Interina, 1923).

WHITAKER, Maria de Nazareth (Adjunta, 1923-25).

APENDICE II

Índice de alunos promovidos do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, de 1915 a 1925²⁶⁴

Abrão **Abdalla**; Agiz Abdalla; Pedro **Abiach**; Antonio **Abrantes**; Alexandre **Abreu**; Alice Abreu; Amadeu Abreu; Augusta Abreu; Conceição Vaz de Abreu; Elisa Villar de Abreu; Joaquim de Oliveira Abreu; Jorge de Campos Abreu; Laura de Abreu; Mathilde de Abreu; Mercedes Villar de Abreu; Saturnino Pereira Abreu; Antonio **Accacio**; Eugenio Accacio; Satyro Accacio; Marina **Adão**; Valeriano Adão; José **Ade**; América **Adenchi**; Adélia Nair **Affonso**; José Affonso; Alfredo **Agostinho**; Carmelina Agostinho; José Agostinho; Aurora Natividade de **Aguiar**; Carlos Aguiar; Ernestina Aguiar; Ernesto Aguiar; João Aguiar; Rosa Aguiar; Edmundo Martins de **Albuquerque**; Florinda Martins de Albuquerque; Rosa Ramos de Albuquerque; Sophia Ramos de Albuquerque; Hercília **Alcântara**; Hermínia d'Alcantara; Zenith **Alchesque**; Hilda **Alfieri**; Áureo Brado de **Almeida**; Carlos de Almeida; Emygdio de Almeida; Irene de Almeida; Itamar Ponciana de Almeida; Jayme Gomes de Almeida; João de Almeida; José de Almeida; Lucinda Isabel de Almeida; Luso de Almeida; Lydia de Almeida; Manoel de Almeida; Maria d'Almeida; Odette Almeida; Olívia Adelaide de Almeida; Amadeu **Alonso**; Celestina Alonso; Célia Alonso; Horcindo Rodrigues Alonso; João Alonso; Kitty **Altemburg**; Álvaro **Alvarenga**; Antonio Alvarenga; Antonio Rodrigues de Alvarenga; Carlos Rodrigues de Alvarenga; Carmen **Álvares**; Elvira Alvares; Magnólia Álvares; Abel **Alves**; Ada Alves; Adélia Alves; Albertinia Martins Alves; Antonio Carrião Alves; Aurélio Rodrigues Alves; Cacilda de Castro Alves; Emilio Alves; Fernando da Costa Alves; Iara Alves; Julia Alves; Laura Alves; Lucília Alves; Lydia Maria Alves; Manoel João Alves; Manoel Martins Alves; Maria Rosa Alves; Moyses Alves; Olinda Alves; Oscar da Cunha Alves; Ricardo Alves; Rosa Alves; Silvério Carrião Alves Filho; Yara Prado Alves; Zilda de Castro Alves; Rosendo **Amado**; Adalgisa do **Amaral**; Benedicto Marcelino do Amaral; Eglantina **Amaro**; José d'**Amico**; Maria d'Amico;

²⁶⁴ Os nomes seguem a ordem alfabética dos sobrenomes, e o negrito se refere à primeira ocorrência do sobrenome.

Anselmo Alves de **Amorim**; Leocádia Amorim; Olga Alves de Amorim; João **Anciães**; Maria dos Anjos Anciães; Antonio **Andrade**; Hilda de Andrade; Letícia **Angerami**; Lydia Angerami; Oswaldo Lourenço **Anta**; Augusto **Antonio**; José Antonio; Manoel Antonio; Fernando **Antunha**; Florentino Antunha; Helio Antunha; Eugenio Gonçalves de **Aquino**; Adolpho Enio **Aramelli**; Alice **Araújo**; Armando de Araújo; Beatriz Araújo; Edmundo de Araújo; Eduardo Araújo; Joaquim Araújo; José Ferreira de Araújo Junior; Leonor Alves de Araújo; Maria Alves de Araújo; Mercedes Araújo; Virgolina Araújo; Emma Rosa **Archanjo**; Idalina **Arruda**; Malvina Arruda; Maria Arruda; Mauro Arruda; Abel Cardoso de **Assis**; Almerinda Cardoso de Assis; Guilhermina Cardozo Assis; Deolinda **Augusta**; Álvaro **Augusto**; Ayres Augusto; Joaquim Augusto; José Augusto; Péricles Augusto; Victorino Augusto; Philippe **Aversa**; Dayse d' **Avila**; Dionéa d'Avila; Evaristo **Ayres**; Augusto de **Azevedo**; Diva de Azevedo; Elisa Parede de Azevedo; Ondina Azevedo; Oswaldo Azevedo.

Eudoxia **Barbosa**; Iria Barbosa; Joaquina Barbosa; Rosa Barbosa; José **Baroni**; Nivaldo Baroni; Raphael Baroni; Clotilde **Barraquet**; Jorge Guilherme Barraquet; Luiz Durval Barraquet; Antenor **Barreiros**; Evaristo Barreiros; Adalberto **Barreto**; Hosanna Barreto; Jerônimo Barreto; Abelardo de **Barros**; Álvaro de Barros; Jesuína Archanjo de Barros; Jacob **Bartoloto**; Franciso **Basili**; Aldo **Bastida**; Eduardo **Bastos**; Amélia **Batão**; Helena Batão; Ramiro Batão; Álvaro Rodrigues **Baylão**; Antonio Baylão; Aurora Rodrigues Baylão; Edith **Becker**; Ruth Becker; Walter Corchs **Beller**; Antonio **Bellido**; Maria Bellido; Francisco Jacques **Benedicto**; Roberto **Bento**; Manoela **Bercena**; Alberto José **Bernardes**; Christina Bernardes; Helena Bernardes; Ida Bernardes; Ângelo Andrade **Bettanio**; Annita **Blancher**; Emilio Blancher; José Blancher; Antonia Gomes **Blanco**; Antonio Blanco; João Gomes Blanco; Manoel Blanco Filho; Raphael Blanco; Maria de Lourdes Pinto **Blandy**²⁶⁵; Carmen **Bojart**; Joanna Bojart; Victoria **Bolonho**; Alfredo **Bompeixe**; Lucilia Bompeixe; Aldo **Bonadei**; Julieta Bonadei; Bernardo **Boroski**; Cesário Boroski; Henrique Boroski; José Boroski; Amélia **Bossi**; Mercedes Bossi; Paschoal Bossi; Vicente Bossi; Laura **Bouças**; Adelaide **Brancar**; Lino Telles **Brandão**; Manoel Telles Brandão; Edviges **Braum**; Emilia Braum; Juliana da Silva Braum; Lorival de Assis **Bravo**; Mario Lopes **Braz**; Boris **Brechmam**; Luiz de Oliveira **Brenes**; Rosa **Brichman**; Christina de **Brito**; Leonor de Brito; Marcello Cunha Brito; Carlos Alberto **Bruno**; Vicente Maciel Bruno Filho; Luiz **Bua**; Aureovaldo **Bueno**; Carlos Bueno; Noemy Peixoto Bueno; Odair Souza Bueno; Cássio **Bulle**; João Bulle.

Eugenia **Cabral**; Carlos **Caetano**; Ermelinda Caetano; Dacio **Caitzor**; Hilda Caitzor; Zélia Caitzor; Maria **Calapata**; João Ribeiro **Caldas**; Angelina **Caldeira**; José Caldeira; Maria dos Reis Caldeira; Miguel Caldeira; Olivio Caldeira; Deocleciano **Câmara**; Adélia **Camargo**; Agenor de Camargo; Carmelita de Camargo; Celso de Almeida Camargo; Eulalia de Camargo; Gumercindo de Godoy Camargo; Oswaldo Camargo; Yolanda de Almeida Camargo; Álvaro Ferreira de **Campos**; Antonio Ferreira Campos; Benedicto de Campos; Eduardo de Campos; João de Campos Filho; João de Campos Netto; José Ferreira Campos; Palmyra

²⁶⁵ Maria de Lourdes Pinto Blandy foi, possivelmente, filha de Marietta Pinto Blandy, Adjunta do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo de 1917 a 1922.

Ferreira Campos; Aracy Beatriz **Caparelli**; Cidalia Caparelli; Gercino Hugo Caparelli; Oscar Arthur Caparelli; Robelia Caparelli; João **Capasso**; Esther **Capelache**; Acácio da S. **Capella**; João Alves Capella; Waldemar de Capella; Lucia Cappa; Orlando **Cappa**; José **Carames**; Benedicta **Cardeal**; Adelina **Cardoso**; Anthero José Cardoso; Daniel Augusto Cardoso; Edmundo Cardoso; Laurinda Cardoso; Zeferina Cardoso; Zulmira Amélia Cardoso; Elvira do **Carmo**; Laura do Carmo; Maria do Carmo; Candido Brito **Carneiro**; Marina Dias Carneiro; José **Carreira**; Mercedes Carreira; Leonor **Carrião**; Olga Carrião; Abel Joaquim Ferreira de **Carvalho**; Adalgisa Vieira de Carvalho; Adelaide Carvalho; Alaor de Carvalho; Albertina de Carvalho; Antonio Antunes de Carvalho; Aristóteles de Carvalho; Armando de Carvalho; Aurélio A. S. F. Carvalho; Benedicta Carvalho; Flora de Carvalho; Herminia Teixeira Carvalho; João Ribeiro de Carvalho; Judith Seixas Teixeira de Carvalho; Magdalena Garcez de Carvalho; Magnólia Miranda de Carvalho; Maria Joanna de Carvalho; Maria José de Carvalho; Mario Antonio de Carvalho; Mecary Garcez de Carvalho; Ney de Carvalho; Otilia de Carvalho; Rubina de Carvalho; Waldomiro Antonio de Carvalho; Zuleika Carvalho; Alzira **Casaes**; Maria Casaes; Sonia **Casal**; Antonio **Castro**; Cândida de Castro; Flores de Castro; Hilda de Castro; Ignez de Castro; Jayme de Castro; João Marques de Castro; Julieta Castro; Maria Castro; Zuleika de Castro; Brandina de Paula **Cavalheiro**; Maria do Carmo Cavalheiro; Adalgiza **Cavazzinni**; Diva **Cerqueira**; Maria de Lourdes Cerqueira; Iracy **Chaves**; Irene Chaves; Olívia Figueira Chaves; João **Chianesi**; Cacilda **Cid**; Deolinda Cid; Manoel Cid; Mario Cid; Lydia **Citero**; Alzira Lopes **Coelho**; Amélia Branco Coelho²⁶⁶; Diva Teixeira Coelho; Edgard Garone Coelho; Eugenia Coelho; Eugenio Garone Coelho; Eurídice Coelho; João Evaristo Coelho; José Teixeira Coelho; Lafayette B. Coelho; Luiza Coelho; Maria Coelho; Maria Emilia Lopes Coelho; Napoleão Coelho; Ondina Dias Coelho; Rosa Blanco Coelho; Zilda Teixeira Coelho; Alcides **Coimbra**; José **Colombina**; Angelina **Conceição**; Antonio Conceição; Arminda Conceição; Aurora da Conceição; Claudina Conceição; Clotilde Conceição; Gracinda Conceição; João de Paula Conceição; José de Abreu Conceição; Julia de Paula Conceição; Laura da Conceição; Ludovina da Conceição; Lydia da Conceição; Maria José da Conceição; Olinda da Conceição; Olívia Conceição; Amadeu Augusto **Conde**; Alayde Prado **Cordeiro**; Amélia **Correa**; Armando Santos Correa; Avelino Santos Correa; Carolina Correa; Deolinda Correa; Durvalina Correa; Ismael Correa; Leonildo Correa; Mario Correa; Sylvio Feliciano Correa; Wanda Correa; Yolanda Correa; Crysantemos **Cortez**; Diamantina Cortez; Aniceto **Corvello**; Ignez Corvello; Ilda Corvello; Antonio dos Santos **Costa**; Benedicta Dias da Costa; Christiano dos Santos Costa; Clarice Ferraz Costa; Colombiano da Lima Costa; Edmundo da Costa; Henrique Dias da Costa; Hilda de Prado Costa; Inah Costa; Iracema da Costa; Ismael Costa; João dos Santos Costa; Maria Antonietta Costa; Maria Dias da Costa; Odila Duarte Costa; Osvaldo dos Santos Costa; Pedro dos Santos Costa; Waldemar Costa; José Maria **Coutinho**; Guiomar **Couto**; Waldemar **Craveiro**; Adda **Cruz**; Antonio Gomes Cruz; Cinira Cruz; Daniel da Cruz; Edson Gomes da Cruz; Gertrudes Cruz; Maria Aparecida Cruz; Maria Gertrudes da Cruz; Oswaldo Cruz; Ruy Joaquim da Cruz; Aurélio da **Cunha**; Claudiana Cicciaca da Cunha; João Cunha; Tertuliana Cunha.

²⁶⁶ Amélia de Azevedo Branco Coelho tornou-se Substituta Efetiva no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo de 1921 a 1925.

Adherbal **Damasio**; Anaiz Damasio; José **Danilo**; Lucinda **Dantas**; Caetano **Dantino**; Benedicta **David**; Álvaro **Dias**; Amélia Dias; Ary Dias; Aurora Soares Dias; Cândida Celeste Dias; Lauro Dias; Luiz Dias; Maria Angélica Dias; Maria Dias; Paulo José dos Santos Dias; Ramona Dias; Rosana Dias; Vital Gonçalves Dias; Yolanda Dias; Nair **Diegues**; Rômulo Diegues; Augusto **Diesner**; João Diesner; Deolinda **Diniz**; Eliza Lopes Diniz; Álvaro de Oliveira **Doepfer**; Anthero **Domingos**; José Domingos; Arnaldo **Domingues**; Francisco Monteiro Domingues; Edmundo **Donato**; Maria das **Dores**; Antonio **Duarte**; David Duarte; Eduardo Duarte; Irene Duarte; Irma Duarte; Mario Duarte; Odilla Costa Duarte; Aguinaldo da Fontoura **Duclos**; Bolívar Duclos; Margarida Duclos; Maria Dulce Duclos; Maria Oneida Duclos; Marina Fontoura Duclos; Rayho Duclos; Eugenia **Dutra**; Guiomar Dutra.

Alzira Vivian **Eiroz**; Aracy Vivian Eiroz; Dionysio Vivian Eiroz; Luiza Vivian Eiroz; Maria Vivian Eiróz; Eduardo **Espinosa**; Catharina **Esteves**; Guiomar da **Estrella**.

Isidoro **Fabry**; Rosa **Fallais**; Carlos **Faria**; Nelly Faria; Octavio Faria; Vera Faria; Moacyr **Faro**; Rubens Faro; Francisco **Farseta**; Guiomar **Fava**; Isoleta **Feliciano**; Zilda Feliciano; Hermínio **Ferauche**; Orlando Ferauche; Adelaide **Fernandes**; Adelina Fernandes; Álvaro Fernandes Pires; Antonio Pedro Fernandes; Arthur Fernandes; Aureonivia Fernandes; Aurora Fernandes; Belmiro Fernandes Pires; Carmen Fernandes; Celestina Fernandes; Christalia Fernandes; Dimas Fernandes; Edith Fernandes; Elisa Fernandes; Emérita Fernandes; Emilia Fernandes; Emma Fernandes; Encarnação Fernandes; Ernestina Cortez Fernandes; Guiomar Fernandes; Joaquim Fernandes; Jose Fernandes; Laura Fernandes; Lucia Fernandes; Maria Amélia Fernandes; Maria da Piedade Fernandes; Noemia Fernandes; Olga Fernandes; Ricardo Fernandes; Rosa Fernandes; Santiago Fernandes; Manoel **Ferraz**; Adalgisa **Ferreira**; Adelaide Ferreira; Affonso Ferreira; Agnello Ferreira; Albertina Ferreira; Alice Ferreira; Alzira Ferreira; Américo Ferreira; Antonio Maria Ferreira; Antonio Nunes Ferreira; Armindo Bento Ferreira; Atlante Ferreira; Aurora Mendes Ferreira; Branca F. Ferreira; Carlos Dias Ferreira; Deolinda Ferreira; Dotroveu Ferreira; Eduardo Ferreira; Eleonora Ferreira; Ermelinda Ferreira; Iracema Ferreira; Iracy Ferreira; José Ferreira; José Joaquim Ferreira Sobrinho; Maria do Carmo Ferreira; Mario Ferreira; Nair Ferreira; Rosolmira Ferreira; Ubirajara Ferreira; Zilda Ferreira; Francisco **Fialho**; Henrique **Fialho**; Adolpho **Figueira**; Amélia Figueira; Ernestina da Silva Figueira; José Figueira; Hilda de **Figueiredo**; Manoel Figueiredo; Pedro **Filetti**; Argemiro **Finardi**; Ida Finardi; Marina **Florido**; Adelina **Fonseca**; Alzirino Fonseca; Cecília Fonseca; Gloria da Fonseca; Hosmarina da Fonseca; Laurinda Fonseca; Lauro Fonseca; Luiza da Fonseca; Maria Fonseca; Alexandre **Fontenha**; Alzira **Fontes**; Aurora F. Fontes; Carolina Fontes; Claudionor Fontes; Eduardo Fontes; Esther Fontes; Godofredo Fontes; Manoel do Prado Fontes; Victoria Fontes; Agnelo **Fortes**; Álvaro Fortes; Haydee Fortes; Iracema Fortes; Isaura Fortes; Joaquim Fortes; Marina Fortes; Raul Fortes; Anthero **Fortunato**; Rita Fortunato; Augusto **Fragoso**; Gracinda **Francisca**; Antonio **Francisco**; Clara da Cunha **Franco**; Erdenel Lopes Franco; José Franco; Julieta da Cunha Franco; Nelson Peixoto Bueno Franco; Nylton Franco; Laércio **Freire**; Antonio de **Freitas**; Carlos de Freitas; Florinda Sardinha Freitas; João Paulo de Freitas; Laura de Freitas;

Manoel de Freitas; Maria Augusta de Freitas; Maria Freitas; Maria Magdalena Freitas; Marina de Freitas; Nancy Freitas; Raul de Freitas; Wanda de Freitas²⁶⁷; Fioravante **Frizoloni**; Joanna Frizoloni; Raphael Frizoloni; Rogério Frizoloni.

Alice **Gallucio**; Julia Gallucio; Rosa Gallucio; Antonio Thomaz **Galvão**; Darioleta **Gama**; Maximino Gama; Cecília **Gamberini**; Fanny Gamberini; Georgina **Garcez**; Antonio **Garcia**; Arnaldo Garcia; Edwiges Garcia; Isaura Garcia; Maria do Carmo Garcia; Beatriz Rodrigues **Gatto**; Oswaldo Rodrigues Gatto; Ottilia Rodrigues Gatto; Robertina Rodrigues Gatto; Casemiro **Gianguilios**; José Balthazar **Gion**; Amélia del **Giorno**; Antonia del Giorno; Constantino del Giorno; Maria Elvira del Giorno; Olympia del Giorno; Yolanda del Giorno; Floripes **Gloria**; Pedro Gloria; Alzira Ambrozio de **Góes**; Horacio de Menezes Góes; Alberto Alves **Gomes**; Alda Maria Ribeiro Gomes; Ambrosina Gomes; Arsênio Alves Gomes; Benjamin Gomes; Eleodoro Gomes; Elsa Ribeiro Gomes; Florentina Gomes; Hilda Gomes; Hydio Gomes; Ilka Ribeiro Gomes; Joaquim Gomes; Lucilia Gomes; Manuel Gomes; Nair Gomes; Nicia Gomes; Olga Ribeiro Gomes; Vicente Gomes; Romeu **Gomide**; Alzira **Gonçalves**; Amália Gonçalves; Antonio Gonçalves; Arlindo Gonçalves; Avelino do Nascimento Gonçalves; Bertha Gonçalves; Dolores Gonçalves; Ermelinda Gonçalves; Iracy Gonçalves; Isabel Gonçalves; Isaura Gonçalves; João Baptista Gonçalves; João Gonçalves; José Martins Gonçalves; Luiz Gonçalves; Manoel Gonçalves Filho; Maria da Conceição Gonçalves; Marina Gonçalves; Mercedes Gonçalves; Nathalia Gonçalves; Paulo Gonçalves; Rachel Gonçalves; Rivaldo Gonçalves; Sylvio Gonçalves; Álvaro **Gonella**; Dillermando Gonella; Yolanda **Gorourch**; Maria de Lourdes Sá **Goulart**²⁶⁸; Eurydice **Gouvêa**; Elvira Gouvêa; Joaquim Gouvêa; Anatólia da **Graça**; Caetana **Gregorio**; Julia Gregório; João Maria **Guedes**; Arthur **Guerra**; Altamiro João **Guimarães**; Anna Lucia Guimarães; Clotilde Guimarães; Izabel Guimarães; Juliana Guimarães; Laura Guimarães; Mario Guimarães; Octacílio Guimarães; Waldemar Guimarães; Giselda Leonor de **Gusberti**; Ighes **Gusmão**; Nair Gusmão; Josephina **Gutierrez**; Maria de Lourdes Gutierrez.

Irineu van der **Haagen**; Leonor van der Haagen; Mercedes van der Haagen; Nabor **Haara**; Sinara Haara; Carmen Ruy **Havan**; Antonieta Augusta **Heitor**; Margarida Augusta Heitor; Luzia **Henriques**; Mario Henriques; Ottilia Henriques; José **Hermeschel**; Ida **Hidal**; Alberto **Horta**; Maria Helenita Horta; Paulo Horta; Romeu Horta.

Kioko **Imamura**.

Juvenal **Janeiro**; Maria Rodrigues **Jardim**; Albertina de **Jesus**; Alice de Jesus; Anna de Jesus; Benedicta de Jesus; Elisa de Jesus; Felismina de Jesus; Gloria de Jesus; Guiomar de Jesus; Horacia de Jesus; Irene de Jesus; Laura de Jesus; Laurentina de Jesus; Lydionete de Jesus; Manoel Pinto de Jesus; Maria Antonia de Jesus; Maria de Jesus; Maria José de Jesus; Maria Olívia de Jesus; Maria Thereza de Jesus; Nadir de

²⁶⁷ Wanda de Freitas tornou-se Substituta Efetiva do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo de 1934 a 1935, após se formar pela Escola Normal José Bonifácio em 1933.

²⁶⁸ Maria de Lourdes de Sá Goulart é filha de Zeny de Sá Goulart, Adjunta do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo de 1919 a 1934.

Jesus; Noemia Paula de Jesus; Oswaldo de Jesus; Rosalina de Jesus; Ruy de Jesus; Zilda de Jesus; Maria **Joaquina**; Idalina de Jesus **Jorge**; Iracema de Jesus Jorge; Joaquim Dias Jorge; Augusto **Josué**; João Baptista Josué; Adalgisa Maria **Juliano**; Francisco **Junoguti**; Quirino Junoguti; Adélia **Junqueira**; Alice Junqueira; Judith **Justina**; Mercedes **Justo**.

Francisca de **Karo**; Ernestina **Kleis**; Tamika **Komai**.

Maria **Labruna**; Carlos **Lacerda**; Jarbas de Lacerda; Marina Lacerda; Odette Lacerda; Rubens Lacerda; Albino **Lames**; Lareliano Lames; Reynaldo Lames; Bernadette **Lamouche**; Maria de Lourdes Lamouche; Risoleta Lamouche; Saturnino **Lang**; Elisa Mendes de **Lara**; Heraldo Lara; João Lara; José Maria Lara; Rubens Lara; Ema **Lassalvia**; Carolina **Legramanti**; Natalino Legramanti; Alzira da Fonseca **Leite**²⁶⁹; Aurora Leite; Benedicto Cruz Leite; Diva Roux Leite; Horacio Leite; João Feliciano Leite; Jonas Leite; José Ramos Leite; José Roux Leite; Josias Leite; Luiz da Fonseca Leite; Rachel Leite; Themistocles Ferreira Leite; Filinto **Leituga**²⁷⁰; José **Leme**; Laurinda Leme; Maria Benedicta Leme; Maria **Lemos**; Rosalina Lemos; Octávio Pereira de **Lenia**; Enedina Teixeira **Leomil**; Iracema Leomil; Moacyr Leomil; Oswaldo Teixeira Leomil; Rubens Leomil; Augusto **Liger**; Ivo **Liginori**; Olívia Liginori; Adélia Vaz de **Lima**; Alcides Evangelista de Lima; Annibal de Lima; Doralice Lima; Francelina Vaz de Lima; José Vaz de Lima; Marina Lima; Oraida Silva Lima; Pedro da Costa Lima; Ruth Felix de Lima; Valentim da Silva Lima; Flora Passos **Linhares**; Francisco Passos Linhares; Amália **Loberta**; Manoela Loberta; Miguel Loberta; Antonietta **Lombardi**; Elisabeth Lombardi; Adhemario **Lopes**; Carlos Lopes; Deolinda Lopes; Esperança Lopes; Francisco Lopes; Isaura Lopes; João Lemos Lopes; José Maria Lopes; Licillia Fernandes Lopes; Maria de Lourdes Lopes; Maria Lemos Lopes; Nísia Lopes; Trindade Lopes; Walter Lopes; Benedicto de Jayme **Lorena**; Maria de **Lourdes**; Albino **Loureiro**; Álvaro de S Loureiro; Eduardo Souza Loureiro; José de Souza Loureiro; Abílio **Lourenço**; Idalia Lourenço; Isabel Lourenço; Olindina Lourenço; Raul Lourenço; Durval **Louzã**; Noemia Louzã; Carmen **Louzada**; Iracema **Luci**; Priano **Lucindo**; Abel **Luiz**; Isilda **Luiza**; Julia Luiza; Maria de Lourdes Luiza; Carlos **Lupi**; Julia Lupi; Leonilde Lupi; Augusta Soares da **Luz**; Daniel Oliveira da Luz; Francisco Correa da Luz; José Oliveira da Luz; Manoel Correa da Luz; Marietta Soares da Luz; Nair Luz²⁷¹; Olegário Victor da Luz.

Emilia **Macedo**; Hortência Macedo; Iracema Macedo; Julieta Macedo; Miretta Macedo; Nair Macedo; Olympia Macedo; Seraphina Macedo; Adalberto Machado; Alberto **Machado**; Alzira Noemia Machado; Benedicto Machado; Corina de Paula Machado; Manuel de Sousa Machado; Maria Olívia Machado; Naimar Machado; Roberto Machado; Luiza **Macias**; Helena Bruno **Maciel**; Álvaro **Madureira**; Ignácia Madureira; Alexandre **Magalhães**; Dumostel Magalhães; Antonio **Maguani**; Archanjo Maguani; Laura **Maia**; Helena **Mantik**; Lourival Mantik; Julio **Marcos**;

²⁶⁹ Alzira Fonseca Leite tornou-se Substituta Efetiva do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo de 1934 a 1935, após se formar pela Escola Normal José Bonifácio em 1933.

²⁷⁰ Filinto Leituga foi, possivelmente, filho de Albertina Barbosa Leituga, Adjunta do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo de 1915 a 1923.

²⁷¹ Nair Teixeira Luz tornou-se Substituta Efetiva do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo em 1935, após se formar pela Escola Normal São José em 1934.

Alice **Marques**; Almerinda Marques; Antonio Marques; Arcellinna Marques; Arthur Mira Marques; Basilia Marques; Iracema Marques; José Rodrigues Marques; Julia Mira Marques; Oswaldo Marques; Rachel Marques; Rosa Pérsico Marques; Coriolano **Marreiros**; João Marreiros; Francisco **Martha**; Maria José Martha; Dolores **Martinez**; Adelaide **Martins**; Albina Cumes Martins; Álvaro Martins; Alzira Martins; Antonio Martins; Arthur da Cunha Martins; Benjamim Martins; Celestina Cumes Martins; Celestina Martins; Conceição Martins; Diego Auges Martins; Diogo Martins; Emilia Martins; Emilio Martins; Francisco Martins; Ida Martins; Isabel Martins; João Martins; José Martins; Laura Martins; Lourival de Castro Martins; Lydio Martins; Manuel Martins; Maria Martins; Mercedes Martins; Olga Martins; Raul Martins; Antonio Pereira **Massa**; Aurysselia **Masserant**; Celuza Masserant; Edmea Masserant; Oswaldo Masserant; Carolina **Mathias**; Íris **Mattos**; Laurival de Mattos; Silmara **Mazagão**; Henrieta **Medeiros**; João de Lima **Mello**; Leonor Correa de Mello; Luiz Alves de Mello; Affonsina **Mendes**; Anadyr Mendes; Antonio Mendes; Carolina Mendes; Erasmo Garcia Mendes; Euclides Pereira Mendes; Francisco Mendes; Iracema Mendes; Joaquim Mendes; Miriam Garcia Mendes; Paracelso Garcia Mendes; Seraphim Mendes; Antonio Bento de **Menezes** Filho; Floriano da Silveira Menezes; José Monteiro de Menezes; Antonio **Miguel**; Manoel Miguel; Nagib Miguel; Rodozindo **Migues**; Rosa Migues; José **Milan**; Raul **Minjoulet**; Adalgisa **Miranda**; Antonia Miranda; Leudemia Miranda; Ada **Missiroli**; Helio **Modelli**; Ilmem Modelli; Joanna **Modenes**; Luiza Modenes; Maria Clara **Monte**; Angélica **Monteiro**; Ascensão Monteiro; Domingos Monteiro; Irene Monteiro; Jandyra Monteiro; Jorge M. Monteiro; Maria de Lourdes Monteiro; Waldemar Monteiro; Washington Monteiro; André **Moraes**; Antonio Alves de Moraes; Auta de Moraes; Barbara de Moraes; Ferdinando Moraes; Francisco Moraes; Isaac Moraes; Isabel Moraes; Isabel Soares de Moraes; João Moraes; Manoel Moraes; Manoela Alves de Moraes; Manuel Moraes; Maria Moraes; Mario Moraes; Mathilde de Moraes; Nylla Moraes; Oscar Moraes; Petronilha de Moraes; Raul de Moraes; Silvio de Moraes; Yolanda Moraes; Alfredo **Moreira**; Helena Moreira; Anatólio Peres Garcia **Moreno**; Antonio Moreno; Eurianta Peres G. Moreno; Hieranto Peres Garcia Moreno; João Baptista Moreno; Amélia **Motta**; Laura Motta; Waldemar Motta; Antonio Monteiro de **Moura**; Aracy de Moura; Casimiro José de Moura Filho; João Chrysostomo de Moura; Laura de Moura; Ovídio dos Santos Moura.

Esther **Nardis**; Augusta **Nascimento**; Floriano Nascimento; Hygino Nascimento; Manoel Pereira do Nascimento; Nair Nascimento; Nazareth do Nascimento; Odete Nascimento; Oswaldo do Nascimento; Alípio **Negrão**; Antonina Negrão; Maria Ferrer Negrão; Anadyr **Neiva**; Irany Ávila Neiva; Maria de Lourdes Neiva; Simblina Neiva; João **Nepomoceno**; José **Netto**; Albertina das **Neves**; Alberto das Neves; Joaquina das Neves; Carmen **Noá**; Ignez **Noferi**; Álvaro **Nogueira**; Anary Caldas Nogueira; Aracy Nogueira; Idatir Caldas Nogueira; Jandyra Caldas Nogueira; Nair Soares de **Novaes**; Alberto **Nunes**; Alexandrina Fernandes Nunes; Anna Fernandes Nunes; Arminda Nunes; Delfino Nunes; Joaquim Nunes; Laura Nunes; Piedade Fernandes Nunes; Renato Martins **Nusa**.

Agostinha de **Oliveira**; Alzira Guedes de Oliveira; Armando de Oliveira; Arminda de Oliveira; Ary Alves de Oliveira; Áureo de Oliveira; Bolívar Oliveira; Cezarina

Leomil de Oliveira; Clothilde Guimarães Oliveira; Daisy de Oliveira; Dulce Fava de Oliveira; Edgar Rodrigues de Oliveira; Erminda Oliveira; Euclides de Oliveira; Francisco Soares de Oliveira; Hercílio Alves de Oliveira; Hilda Fava de Oliveira; Iracema de Oliveira; Iracema Oliveira; Irene Leomil Oliveira; Jesuíno de Oliveira; João Pinto de Oliveira; Josephina Oliveira; Lucilla Fava de Oliveira; Luthegarda Oliveira; Maria Augusta Oliveira; Maria das Dores Oliveira; Maria Luiza Vaz de Oliveira; Maria Oliveira; Nicacio de Oliveira; Nympha de Oliveira; Octávio de Oliveira; Odil de Oliveira; Olga Guedes de Oliveira; Oswaldo Pinto de Oliveira; Rosa Oliveira; Sybilla de Oliveira; Tilecio Vaz de Oliveira; Hilda da Silva **Ornellas**; Francisco Ruy **Otavan**; Antonio Lopes **Otero**; Carmen Otero.

Affonso **Pacheco**; Eurydice Almeida Pacheco; Assyrio **Padrão**; Moacyr Padrão; Alice **Paes**; Antonio Paes; Oscar **Pagani**; Accacio Pinto **Paiva**; Álvaro de Paiva; Arsênio de Paiva; Fernando Paiva; Helena Fernandes Paiva; Jandyra Paiva; Paulo Ferreira de Paiva; Paulo Paiva; Mafalda **Palais**; Isabel **Palmira**; Aurora **Parada**; Ermelinda Lopes **Parada**; Florinda Parada; Darvino **Passos**; João Passos; Álvaro **Patrício**; Manoel José de **Paula**; Nair de Paula; Nelsina de Paula; Angelina **Paulinska**; Ary **Pedroso**; José Brasiliense **Peirão**; Laura Peirão; Quincio Peirão; Ayrton **Peixoto**; Carlota Peixoto; Carmen Peixoto; Haydee Peixoto; Ignácio Peixoto; Paulo Peixoto; Deolinda **Peralta**; Alberto **Pereira**; Alice Pereira; Aurora Pereira; Benedicto Pereira; Carlos Pereira; Celestino Pereira; Diva Gomes Pereira; Elisa Rodrigues Pereira; Emma Pereira; Ernesto Pereira; Guiomar Pereira; Heitor Pereira Filho; Heitormaria Pereira; Hilda de Jesus Pereira; Izaura Pereira; Jormar Pereira; José Pereira; Josephina Pereira; Lydia Pereira; Maria Josepha Pereira; Maritor Pereira; Odair de Oliveira Pereira; Philomena Pereira; Tomas Pereira; Augusta **Peres**; Aurora Peres; Encarnação Peres; Irene Peres; Jandyra Peres; João Peres; Manoel Peres; Maria de Lourdes Encarnação Peres; Pepeto Peres; Ramon Peres; Sergio Peres; Emma **Pérsico**; Julio de Almeida **Pessoa**; Arthur Ferreira **Pestana**; Francisca **Petejane**; Armando **Petrarchi**; Agostinho **Philippe**; Lucinda Phillippe; Oscar **Pietro**; Aracy **Pimenta**; Ary Pimenta; Dulce Pimenta; Glycerio Pimenta Filho; João da Conceição Pimenta; Adriano **Pimentel**; Oneida Herotildes **Pinho**; Alexandrina **Pinto**; Angelina Pinto; Anna da Costa Pinto; Antonio Pinto; José Rodrigues Pinto; Laura Pinto; Maria da Costa Pinto; Maria de Lourdes Pinto; Maria Julieta de Seixas Pinto; Norival Pinto; Rosa Pinto; Alda **Pires**; Alfeu Pires; Elza de Almeida Pires; Isaura Pires; José Pires; Maria Amália Pires; Osvaldo Pires; Osvaldo Pires; Waldemar Pires; José **Pizzi**; Maria Pizzi; Guilhermina **Pontes**; Adelaide **Pormoceno**; Aurora Pormoceno; Emilia Pormoceno; Rosa Pormoceno; João **Porta**; Fernando Augusto **Portella**; Marília **Porto**; Marina Porto; Antonio **Prado**; Avelina Prado; Carmen Prado; Deolinda Prado; Eduardo Prado; Joaquim Prado; Manoel Prado; Octavio Prado; Olímpia do Prado; Nair **Prates**; Victorino Prates; Walfredo Prates; Washington Prates; Hilda dos **Prazeres**; Paulina **Pretzel**; Sophia Pretzel; Rosa **Prieto**; Oswaldo **Puphe**.

Oswaldo **Quadros**; Adelina Ribeiro de **Queiroz**; Anacleto Queiroz; Aracy Queiroz; Manoel Queiroz; Izabel **Quindos**; João **Quirino**.

Jayme **Radesca**; Anna **Raka**; Carolina Raka; Antonio **Ramos**; Arthur Ramos; Aurora Ramos; Domingas Ramos; Encarnação Ramos; Gastão Ramos Filho; Manoel Ramos; Manoela Ramos; Sophia Albuquerque Ramos; Zilda Ramos; José Leomil

Ratto; Ary Baptista **Ravazzani**; Heloisa **Reis**; Hilda Reis; Iracema Reis; Joaquim Reis; Luiz Reis; Nair Gonçalves dos Reis; Nemir Reis; Armando Benedito **Ribeirão**; Assumpção **Ribeiro**; Augusto Ribeiro Junior; Cacilda Ribeiro; Conceição Salles Ribeiro; Egydio Fernandes Ribeiro; Ernesto Ribeiro; Felicidade Ribeiro; Francisco de Souza Ribeiro; Guilherme Ribeiro; Irene Ribeiro; Jayme Ribeiro; Lauricy Fernandes Ribeiro; Manoel Ribeiro; Nair Ribeiro; Nelson Augusto Ribeiro; Valeriana Ribeiro; Ventura Moreira Ribeiro; Rachel **Ricci**; Alberto **Riga**; Ignez **Rigueto**; Marcolina Rodrigues **Rios**; Fernando **Rivera**; Eugenia **Riverner**; Cesira **Roberto**; Adalgisa Pereira da **Rocha**; Gerogina Rocha; Horácio Rocha; Ivam da Rocha; João Baptista da Rocha; Ludovina Rocha; Nair Rocha; Olinda Amaro Rocha; Agapito **Rodrigues**; Alfredo Rodrigues; Alzira Rodrigues; Antonio Dias Rodrigues; Augusta Rodrigues; Aurora Rodrigues; Benilda Peres Rodrigues; Carmen Rodrigues; Constantino Rodrigues; Corina Rodrigues; David Peres Rodrigues; Delphina Rodrigues; Deolinda Rodrigues; Diva Celeste Rodrigues; Dulce Rodrigues; Emilia Rodrigues; Eulália Rodrigues; Guiomar Rodrigues; Herminia Rodrigues; Iracema Rodrigues; Isaura Rodrigues; José Marques Rodrigues; Lucinda Rodrigues; Magdalena Rodrigues; Manoel Rodrigues; Margarida Rodrigues; Maria da Conceição Rodrigues; Maria de Lourdes Rodrigues; Mathilde Rodrigues; Olinda Rodrigues; Olívia Rodrigues; Olympia Rodrigues; Otarcindo Rodrigues; Ricardo Rodrigues; Waldemar Arias Rodrigues; Americo **Romitti**; Dino Romitti; Alice **Rossetto**; João Rossetto; Albina **Rossi**; Carlos Rossi; Maria Rossi; Alberto Correa **Ruella**; Heraldo Correa Ruella; José Correa Ruella; Adelaide Soares **Ruivo**; Cordolina Soares Ruivo; Antonia **Ruiz**.

Manoel Abreu **Sá**; Sadaca **Sakai**; Tamika Sakai; Emilia **Salapata**; João Salapata; Abelardo **Salgado**; Antonia Salgado; Carmen Salgado; Clotilde Salgado; Domingos Salgado; Elisa Salgado; Manoel Salgado; Maria da Conceição Salgado; Thereza Salgado; Vicente Salgado; Edith **Salgueiro**; Manoel Gomes Salgueiro; Maria Salgueiro; Jovenina **Salles**; Daniel Bueno **Salvador**; Esmeralda Bueno Salvador; Isa Bueno Salvador; Isabel Salvador; Moacyr Bueno Salvador; Paulo Bueno Salvador; Ida **Samberine**; Eulália Villar **Sampaio**; Hermes Sampaio; João Sampaio; Orlando Villar Sampaio; Roberto Sampaio; Zilda Villar Sampaio; Antonia Barbosa **Sanches**; Eduardo Blanco Sanches; José Perez Sanches; Secundino Blanco Sanches; Silvano Blanco Sanches; Vicente Barbosa Sanches; Benedicta **Sant´Anna**; Julia **Santi**; Alda Oliveira **Santos**; Almerinda dos Santos; Álvaro Alves dos Santos; Álvaro dos Santos; Alzira dos Santos; Antonio dos Santos; Armando Abreu dos Santos; Arnaldo Pereira dos Santos; Augusto Bernardes dos Santos; Benedito José dos Santos; Bráslcio Bernardes dos Santos; Carlos dos Santos; Dayse Oliveira Santos; Elvira dos Santos; Ertha dos Santos; Esther Correa Santos; Esther dos Santos; Eurides dos Santos; Galdino dos Santos; Gewtrudes dos Santos; Gilberto dos Santos; Hermione dos Santos; Hildebrando Rodrigues dos Santos; Horacio dos Santos; Irene dos Santos; Isaura dos Santos; Jacy dos Santos; João de Deus dos Santos; João Domingues dos Santos; João Ismael dos Santos; José Abreu dos Santos; José dos Santos; José Eberle dos Santos²⁷²; José Ferreira dos Santos; José Silvestre dos Santos; Julio Marques dos Santos; Lauro dos Santos; Maria dos Santos; Mario dos Santos; Nair Correa Santos; Nathanael dos Santos; Pedro Bernardes dos Santos;

²⁷² José Eberle dos Santos foi, possivelmente, filho de Antonio Eberle dos Santos, Adjunto do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo de 1919 a 1935.

Raymunda Santos; Romualdo dos Santos; Rosa de Oliveira Santos; Saphira dos Santos; Tabajara dos Santos; Theodorico dos Santos; Zuleika Almeida Santos; Alberto **Sartori**; Idalina Sartori; Francisco **Satar**; Luiz **Savary**; Roberto **Scaranari**; Emilio **Scialfa**; José Scialfa; João B. Sento **Sé**; Maria Luz **Seabra**; Iracema **Secco**; Florentina **Seguim**; João Seguim; José Seguim; Nicolina **Seine**; Manuel **Sellera**; Raphael Sellera; Luiza **Selma**; Oswaldo de Araújo **Senger**; Laurinda de **Senne**; Sebastião **Serpa** Filho; Jorge **Serra**; Julio **Serralha**; Eleodoro **Serrano**; Alice de Abreu **Serrão**; Manoel Serrão; Abgail **Silva**; Abrahão dos Santos Silva; Adalgisa Silva; Adelino Rodrigues da Silva; Agenor da Silva; Albina Silva; Alfredo da Silva; Amélia da Silva; Antonio da Silva; Antonio de Almeida e Silva; Aracy Silva²⁷³; Archimedes da Silva; Augusto da Silva; Augusto Silva; Belhiss Silveira; Boanerges Silva; Carlos da Silva; Carmen da Silva; Carmen da Silva; Carmen Silva; Célia Peixoto da Silva; Cinyra Silva; Claudina da Silva; Clementina Silva; Cleuza Silva; Constancia Silva; Creusa da Silva; Crisalina Silva; Daria da Silva; Dinah Rodrigues da Silva; Dolarina da Silva; Doralice Correa da Silva; Duarte Silva; Dulce Silva; Edison Rodrigues da Silva; Eleondina Silva; Emydio da Silva; Escolástica Silva; Esmeralda Silva; Eurídice Silva; Guiomar Fernandes da Silva; Helena Alves da Silva; Helena Silva; Herondina Gaudêncio da Silva; Hilda Silva; Iracy da Silva; Isaura da Silva; Ismael da Silva; João Pereira da Silva; José da Silva; José Faustino da Silva; José Ferreira da Silva; Josephina Silva; Julia Cândida da Silva; Julio da Silva; Jurandyra da Silva; Lauro da Silva; Lia Benicia da Silva; Luiz Alves da Silva; Manoel Fernandes Silva; Manoel Marques da Silva; Marcus V. Da Silva; Maria de Lourdes Silva; Maria Julia da Silva; Maria Silva; Nair Alves da Silva; Nair Pereira da Silva; Nathercia da Silva; Nero da Silva; Nilde de Almeida e Silva; Odila Silva; Olinda Silveira; Olivar José da Silva; Olívia da Silva; Osvaldo da Silva; Paulo Caetano da Silva; Pilar Tavares da Silva; Roque da Silva; Rosa da Silva; Waldemar Pegas da Silva; Waldomira da Silva; Wilson Rodrigues da Silva; Yolanda da Silva; Yolanda Silva; Zayra Silva; Zuleika de Almeida e Silva; Antonio **Silveira**; Germina Gomes Silveira; João Fleury da Silveira; José Pedro Fleury da Silveira; Laura Silveira; Lourdes Silveira; Miroel Silveira²⁷⁴; Nair Silveira; Olívia Silveira; Thereza Silveira; Urânia Silveira; Maria **Simmoneto**; Arthur **Simões**; Gracinda Simões; José Simões; Lucinda Simões; Nair Simões; Virginia Simões; Antonio **Soares**; Arnaldo Ferreira Soares; Dulce Soares; Eugenio Soares; Godofredo Soares; Iracema Soares; José Soares; Manoel Soares; Sophia Soares; Betsy **Solitrenik**; Genny Solitrenik; Rosa Solitrenik; Guilhermino de **Souto**; José Souto; Alaor Telles de **Souza**; Alice Gonçalves de Souza; Almerinda Pinto de Souza; Anésio Paulo de Souza; Armando Alves de Souza; Beatriz de Souza; Cândida Pinto de Souza; Celeste Maria de Souza; Custódio de Souza; Davino de Souza; Eduardo Saldanha de Souza; Ermelinda de Souza; Hercília de Souza; Hermelina de Souza; Herminia de Souza; Isabel de Sousa; Iva de Souza; João de Souza; João Guimarães de Souza; Judith Alves de Souza; Julia Pinto de Souza; Luiz Alves de Souza; Manoel Castro de Souza; Maria Carolina de

²⁷³ Aracy Silva tornou-se Substituta Efetiva do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo em 1921.

²⁷⁴ Miroel Silveira (Santos, 1914 - São Paulo, 1988) foi filho de Valdomiro Silveira, escritor e Secretário da Educação e Saúde Pública do governo de Armando Salles de Oliveira (1933-1936); após se formar em Direito pela USP, participou com Cacilda Becker, Ziembinski e Bibi Ferreira na renovação do teatro brasileiro. Além de importante diretor, ator, crítico, organizador de companhias e escritor, foi professor da Escola de Comunicações e Artes de São Paulo, constituindo ali o Arquivo, que hoje leva seu nome, com mais de 6.000 processos de peças censuradas pela Divisão de Diversões Públicas do Estado de São Paulo, de 1927 a 1968.

Souza; Maria Christina de Souza; Maria da Conceição Souza; Maria de Lourdes Souza; Maria do Carmo Souza; Maria José de Souza; Nicanor de Souza; Odelina de Souza; Odilon de Souza; Olga de Souza; Ozias Telles de Souza; Raymunda de Souza; Reynaldo Alves de Souza; Rosa de Souza; Tácito de Souza; Tarcilia de Souza; Zilda A. De Souza; Mario **Spinelli**; Miguel **Spinosa**; Miguel **Sposito**; Adamastor Duarte **Stoffel**; Darcy Stoffel; Felicia Duarte Stoffel; Jose Duarte Stoffel; Virginia Stoffel; Florinda Dias **Subtil**; Luiza Dias Subtil; Maria Dias Subtil; Susana de **Susini**; Beni Hugo **Swartele**.

Antonio **Taboada**; Mafalda **Taillair**; Adelaide **Taveira**; Conceição Taveira; Antonia **Teixeira**; Belmiro Teixeira; Cassiano Teixeira; Honorina Teixeira; Iago do Brazil Teixeira; Lydia Teixeira; Maximo Dias Teixeira; Nelson Teixeira; Olga Xavier Teixeira; Olívia Teixeira; Rosalina Teixeira; Waldemar Teixeira; Carlota **Telles**; Alberto **Terloni**; Paulina Terloni; Raphael Terloni; Alcides Garcia **Terra**; Pedro **Theodorico**; Nathalina **Tiburcio**; Américo **Tilly**; Conceição Tilly; Ernesto Tilly; Walkirio Tilly; Lauricy **Tiriba**; Manoel Tiriba; Maria das Dores **Toledo**; Luiza **Tonini**; Pedro Tonini; Waldemar Arias **Trilins**; Victor **Trose**.

Alice Garcia do **Valle**; Maria Conceição do Valle; Maria Rosa do Valle; Anna **Valles**; Fernando **Vasconcellos**; Iracema Claudina Vasconcellos; José Alves de Vasconcellos; Esther **Vasques**; Olívia Vasques; Antonia **Vaz**; Christovam Vaz; Isabel Vaz; Lindolpho Vaz; Rosaria Vaz; Francisco **Velho**; Henrique **Veiga**; Requeredo Velho; Alzira **Velloso**; Octavio **Veneziano**; Orlando Veneziano; Alzira **Veríssimo**; Francisco **Vermelho**; Américo **Vianna**; Elvira Vianna; Osvaldo Lobo Vianna; Djanira **Vizzini**; Herminia **Vicente**; Augusto César **Videira**; Delmira **Vieira**; Elisa Vieira; Esmeralda Lino Vieira; Itacy Vieira; Joaquim Vieira; José Vieira; Linneu Lino Vieira; Maria Aparecida Vieira; Odette Vieira; Waldemar Vieira; Sarah **Vieitez**; Lydiá Queiroz **Villar**; Mario Villar; Marcus **Vinicius**; Elvira Moreno **Vivas**; Plácido **Vivian**; Antonio José **Vizzini**; José Vizzini; Vicente Vizzini.

Julio **Witlmersdorf**; Laura Witlmersdorf.

Ernestina **Zacarias**; Izidoro **Zeeverino**; Yolanda **Zorowick**.

APENDICE III
Dados tabelados, de 1915 a 1925

Tabela 1
Distribuição dos professores, por classe.

ALA MASCULINA

	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925	
1	RIBEIRO, L.				TOLEDO							
	ORTIZ	MONTADOR	ORTIZ	VIANNA								
	AMORIM	SALLES, Am.	SALLES, Ad.					VASCONCELLOS	DAMY			
					SANTOS, A.	FRANÇA						
									FONTES			
2	SANTOS, L.											
	RODRIGUES											
	VASCONCELLOS								SANTOS, A.		FONTES	
	CAMARGO				SANTOS, A.							
3	OLIVEIRA, O.	CAMARGO	FONTES						LABRUCIANO	DORIA, A.		
						OLIVEIRA, G.						
4	OLIVEIRA, O.				SANTOS, A.							

ALA FEMININA

	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925	
1	RATTO		BLANDY						SALLES, Ad.			
	FONTES		AMARAL	CAMARGO	AMARAL			LEITUGA		RIBEIRO, C		
	GOMES		FRANÇA			BARROSO						
	SALLES, Am.	SANTOS, I					PINHEIRO		PEREIRA, E		SALGADO	
									WHITAKER			
2	LABRUCIANO				DORIA, G.				GOULART, Z.			
	BARAÚNA				GOULART, N							OLIVEIRA, A.
	LEITUGA	ALMEIDA, Z.		GOULART, Z.			LEITUGA	FERNANDES				
	SALLES, Ad.	LEITUGA			GOMES	LABRUCIANO		OLIVEIRA, G.		BARAÚNA	GOULART, N	
3				GOULART, N		BARAÚNA						
	SALLES, Ad.		GOMES			LEITUGA						
4												

Grupo Escolar - Número de Matrículas											
Masculino											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	107	105	85	97		155	133	169	201	142	
2º	110	94	78	84		105	107	108	105	78	93
3º	35	27	31	34		59	54	35	29	22	
4º	0	24	27	27		26	35	23	0	0	
	252	250	221	242		345	329	335	335	242	93
Feminino											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	129	135	102	123		182	142	179	203	174	
2º	78	64	107	85		105	108	106	99	85	144
3º	29	29	34	66		62	64	56	44	37	81
4º	0	18	20	23		27	30	25	0	0	
	236	246	263	297		376	344	366	346	296	225
Total											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	236	240	187	220		337	275	348	404	316	0
2º	188	158	185	169		210	215	214	204	163	237
3º	64	56	65	100		121	118	91	73	59	81
4º	0	42	47	50		53	65	48	0	0	0
	488	496	484	539		721	673	701	681	538	318

Grupo Escolar - Número de Classes											
Masculino											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	3	3	3	3	3	4	4	4	6	5	
2º	4	2	3	3	3	3	3	3	3	3	2
3º	1	1	1	1	1	2	2	1	1	1	
4º	0	1	1	1	1	1	1	1	0	0	
	8	7	8	8	8	10	10	9	10	9	2
Feminino											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	4	4	3	3	3	4	4	4	5	5	
2º	3	2	3	2	2	3	3	3	3	3	3
3º	1	1	1	2	2	2	2	1	1	1	2
4º	0	1	1	1	1	1	1	1	0	0	
	8	8	8	8	8	10	10	9	9	9	5
Total											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	7	7	6	6	6	8	8	8	11	10	
2º	7	4	6	5	5	6	6	6	6	6	5
3º	2	2	2	3	3	4	4	2	2	2	2
4º	0	2	2	2	2	2	2	2	0	0	
	16	15	16	16	16	20	20	18	19	18	7

Grupo Escolar - Número de Aprovações											
Masculino											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	34	48	40	53	56	72	59	59	87	79	
2º	49	39	39	48	52	56	56	38	50	58	51
3º	31	20	15	18	20	40	31	20	18	19	
4º	0	10	12	13	12	16	24	13	0	0	
	114	117	106	132	140	184	170	130	155	156	51
Feminino											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	32	80	55	76	68	110	54	61	87	87	
2º	40	40	59	47	53	72	47	53	68	79	75
3º	21	29	20	42	23	40	32	28	22	35	55
4º	0	5	5	10	17	21	13	18	0	0	
	93	154	139	175	161	243	146	160	177	201	130
Total											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	66	128	95	129	124	182	113	120	174	166	
2º	89	79	98	95	105	128	103	91	118	137	126
3º	52	49	35	60	43	80	63	48	40	54	55
4º	0	15	17	23	29	37	37	31	0	0	
	207	271	245	307	301	427	316	290	332	357	181

Tabela 2
Matrículas, Classes Abertas e Aprovações, em números absolutos

Grupo Escolar - Número de Matrículas											
Masculino											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	42	42	38	40		45	40	50	60	59	
2º	44	38	35	35		30	33	32	31	32	100
3º	14	11	14	14		17	16	10	9	9	
4º	0	10	12	11		8	11	7	0	0	
Ala	52	50	46	45		48	49	48	49	45	29
Feminino											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	55	55	39	41		48	41	49	59	59	
2º	33	26	41	29		28	31	29	29	29	64
3º	12	12	13	22		16	19	15	13	13	36
4º	0	7	8	8		7	9	7	0	0	
Ala	48	50	54	55		52	51	52	51	55	71
Total											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	48	48	39	41		47	41	50	59	59	
2º	39	32	38	31		29	32	31	30	30	75
3º	13	11	13	19		17	18	13	11	11	25
4º	0	8	10	9		7	10	7	0	0	

Grupo Escolar - Número de Classes											
Masculino											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	38	43	38	38	38	40	40	44	60	56	
2º	50	29	38	38	38	30	30	33	30	33	100
3º	13	14	13	13	13	20	20	11	10	11	
4º	0	14	13	13	13	10	10	11	0	0	
Ala	50	47	50	50	50	50	50	50	53	50	29
Feminino											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	50	50	38	38	38	40	40	44	56	56	
2º	38	25	38	25	25	30	30	33	33	33	60
3º	13	13	13	25	25	20	20	11	11	11	40
4º	0	13	13	13	13	10	10	11	0	0	
Ala	50	53	50	50	50	50	50	50	47	50	71
Total											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	44	47	38	38	38	40	40	44	58	56	
2º	44	27	38	31	31	30	30	33	32	33	71
3º	13	13	13	19	19	20	20	11	11	11	29
4º	0	13	13	13	13	10	10	11	0	0	

Grupo Escolar - Número de Aprovações											
Masculino											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	30	41	38	40	40	39	35	45	56	51	
2º	43	33	37	36	37	30	33	29	32	37	100
3º	27	17	14	14	14	22	18	15	12	12	
4º	0	9	11	10	9	9	14	10	0	0	
Ala	55	43	43	43	47	43	54	45	47	44	28
Feminino											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	34	52	40	43	42	45	37	38	49	43	
2º	43	26	42	27	33	30	32	33	38	39	58
3º	23	19	14	24	14	16	22	18	12	17	42
4º	0	3	4	6	11	9	9	11	0	0	
Ala	45	57	57	57	53	57	46	55	53	56	72
Total											
	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
1º	32	47	39	42	41	43	36	41	52	46	
2º	43	29	40	31	35	30	33	31	36	38	70
3º	25	18	14	20	14	19	20	17	12	15	30
4º	0	6	7	7	10	9	12	11	0	0	

Tabela 3
Matrículas, Classes Abertas e Aprovações, em números percentuais

	Total	Meninos	Meninas
Número de Alunos Aprovados	1779	825	954
Aprovados por 4 vezes	49	25	24
Aprovados por 3 vezes	222	75	147
Aprovados por 2 vezes	532	247	285
Aprovados por 1 vez	976	478	498

Tabela 4
Número de Alunos Aprovados, de 1915 a 1924

	M		F		T	
Alunos matriculados	536	48%	574	52%	1110	100%
Naturais de Santos	420	38%	447	40%	867	78%
Não naturais de Santos	116	11%	127	11%	243	22%
Moradores de Vila Macuco	296	27%	325	29%	621	56%
Não moradores de Vila Macuco	240	22%	249	22%	489	44%
Filhos de brasileiros	257	23%	288	26%	545	49%
Filhos de portugueses	179	16%	197	18%	376	34%
Filhos de outras nacionalidades	100	9%	89	8%	189	17%
Filhos de operários, portuários ou trabalhadores da construção civil	202	18%	227	21%	429	39%
Filhos de trabalhadores do comércio ou da prestação de serviços	193	17%	192	17%	385	34%
Filhos de trabalhadores de transportes (condutores ou carroceiros)	26	2%	25	2%	51	4%
Filhos de funcionários públicos	63	6%	64	6%	127	12%
Filhos de aposentados, pescadores, lavradores, domésticas ou costureiras	52	5%	66	6%	118	11%

Tabela 5
Decomposição do número de matrículas realizadas no ano letivo de 1931 por seção, naturalidade e residência dos alunos, nacionalidade e emprego dos pais.

SOBRE O AUTOR



Marcio Brasil é docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos desde 1991. Como discente, concluiu o curso de Arquitetura e Urbanismo em 1988, iniciou o curso de licenciatura em História em 2004 e ingressou no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação no ano seguinte. Em 2006, participou da instituição do Laboratório de Informação, Arquivo e Memória da Educação da Universidade, onde hoje desenvolve pesquisas sobre a escolarização social na cidade de Santos/SP, durante a Primeira República.